

ISPA - INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA



**A ADOLESCÊNCIA E AS SUAS TRANSFORMAÇÕES  
ATRAVÉS DO RORSCHACH**

**PAULO ALEXANDRE PAIS FERREIRA**

MESTRADO EM PSICOPATOLOGIA E PSICOLOGIA CLÍNICA

2009

INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA

**A ADOLESCÊNCIA E AS SUAS TRANSFORMAÇÕES  
ATRAVÉS DO RORSCHACH**

**PAULO ALEXANDRE PAIS FERREIRA**

ORIENTADOR DA DISSERTAÇÃO:  
PROF.DOUTORA MARIA EMÍLIA MARQUES

Dissertação Apresentada para Obtenção do  
Grau de Mestre em Psicopatologia e Psicologia Clínica

## **Agradeço**

À Prof. Doutora Maria Emília Marques, pela disponibilidade e simpatia que sempre demonstrou ao longo da execução deste trabalho.

À minha mulher Filipa e aos meus pais, que me tem apoiado e ajudado a enfrentar os desafios da vida.

Queria também agradecer aos meus amigos Carlos Câmara, Rui Pedro Meira e Cinda Fonseca, pelo apoio que me prestaram ao nível da tradução de alguns textos.

A todos o meu obrigado.

## Resumo

O desenvolvimento da adolescência é um período de crescimento e de transformações que permitem a passagem da infância para a vida adulta. É esta passagem que procuramos compreender de uma forma mais cuidada, pensando no modo como o sujeito transforma aquilo que em si é desconhecido, o corpo que surge com novas características, as imagens identificatórias que se alteram.

Através deste estudo vai ser possível analisar e compreender a adolescência de uma outra perspectiva, em que as alterações que ocorrem neste período são fruto da interacção do sujeito com o mundo, já que ambos se encontram em constante transformação e mudança. Neste trabalho procura-se compreender o modo como decorrem as transformações na adolescência, principalmente ao nível do corpo e dos processos de identificação, baseando-nos numa perspectiva do conhecimento, em que as transformações são compreendidas numa linha de crescimento e de desenvolvimento.

A revisão bibliográfica levada a cabo, focaliza-se na teoria psicanalítica, o que corresponde a uma escolha de acordo com os nossos interesses pessoais e formação clínica e académica.

O Teste de Manchas de Rorschach é utilizado como instrumento, uma vez permitir aceder ao conhecimento do outro, neste caso, do processo de desenvolvimento da adolescência, não para obter um diagnóstico mas para se aceder a uma compreensão de todo o processo de transformação e de simbolização, que decorre durante este período e que se revela nas respostas que são dadas pelo sujeito.

Para realizarmos este trabalho, seleccionámos dois adolescentes, um rapaz e uma rapariga, em que foram avaliados em dois momentos diferentes, aos 13 anos (pré-adolescência) e aos 17 anos (adolescência), procurando ter uma concepção deste momento enquanto trabalho de integração e de transformação.

Deste trabalho concluímos, que na pré-adolescência como na adolescência, tanto o rapaz como a rapariga, apresentam fragilidades e descontinuidades na representação de si e na representação de si face ao outro.

No que respeita à adolescência propriamente dita, verifica-se que a vivência corporal, ainda está mal compreendida e assimilada, mas encontramos um trabalho mais consolidado ao nível da integração e da construção da identidade.

**Palavras chave:** Adolescência – Desenvolvimento - Transformação - Rorschach

## Abstract

The adolescence development is a period of growing and transformation that enable passage the infancy to the adult life. We want to understand this passage, in a careful mould, thinking the way that occurs in the process of transformation in adolescence.

Through this research, is possible analyse and understanding the adolescence in a new perspective, the alterations that appearing in this period, was just the interaction between subject and the world, and right now both are in constant change and transformation. We find to understand, the way that happen the transformation in adolescence, basing on a knowledge perspective, in which transformations are understandable a perspective of growing and development.

Our bibliographic revision focus on the Psychoanalytical Theory, witch corresponds to a choice according to our interests, people and academic and clinical formation.

Rorschach is a instrument allowing to know the “other”, in this case, the procedure of adolescence development, not just to obtain a diagnostic but in also to understand the all process of transformation and symbolism that occurs in this period of time and reveals it self by the answers given by the subject.

In order to realize this study, we have selected two adolescent, a boy and a girl, that were evaluated in two different moments. First at 13 years old (pre-adolescence) and at 17 years old (adolescence), in order to have a better understanding of their integration and transformation process.

On this study we conclude that in pre-adolescence as well adolescence, both the boy and girl present fragility's and discontinuities in the representation of themselves in face of another.

Concerning the adolescence, we verified the body life-hood is still wrongly understood within the subject, but we found a better development on the level of integration and building to the identity.

**Key-words:** Adolescence – Development – Transformation - Rorschach

# Índice

|  |            |
|--|------------|
| <b>Introdução.....</b>                                     | <b>1</b>   |
| <b>1-Adolescência</b>                                      |            |
| 1.1- Traços Gerais.....                                    | 5          |
| 1.2- A adolescência como um processo de transformação..... | 21         |
| <b>2 – Objectivo do estudo.....</b>                        | <b>29</b>  |
| <b>3 – Modelo de estudo.....</b>                           | <b>33</b>  |
| <b>4 - O Rorschach.....</b>                                | <b>34</b>  |
| 4.1 - Expressão da Adolescência no Rorschach.....          | 37         |
| <b>5-Parâmetros de análise no Rorschach.....</b>           | <b>54</b>  |
| <b>6- Sujeitos.....</b>                                    | <b>65</b>  |
| <b>7-Apresentação dos dados Rorschach.....</b>             | <b>66</b>  |
| 7.1 Protocolos do Salvador.....                            | 67         |
| 7.2 Protocolos da Leonor.....                              | 84         |
| <b>8- Discussão.....</b>                                   | <b>100</b> |

**9-Conclusão.....116**

**Referências Bibliográficas.....121**

**Anexo.....125**

## Introdução

A adolescência é um período do desenvolvimento humano onde ocorrem inúmeras mudanças e transformações. Estas transformações evidentes afectam, tanto o corpo como a relação consigo e com os outros, tanto os comportamentos mais aparentes como a personalidade profunda. Este desenvolvimento irreversível e radical foi sempre fonte de uma formidável potencialidade, mas também de uma verdadeira dificuldade para o adolescente, os pais e aqueles que envolvem o seu dia a dia.

Desde sempre que a adolescência tem sido alvo de atracção e de interesse pelo seu estudo e caracterização. Contudo, resta sempre um espaço de pesquisa, permitindo a compreensão e intervenção mais modulada e mais adaptada à adolescência.

A adolescência também tem sido, ao longo dos anos, objecto de estudo, por parte da Psicanálise. Já Freud (1905/1989) fez algumas considerações em relação a esta fase do desenvolvimento humano, não a designando na altura por adolescência, mas sim, por Puberdade ou Pubescência.

No seio da investigação Psicanalítica, os primeiros estudos acerca da adolescência, incidiram numa perspectiva que tinha por base o modelo pulsional. Neste estudo, a concepção que procuramos desenvolver em relação ao processo de desenvolvimento da adolescência baseia-se a partir das teorias de relação de objecto.

Decidimos levar a cabo um trabalho que nos possibilite ter um melhor conhecimento das transformações que ocorrem durante o processo de desenvolvimento da adolescência, principalmente ao nível do corpo e do processo de identificação, através da transcrição dessas transformações no Rorschach. Para realizarmos este estudo analisamos dois adolescentes, um rapaz e uma rapariga, avaliados em dois momentos diferentes, aos 13 anos (pré-adolescência) e aos 17 anos (adolescência), procurando ter uma concepção deste momento enquanto trabalho de integração e de transformação, em oposição a uma abordagem mais psicopatológica, mais virada para as crises e rupturas, com lutos e depressões. Através deste estudo, vamos analisar e compreender a adolescência de uma outra perspectiva: as alterações que ocorrem neste período são fruto da interacção do sujeito com o mundo, já que ambos se encontram em constante transformação e mudança.

A adolescência é um momento que cada um de nós atravessa na vida, onde operam um conjunto de factores, ligados à transformação e à mudança. Mas nem sempre se pensou a adolescência desta forma.

Uma das primeiras abordagens em relação a adolescência foi feita pela psicopatologia, que atribui uma especial atenção às crises e rupturas que ocorriam.

Braconnier (1985) considera os termos crise e ruptura como ambíguos e propõe a sua substituição para processos de transformação. Todo este movimento das crises e das rupturas decorre no sentido de uma transformação, a qual procuramos abordar neste estudo, uma vez que o nosso objectivo é entender como é que o adolescente realiza essa transformação e quais são os factores que lhe estão associados, quais as implicações que apresenta no sujeito e na relação do sujeito face aos outros.

Durante o desenvolvimento da adolescência, ocorrem múltiplas transformações que conduzem a mudanças. O adolescente sente uma intensa necessidade de dar sentido àquilo que está a acontecer consigo, procura um equilíbrio e uma estabilização, que logo cai no desequilíbrio e numa nova procura. É esta intensa necessidade de procurar e de aprofundar, que vai permitindo um progressivo crescimento, uma transformação.

Das grandes mudanças que ocorrem na adolescência, uma das mais visíveis é a da transformação do corpo, que passa a ter características genitais. O corpo até à puberdade era experimentado de uma forma menos intensa em relação a necessidades e desejos, passando a possuir um papel mais activo, onde as fantasias sexuais e agressivas se manifestam.

Todas as transformações que invadem a vida do adolescente, quer ao nível corporal, como a um nível mental, vão influenciar a sua relação Eu – Outro, mais próximo dos pares e mais afastado dos pais. A necessidade que o adolescente tem em se autonomizar, vai influenciar todas estas transformações relacionais, com o outro e com ele próprio.

A separação da autoridade dos pais é uma tarefa bastante dolorosa, mas essencial ao desenvolvimento do adolescente. É necessário libertar-se do ninho familiar de modo a autonomizar-se. A autonomia, tarefa desenvolvimental central do período adolescente, é um conceito relacional, que envolve mudanças nas relações e nas representações de si próprio e do outro. A autonomização que o adolescente vai conseguindo, vai-lhe permitir pôr em causa as identificações anteriores, ocorrendo um desprendimento do mundo infantil, em busca de um novo mundo, recheado de novos objectos de

identificação, que criam no adolescente algumas transformações ao nível da sua homeostasia identitária.

Durante a adolescência, o confronto com as transformações corporais, com um novo mundo pulsional e com a necessidade de deixar o mundo da infância, leva o adolescente a alterar os seus objectos de identificação. O fascínio pelo outro, em particular para com as pessoas do sexo oposto, bem como a necessidade de deixar os laços demasiado próximos com os pais, levam o jovem a constituir uma nova identidade, através de uma reorganização das suas identificações. A formação da identidade do adolescente cada vez mais vai-se apoiar e suportar nos modelos extra-familiares, integrando com uma maior profundidade os objectos do mesmo sexo (Braconnier e Marcelli, 2000).

Na adolescência verifica-se que as identificações que são realizadas, levam à construção de uma identidade difusa e por vezes mesmo confusa. A grande necessidade que o jovem sente em encontrar a sua própria identidade força o adolescente a afastar-se e a individualizar-se dos seus pais. Este afastamento permite ao adolescente libertar-se das identificações infantis e do controlo e autoridade dos pais, tendo aqui um papel muito importante os contextos psicossociais envolventes (pares, escolas, etc...).

O processo de identificação na adolescência, passa muito pelo grupo. No seio do grupo, ocorre um processo de homogeneização, fazendo com que eles se tornem muito semelhantes entre si, devido à forma como procedem face ao que em cada um, vai surgindo de novo. O surgimento das características sexuais acentua a diferença entre eles e elas e faz com que os jovens se confrontem com o outro que é diferente.

O grupo assume também um papel muito importante, ao nível da contenção daquilo que é inquietante de vivenciar por parte do adolescente, ou seja, ele confronta-se com um outro que tem as mesmas características e que enfrenta o mesmo tipo de inquietações.

Neste trabalho, procuramos ter um melhor conhecimento em relação à forma como decorrem estas transformações na adolescência.

Para podermos aceder ao enigmático mundo do adolescente, utilizamos o teste de manchas de Rorschach, instrumento este que nos revela o movimento de transformação estabelecido pelo adolescente, numa permanente relação entre aquilo que é da ordem do interno e da ordem do externo.

As transformações que ocorrem na adolescência podem ser espelhadas e compreendidas, através da utilização do Rorschach, devido às características de cada cartão, que permitem estabelecer uma relação entre aquilo que é conhecido pelo sujeito

e aquilo que lhe é desconhecido, tendo o sujeito de realizar um movimento de transformação e de integração, que liga o desconhecido ao conhecido, o interno ao externo originando a resposta como um símbolo final onde todos estes elementos surgem ligados. O Rorschach, permite-nos também, aceder ao modo como o adolescente se reconhece, se encontra, se reúne e ao mesmo tempo como reconhece e se liga ao outro igual, diferente ou complementar.

Para podermos analisar as diferentes expressões que caracterizam os processos da adolescência, utilizamos 4 protocolos de Rorschach, de um rapaz e de uma rapariga, recolhidos em momentos diferentes, aos 13 anos (pré-adolescência) e aos 17 anos (adolescência). Os protocolos foram recolhidos e cotados segundo os princípios da Escola Francesa.

Através da expressão veiculada pelas palavras nos protocolos, é possível aceder à essência da adolescência, onde é permitido operar uma relação entre o sujeito e o outro, entre o mundo interno e o externo e deste modo é revelado o conhecimento.

## 1 - Adolescência

### 1.1 - Traços Gerais

Frequentes são os comentários que ouvimos acerca dos adolescentes: ou são os professores que dizem que já não sabem o que fazer com eles, dada a rebeldia que os caracteriza, ou são os pais que se queixam dos conflitos que surgem no interior da família. A verdade é que por muitas queixas que ouçamos, acabamos por aceitar o seu comportamento, talvez por pensarmos que já um dia fomos assim, e que se trata de um comportamento normal nesta idade.

Mais do que uma fase, a adolescência é um processo dinâmico de passagem entre a infância e a idade adulta. A adolescência é um espaço e um tempo, em que os jovens, através de momentos de crescimento diversificados, fazem um trabalho de reintegração do seu passado e das suas ligações infantis, numa nova unidade. Esta reelaboração deverá dar capacidades para optar por valores, fazer a sua orientação sexual, escolher o caminho profissional, integrar-se socialmente em novos moldes. Este processo faz-se também com retrocessos (às vezes dá vontade de voltar a ser criança), este crescer faz-se sozinho e acompanhado, com o melhor amigo, com e contra os pais, com e contra os outros adolescentes e com e contra os outros adultos. De acordo com Blos (1985), a adolescência é o único período da vida onde a regressão pulsional e a regressão do Eu são uma tarefa do desenvolvimento normal.

De um ponto de vista dinâmico, podemos considerar a adolescência como *“uma variação sobre o tema do complexo de Édipo, na história do seu retorno e na história do seu declínio, última oportunidade oferecida ao ser humano de resolver espontaneamente o conflito edipiano, se antes já não o fez”* (Dias, A. ; Vicente, T. N.,1984, p.35).

Segundo Matos, durante a adolescência ocorre um recuo na frente de batalha edipiana, na luta pela posse e domínio da sexualidade genital e independência do projecto pessoal (ser homem ou mulher e ser adulto), *“...entrincheirando-se no ultimo reduto defensivo, a frente narcísica – numa luta pela autonomia protegida e garantia de um «apport» de afecto maternante e piedoso (ser criança crescida; isto é, com a liberdade não inquietante porque assistida – para impedir a regressão final, que seria fusional e despersonalizante. Édipo, príncipe, torna-se rei, mas Narciso. A sonhada*

*aventura de amor e liberdade é uma fuga fantasmática ou salda-se no insucesso – já que o treino nas «artes marciais» e na «brincadeira das casinhas» não passou de um jogo de soldadinhos de chumbo e de bonecas. Resta-lhes, então, vestir o manto real – fictício, mas solene – passeando-se pela corte – que sempre consegue arranjar – de adutores e adutoras: uns, nele projectando o possível êxito da sua própria mediocridade e o desejo de promoção sem esforço, luta e tarimba; outras, porque se imaginam rainhas – mulheres – pelo simples facto de admirarem e acompanharem um parceiro que parece rei – homem.” (Matos, 1982-83b, p.33).*

Existem muitas adolescências, conforme cada infância, cada fase de maturação, cada família, cada época, cada cultura, cada classe social. A adolescência é um período evolutivo, em que há uma mudança de objecto de amor (luto do objecto amoroso infantil e o encontro com o objecto libidinal da idade adulta) e de objectivo (saída dos interesses predominantemente narcísicos, que caracterizam a infância para desenvolvimento dos interesses sociais, de grupo que marcam a vida adulta).

De acordo com Matos (1982-83c), a adolescência caracteriza-se pela perda dos pais na sua função parental e de primeiros objectos de amor e identificação, para a sua conquista como parceiros mais velhos, e pela escolha do par amoroso como objecto da sexualidade adulta, onde ocorre uma mudança do objecto protector e incestuoso (pais), para o objecto exogâmico, ou seja há uma mudança de objectivos narcísicos, de amor captativo, para objectivos genitais, de amor criativo.

A formação de carácter e a aquisição da identidade são dois processos de construção, que também estão associados ao processo de desenvolvimento da adolescência.

Segundo Aberastury (1988), durante a adolescência o sujeito inicia a busca do objecto de amor no mundo externo, o que leva à descoberta do par, se for conseguido o desprendimento interno dos pais. A adolescência é um período de contradições, confuso, doloroso, em que os atritos com o meio familiar e o ambiente circundante são muito frequentes.

De acordo com Matos, *“O adolescente provoca, muitas vezes, medo às «pessoas grandes» (...)E faz medo, porquê? Pelo ímpeto do seu impulso, pela certeza da sua convicção. Numa palavra: por aquilo que, saudosamente, falha no adulto; por tudo o que o desgaste do tempo e a adaptação forçada lhe fizeram perder.*

*Desencadeia medo na «pessoa grande» porque esta espelha o seu desejo e o seu fantasma (não inteiramente assumidos e consciencializados para que uma elaboração*

*autêntica os compatibilize com o real existente e na perspectiva dinâmica da necessária mudança a imprimir-lhe).*” (Matos, 2002, p.93).

A ambivalência da adolescência relaciona-se com as transformações globais que ocorrem no indivíduo e que tornam este nível etário de difícil compreensão, pelos outros e pelos próprios. Coabitam, nesta fase, desejos ambivalentes de crescer e de regredir, de se sentir ainda criança e já adulto, de autonomia e de dependência, de ligação ao passado e de vontade de se projectar no futuro. O comportamento adolescente é geralmente marcado por posições extremas, totalmente activas ou totalmente passivas, ou por uma oscilação entre as duas.

Freud (1905/1989), não faz alusão directa à adolescência mas sim a puberdade ou pubescência.

Do ponto de vista da Psicanálise, a puberdade e a primeira infância assumem um papel fulcral ao nível do desenvolvimento da sexualidade.

Freud (1905/1989) afirma que na primeira infância a pulsão sexual é auto-erótica, ou seja, há uma zona erógena (regiões do corpo cuja excitação produz a satisfação libídinal) que se organiza de modo a satisfazer o próprio sujeito, em oposição na puberdade a pulsão sexual forma-se e direciona-se para um objecto sexual. Na puberdade surge um novo alvo sexual e as pulsões agregam-se para o atingir. Em simultâneo as zonas erógenas cingem-se ao primado da zona genital.

Na puberdade há um crescimento significativo dos órgãos genitais externos e um desenvolvimento dos órgãos genitais internos. Deste modo, o aparelho sexual encontra-se num estado avançado de maturidade.

A adolescência surge após o período de latência. De acordo com Blos, o período de latência proporciona à criança uma potencialização do desenvolvimento do seu Ego, de modo a preparar a sua estrutura psíquica para lidar com as pulsões na puberdade, *“...sem ter passado pelo período de latência a criança será derrotada pela puberdade”*(Blos,1985,p.9).

Durante a latência há uma modificação crescente ao nível do controlo do Ego e do Super-ego sobre a vida dos instintos. Durante este período há uma sublimação das actividades sexuais em detrimento de actividades psicossociais e intelectuais, ou seja, há um deslocamento da energia para o campo do desenvolvimento intelectual e académico.

De acordo com Malpique (1986), o período de latência vai constituir, pelo processo elaborativo que nele decorre, o substrato da identidade, pois os mecanismos psicológicos visam o reforço do Eu, pelo investimento narcísico das suas funções. O

processo de identificação enriquece-se e diversifica-se nas suas referências, ao longo deste período. Entre duas crises de alto conflito, que são o Édipo e a puberdade, algo se vai elaborando que constitui verdadeiramente o esqueleto estrutural, os vectores dinâmicos do carácter.

Diríamos que na infância surge a matéria prima e o projecto criativo do arquitecto (a relação de objecto e o conflito do Édipo), na latência constituem-se os andaimes e ergue-se a casa, na adolescência fazem-se os acabamentos e é possível, pela 1ª vez, olhar a casa e ter uma opinião sobre ela, crise de identidade (Malpique, 1986).

Para Blos (1985) existe uma diferença significativa entre os conceitos adolescência e puberdade. A puberdade está mais associada a manifestações físicas de maturação sexual, enquanto a adolescência está mais ligada a processos psicológicos de adaptação à própria puberdade.

Segundo Blos (1985) a adolescência é a quarta fase do desenvolvimento psicosexual, denominada por fase genital. Blos divide a adolescência em fases de desenvolvimento distintas umas das outras, em que cada fase tem as suas exigências próprias e as suas especificidades.

Antes da entrada na adolescência surge um período de latência que fortalece o Ego para lidar com as pulsões na puberdade.

A seguir ao período de latência, surge a pré-adolescência em que há um aumento quantitativo da pulsão, que leva ao reaparecimento da pré-genitalidade, este facto faz com que o período de latência chegue ao fim.

Em seguida surge a fase denominada por escolha objectal adolescente. Nesta fase há uma passagem de uma pulsão quantitativa para a qualidade da pulsão, este facto faz com que a genitalidade assuma um papel fulcral, passando as relações objectais a figurar em primeiro plano.

A fase seguinte é a adolescência inicial, em que há um predomínio das escolhas objectais narcísicas, ou seja, há uma procura da criação de fontes de amizade com pares do mesmo sexo.

A adolescência propriamente dita é a fase onde há o encontro do objecto heterossexual, possibilitado pelo abandono das posições narcísicas e bissexual. Nesta fase o complexo de Édipo reaparece e há uma desvinculação dos objectos de amor iniciais, o que leva o sujeito a procurar novos objectos.

O final da adolescência é uma fase do desenvolvimento bastante importante e pode-se considerar como uma fase decisiva, ou seja, é um momento de consolidação e de agregação dos processos que até aqui estiveram em construção.

Por último surge a pós-adolescência, onde ocorre a passagem da adolescência para a idade adulta. É nesta fase que termina o crescimento da personalidade do adolescente, devido à harmonização do conjunto das pulsões e a organização do Eu.

Subdivide-se a adolescência num conjunto de fases, para que se possa compreender melhor todos os processos que ocorrem neste período do desenvolvimento. O deslocamento da libido para novos objectos e a necessidade de se fazer escolhas, é um dos processos que assume um papel fulcral em todo o desenvolvimento.

Das grandes mudanças que ocorrem na adolescência uma das mais visíveis é a **transformação do corpo**, que passa a ter características genitais.

Toda a história do passado relacional vivido são de importância fundamental para a imagem corporal subjectiva que o indivíduo organiza e que vai ser um dos principais valores para promover o acesso à genitalidade e à escolha do par sexual. O modo como o adolescente vive a imagem do seu corpo, vai depender do modo como imagina que o outro sexo o aprecia e deseja; por conseguinte, o maior ou menor à-vontade ou inibição em todo o relacionamento heterossexual depende em parte da sua imagem corporal (Matos, 2002).

Segundo Aberastury (1988) as modificações corporais que ocorrem na adolescência tem manifestações psicológicas e levam a uma reorganização das novas relações que se estabelecem com os pais e com o exterior. Estas novas relações só são possíveis de se elaborar se ocorrer um processo doloroso e lento de luto do seu corpo de criança, da sua identidade infantil e do tipo de relações que se estabeleciam com os pais na infância.

De acordo com Matos, *“Fala-se por vezes que o adolescente tem de fazer o luto do corpo infantil, desinvestir dolorosamente a imagem do corpo de criança. Ora, não é o que se passa na evolução normal: nesta não é com pesar mas com alegria, entusiasmo, triunfo e esperança que o púbere assiste ao seu desenvolvimento sexual corpóreo. Tal pesar pela perda do corpo infantil, tristeza pela perda das formas e funções infantis do corpo, com desgosto, vergonha e não aceitação das transformações corporais da puberdade, é um fenómeno patológico, um fenómeno defensivo – com isso o indivíduo defende-se de uma sexualidade que o assusta e perante a qual se inibe, de*

*uma identidade sexual que não pode aceitar, porque mal preparado para a assumir, de uma competição e rivalidade que o intimidam (...). Falar desse luto pelo corpo infantil é, pois, tomar a defesa contra o desenvolvimento pelo próprio desenvolvimento, confundir a tendência regressiva com o movimento progressivo (...).*” (Matos, 2002, p.158).

As mudanças corporais que ocorrem na adolescência criam um grande desequilíbrio em termos da homeostasia interna do sujeito “... *este novo corpo produz a maior turbulência na adolescência...*” (Marques, 1999,p.285).

Por vezes, as modificações corporais que ocorrem nos adolescentes causam grandes transtornos na relação do jovem com o seu próprio corpo, podem sentir o seu corpo como algo estranho e podem mesmo chegar a atacar o seu próprio corpo sem senti-lo como seu. Estes processos auto-destrutivos podem explicar alguns casos de adolescentes suicidas. Para alguns destes adolescentes, morrer significa somente matar o corpo, mas não necessariamente a morte da mente (Aberastury, 1988).

No início da adolescência, o jovem pode viver o seu corpo como um objecto que não lhe pertence, que continua na posse dos pais (principalmente da mãe). Daí a necessidade de libertação e de autonomia em relação aos pais. Esse afastamento, esse romper de amarras por vezes é feito através da utilização do corpo como objecto de mediação (Braconnier e Marcelli, 2000).

De acordo com Salgueiro (1990) o adolescente tem que fazer um movimento de «desentranhamento», para assumir a posse do próprio corpo, até aí considerado propriedade dos pais.

Todo o ambiente que envolve o adolescente, em termos de estilo de vestuário, penteado, maquilhagem, forma de andar, pode ser utilizado como um meio de se distanciar das exigências parentais ou dos hábitos educativos. O corpo e tudo aquilo que o envolve, (roupa, tatuagens, piercings) é um objecto de reconhecimento social entre os adolescentes. É visível neste período do desenvolvimento que o jovem tenha uma grande preocupação com aquilo que veste e do modo como se apresenta, existe mesmo por vezes uma preocupação obsessiva.

Para Braconnier e Marcelli (2000), as mudanças corporais no adolescente geram sentimentos de dúvida tanto no plano físico como no plano psicológico. A atenção atribuída ao corpo, as inquietações focalizadas sobre as diferentes partes do corpo, reflectem esta inquietação que se gera no plano físico. O adolescente começa a direccionar mais a sua atenção na observação e avaliação do seu corpo de modo a ter

um maior reconhecimento e uma maior reapropriação do seu corpo, “*É pois frequente que o adolescente se feche longamente na casa de banho para se olhar, se observar de face, de perfil, de costas; o adolescente explora os primeiros sinais pubertários, os primeiros pêlos, os seios que crescem, o enrugamento do escroto no rapaz, o desenvolvimento e a coloração dos pequenos lábios na rapariga.*”, (op. cit., p.159). No plano psíquico a dúvida traduz-se, claro, por questões existenciais: «quem sou eu?», «no que me tornarei?».

Acontece que o corpo é objecto de preocupações e de angústias, que a transição pubertária aumenta. Por isso, desenvolvem-se os receios das doenças e de malformações diversas de aspecto inestético (dismorfofobia). As dismorfofobias são receios em relação à estética de determinadas partes do corpo. O adolescente tem a sensação de que esta parte do corpo não é bonita, não está bem e por vezes até pensa que toda a gente olha e troça dele. Pode tratar-se de uma parte da cara, da forma dos seios, das coxas, da postura geral do corpo. Estes receios dismorfofóbicos concretizam as dúvidas sobre o corpo, focalizam a angústia e podem prejudicar a relação do adolescente com os outros. Devido a este facto, alguns jovens recusam-se a sair e têm sentimentos de vergonha, ficando confinados ao seu quarto. Tais receios são banais na altura da transformação pubertária, principalmente quando se referem aos órgãos que se modificam durante a puberdade, por exemplo, o aspecto do peito nas raparigas, o tamanho do pénis nos rapazes. Estes receios tem uma dimensão mais patológica quando relativos a órgãos que não estão directamente implicados no processo pubertário, por exemplo, receios sobre o nariz, as orelhas, etc. (Braconnier e Marcelli, 2000).

As dismorfofobias são banais quando são transitórias, e não prejudicam a vida social do adolescente, mas devem ser tidas em conta quando duram e se repercutem de forma séria nas capacidades de adaptação social da pessoa.

As mudanças corporais, as quais levam à perda do esquema corporal infantil e identitário de criança, implicam a busca de uma nova identidade que se vai construindo e há uma reorganização de um novo esquema corporal onde há uma inclusão dos genitais adultos, onde o corpo começa a assumir o seu papel sexuado. O reconhecimento de um sexo no seu corpo implica, além do reconhecimento da sua identidade sexuada, a definição das suas identificações sexuais.

A masturbação cumpre um papel muito importante no estabelecimento da primazia genital na adolescência. Durante a infância, a criança explora os seus genitais para assumir a sua identidade (rapaz / rapariga), enquanto na adolescência o jovem

redescobre e explora seus genitais, devido ao facto de eles possuírem novas características. Na adolescência a masturbação reaparece associada à maturidade genital, que ajuda a aceitar o seu sexo. Permite também defender o jovem do incesto, já que as fantasias incestuosas passam a ser possíveis na realidade. A masturbação cumpre também uma função de ajudar o Ego a organizar-se em torno da supremacia genital (Aberastury, 1988).

Segundo Meltzer (1979) o reaparecimento da masturbação está associado a uma inveja oral infantil que, ao abandonar o Eu, toma posse da identidade de um objecto, o que provoca uma ansiedade confusional no adolescente. Este estado confusional tem por base o corpo, que surge com as características sexuais de uma forma mais marcada.

Durante o desenvolvimento da adolescência, o surgimento do fantasma da masturbação pode estar associado com um possível processo de rejeição sobre o corpo sexuado, mas também pode estar relacionado com a não distinção do momento que o jovem está a viver e das ideias delirantes que possui em vir a ser adulto, que são introduzidas pela masturbação e acompanhada da identificação projectiva com objectos internos (Meltzer, 1979).

De acordo com Laufer e Laufer (1984), a fantasia da masturbação assume um papel importante ao nível da compreensão normal e psicopatológica no desenvolvimento da adolescência. Esta fantasia pode intervir no desenvolvimento do adolescente e pode também ser encontrada na vida adulta.

Durante a adolescência, os jovens são confrontados com mudanças corporais e é neste período que eles lutam contra o surgimento de fantasmas incestuosos e perversos. Esta luta cria uma angustia incontrolável que leva a um “breackdown” ou seja, há um impasse no desenvolvimento que pode levar a rupturas (Laufer e Laufer, 1984).

Alguns adolescentes sentem a necessidade de recorrer a este tipo de estratégias, de modo a ultrapassar a angustia causada pelo fantasma incestuoso.

É através da resolução do complexo de Édipo, durante a adolescência, que os conteúdos dos desejos sexuais e as identificações se integram numa identidade sexual irreversível e que a imagem do corpo se estabelece. A unificação corporal ocorre quando surge uma diferenciação sexual, masculina ou feminina, ou seja, quando o adolescente estabelece uma imagem do seu corpo incluindo os genitais desenvolvidos.

Todas as transformações que invadem a vida do adolescente, quer ao nível mental, quer ao nível corporal, vão influenciar a relação Eu – Outro, mais próximo dos

pares e mais afastado dos pais. A necessidade que o adolescente tem em se autonomizar, vai influenciar todas estas transformações relacionais, com o outro e com ele próprio.

A separação da autoridade dos pais é uma tarefa bastante dolorosa mas essencial ao desenvolvimento do adolescente. É necessário libertar-se do ninho familiar de modo a autonomizar-se.

A **autonomia**, tarefa desenvolvimental central do período adolescente, é um conceito relacional, envolvendo mudanças nas relações e nas representações de si próprio e do outro.

Segundo Braconnier e Marcelli (2000) a separação caracteriza-se por sentimento de decepção, que o adolescente sente e exprime para com os pais, em que ocorre um processo de desidealização parental. Essa desidealização faz com que o adolescente procure novos modelos fora da família, ou seja, no mesmo movimento em que desvaloriza os pais, começa a idealizar um modelo exterior, pode tratar-se de um vizinho, de uma vedeta do mundo da música, do desporto ou das artes, etc.

O reviver da problemática edipiana na adolescência é um dos principais motivos que leva à separação dos pais, existe uma necessidade interna de desvinculação dos objectos parentais, de modo a investir a sua energia na conquista de novos objectos fora do seio familiar. O adolescente torna-se autónomo porque repudia os laços incestuosos, como meio para evitar as regressões a fixações edipianas e pré-edipianas, abandona também, de um modo geral, os laços egóicos com os pais.

Segundo Blos (1985), durante o desenvolvimento da adolescência tem lugar um segundo processo de separação/individuação, ou seja, Blos recorre às teorias de Mahler de modo a potencializar a compreensão da autonomia da adolescência. O segundo processo de separação/individuação é o estruturador de todo o processo adolescente e permite a aquisição dum sentimento de *Eu autónomo* e com limites bem determinados.

De acordo com Fleming(1993) o desejo de autonomia, enquanto processo de separação-individuação, manifesta-se vigorosamente e encontra-se presente já no período peripuberal. O desejo de encontrar novos objectos de investimento e novos alvos para o sistema pulsional fora da família mantém-se presente, do início ao final da adolescência, conferindo ao processo adolescente um carácter eminentemente progressivo, o que contraria a perspectiva clássica que conceptualiza a adolescência, mais como uma defesa contra o movimento regressivo, do que como um movimento progressivo.

Durante a adolescência, verifica-se que o adolescente faz um grande esforço para se separar das dependências infantis, mas muitas vezes toma determinadas atitudes que inviabilizam a separação interna, como, por exemplo, o distanciamento físico ou geográfico do seu habitat familiar, de modo a evitar a separação interna. Na adolescência, a aquisição da autonomia é feita através de um processo gradual e de auto-regulação, em que há um decréscimo da dependência da esfera externa parental, conduzindo a padrões de comportamento regulados pelo Ego Ideal, onde há um reagrupar dos bons objectos internos parentais permitindo o desbravamento de novos caminhos no futuro do adolescente de um modo confiante e autónomo.

O desejo que o adolescente sente em ser autónomo por vezes cria atritos com os pais, mais dramático nas díades mais atravessadas pelo conflito edipiano. A resolução dos possíveis conflitos que se possam gerar entre pais e filhos depende da capacidade dos pais assumirem as perdas narcísicas decorrentes da perda de amor, autoridade e idealização e do modo como encaram a autonomia dos filhos.

Segundo Braconnier e Marcelli (2000) é muito difícil para o adolescente diferenciar-se da família, sem ir até à rejeição, mais ou menos violenta, do que vem dessa família e, por outro lado, uma vez feita essa diferenciação, saber reconhecer-se numa família, numa história, sem correr o risco de ver a sua personalidade dissolvida.

De acordo com Fleming(1993) o desejo e a necessidade que o jovem sente em se transformar num ser autónomo, exercer, no processo adolescente, um movimento de progressão e de desenvolvimento, envolvendo mudanças nas relações e nas representações de si próprio e do outro. A aquisição da autonomia é feita através de conquistas ao nível da apropriação do corpo e da aquisição de um espaço mental para o sujeito poder pensar e para se relacionar fora do seio familiar, passando o grupo de pares a assumir um papel bastante importante na sua vida, por vezes suprimindo mesmo o grupo familiar. A ânsia de encontrar e de conquistar novos objectos de investimento fora da família, mantém-se presente do início ao fim da adolescência, conferindo um carácter progressivo ao desenvolvimento da adolescência.

Fleming (1993) afirma que a consolidação da identidade se processa paralelamente ao processo de autonomia. A rapariga adolescente recorre mais à imagem corporal e à casa como organizadores da sua feminilidade. Em relação ao rapaz adolescente, verifica-se que existe uma maior apropriação de um espaço fora de casa como organizador da sua identidade masculina.

A passagem do desejo de autonomia para a capacidade de se autonomizar é conseguida à custa do desafio à autoridade parental, à custa da desobediência aos pais, pressupondo este conflito importantes remodelações nas instâncias super-egóicas, ideais e normativas, e importantes rearranjos nas interações pais-filhos.

A mãe é a figura mais envolvida nos conflitos em redor da autonomia do adolescente, sendo a figura sobre a qual recai a regulação dos comportamentos. À medida que o adolescente se vai autonomizando, verifica-se que ocorre um processo de desidealização dos pais e um desenvolvimento da aquisição de objectos novos e enriquecidos, em que o jovem deseja o conhecimento do diferente, no próprio e no outro. Na adolescência, o jovem opera na teia dos três vínculos definidos por Bion – L (Amor), H (Ódio) e K (Conhecimento), permitindo a ultrapassagem do impasse gerado pelo Amor e pelo Ódio, em relação às figuras parentais, seguindo o seu caminho ao serviço do vínculo do Conhecimento (Fleming, 1993).

Durante o processo de autonomização do adolescente ocorrem ataques à autoridade parental, mas esses ataques não põem em causa o vínculo emocional com eles, devido ao facto de, para ocorrer uma separação psicológica, ser necessário que o adolescente se sinta ligado aos pais, através de uma relação empática e de segurança. Os pais em todo o processo de autonomização do adolescente assumem um papel muito importante ao nível da estimulação dos filhos, para terem comportamentos exploratórios fora do seio familiar, de modo a fomentarem a sua separação psicológica. A percepção interna de uma relação entre pais e filhos onde reina o amor, garante uma protecção contra os sofrimentos provocados pela *mudança catastrófica* que ocorre na adolescência, onde há uma reactivação de intensos sentimentos de amor e ódio que presidiram as primeiras relações infantis (Fleming, 1993).

Se a emoção básica for o amor, na relação que os pais estabelecem com os filhos, o adolescente progride na sua capacidade de se individuar e de se separar. Se a emoção básica for a hostilidade, o adolescente não encontra a base segura a partir da qual inicia o processo de separação.

A segurança que os pais transmitem aos filhos é uma das qualidades essenciais para o desenvolvimento psicológico dos adolescente. Os pais, durante a infância, como na adolescência, são figuras importantes, uma vez que o processo de individuação adolescente está relacionado, quer com os aspectos infantis, quer com os aspectos contemporâneos da relação com os pais.

De acordo com Fleming (1993) a existência de um vínculo seguro com os pais, revela-se fundamental, já que o adolescente tem de tomar agora a iniciativa de se individualizar, rejeitar activamente os objectos parentais, continentes saturados (no sentido de Bion), incapazes agora de desempenhar cabalmente a sua função de receber, conter e modificar as identificações projectivas e as emoções intensas dos adolescentes.

O adolescente para se poder separar e individualizar, como um indivíduo portador de identidade própria, precisa de se sentir ligado aos pais através de um vínculo seguro. Não estando seguro dos laços que o unem aos pais, e temendo uma perda de amor pelo facto de desejar separar-se deles, o adolescente pode retrair-se na marcha para a tarefa da individualização, dando lugar a um impasse durante o processo de desenvolvimento psicológico.

De acordo com Matos, *“O adolescente quer construir o seu mundo; e, até, um novo mundo: um mundo diferente daquele que lhe legara, e mesmo lhe ensinaram a desejar, ou a suportar; um mundo em que possa viver melhor e com maior satisfação (é evidente que falamos do adolescente normal, não do masochista – que algumas religiões e políticas, entre outras forças que se julgam e/ou apregoam «educativas», fabricam ou se esforçam por fabricar, nem daquele que, à revelia, opta pela satisfação imediata e fugaz, mesmo que esta condicione a insatisfação futura e duradoura).*

*Para poder algum dia realizar essa construção, intervir na realidade da circunstância – como aliás lhe compete como ser racional e transcendente que é – o jovem precisa de «sonhar»: consciente, livremente e em voz alta. Deixar-se «enrolar na ilusão», e sem medo ou vergonha que essa doçura pareça doença.”* (Matos, 2002, p.104).

Na adolescência ocorre um jogo interno onde as identificações anteriores são postas em causa, ocorrendo um desprendimento do mundo infantil em busca de um novo mundo, recheado de novos objectos de identificação, que criam no adolescente algumas alterações ao nível da sua homeostasia identitária, dando uma identidade difusa.

Reflectindo um pouco acerca do **conceito identificação** verifica-se que a identificação é um movimento de construção da identidade do sujeito, em que ocorre uma transformação do próprio por apropriação de especificidades do outro.

O conceito de identificação é central e básico para a compreensão do desenvolvimento e organização da personalidade. Intervém como processo fundamental na formação do Eu, do Supereu e do Ideal do Eu, do carácter e da identidade, sendo por

sua vez uma constante no interjogo contínuo da relação entre o sujeito e o objecto (Grinberg, 2001).

O desenvolvimento do Eu realiza-se, por conseguinte, graças às suas sucessivas identificações de índole diferente, que aparecem desde os primeiros instantes da vida e a partir da relação mais precoce da criança com a mãe.

O processo de identificar-se com um objecto é inconsciente, ainda que possa ter componentes pré-conscientes e conscientes. Neste processo, o sujeito modifica as suas motivações e padrões de comportamento, e as representações do Eu que lhes correspondem, de tal forma que sente ser semelhante às representações desse objecto, confundido-se com elas. Através da identificação, o sujeito reconhece como suas uma ou mais influências reguladoras ou características do objecto que se tornam importantes para si e prossegue o seu vínculo com o objecto. Uma identificação pode adquirir uma relativa autonomia face às suas origens nas relações do sujeito com objectos dinamicamente significativos, (Schafer, cit. por Grinberg, 2001).

A identificação tem lugar, não com uma pessoa, mas sim com uma ou mais representações dessa pessoa. A forma sob a qual o sujeito concebe o outro é apenas uma das versões possíveis.

A identificação refere-se às modificações do Eu que se traduzem no comportamento do sujeito e, por vezes, tendem a aumentar a semelhança com um objecto tomado como modelo. A identificação constitui, para além disso, um dos meios mais primitivos de assegurar a satisfação pelo objecto das necessidades corporais e psíquicas.

De acordo com Matos, a identificação *“é um processo introjectivo (incorporativo) de assimilação de características do modelo. »Eu identifico-me a.» É o sentido habitual da palavra em psicanálise.”* (Matos, 2002,p.200).

*“ As identificações são como uma espécie de camadas de tinta que se vão incrustando e infiltrando no Self. As primeiras identificações infiltram mais a massa do Self – são como o «aparelho» sobre madeira virgem; o corpo do Self«virgem» está cheio de lacunas, de poros, absorvendo na sua massa o produto de identificação, o«tapa-poros». As identificações secundárias actuam já mais sobre a superfície do Self, como «subcapas» de tinta; presidem mais à formação do Supereu do que à modificação do Eu. As identificações ulteriores dão os retoques sobre o aspecto externo, o reflexo para o mundo; são o «verniz».”* (Matos, 2002, p.242).

Matos (1978b) afirma que a identificação pode-se realizar através da interiorização das qualidades e atributos do objecto de identificação (identificação positiva), mas também pode-se realizar num sentido oposto através da modificação do próprio pela criação de características opostas às do modelo (identificação negativa). Na identificação positiva está em causa uma relação amorosa com o objecto de identificação, enquanto na identificação negativa há uma relação de agressividade.

A identificação positiva, leva à construção de uma **identidade alotriomórfica**, ou seja o indivíduo identifica-se a um outro, que serve de modelo de identificação. Mas a identidade também se forma por processos de afirmação e consolidação de características próprias, neste caso trata-se de uma construção da identidade de tipo *idiomórfica*. Quanto mais evoluída é a identidade do sujeito, mais a sua textura é de natureza idiomórfica. Durante o desenrolar da adolescência verifica-se que a identidade alotriomórfica torna-se mais selectiva e mais elaborada (Matos, 1986).

Matos (1978b) afirma que a identificação se realiza ao nível do Eu e do Supereu:

- Ao nível do Eu (identificação primária) possibilita a independência e a autonomia do sujeito. É um processo expansivo, que utiliza um grande investimento do próprio – identificação narcísica.
- Em relação ao Super-Eu (identificação secundária) há uma interiorização da lei social, há a criação de um sistema de contenção dos impulsos, da neutralização da energia pulsional e da sublimação das pulsões. Há uma construção no seu interior de uma instância crítica e directiva (Super-Eu / Ideal do Eu). A identidade secundária é realizada ao nível do investimento objectal, é uma identificação libídinal objectal.

Durante a adolescência o confronto com as transformações corporais com um novo mundo pulsional e com a necessidade de deixar o mundo da infância, o adolescente é levado a alterar os seus objectos de identificação.

O fascínio pelo outro, em particular para com as pessoas do sexo oposto, bem como a necessidade de deixar os laços demasiado próximos com os pais, levam o jovem a constituir uma nova identidade, através de uma reorganização das suas identificações. A formação da identidade do adolescente cada vez mais vai-se apoiar e suportar nos modelos extra-familiares, integrando com uma maior profundidade os objectos do mesmo sexo (Braconnier e Marcelli, 2000).

Na adolescência verifica-se que as identificações que são realizadas, levam à construção de uma identidade difusa e por vezes mesmo confusa.

Na adolescência o sujeito demora algum tempo na definição da sua identidade, devido a dispersão dos atributos da sua personalidade que ainda não se coagularam num conjunto organizado. A capacidade de estruturação da identidade própria caracteriza o culminar da adolescência e a entrada na vida adulta. É na formação da identidade que se coloca a problemática do luto das *imagos parentais* e da mudança de objecto de identificação, ou seja há uma transferência das imagos parentais como objectos de identificação para outros objectos (grupos de pares, amigos do mesmo sexo).

A adolescência é considerada como um período essencial na definição da identidade. *“E só a diferenciação, firmeza e consistência identitária forja societários evoluídos e evolucionistas. Não existe uma sociedade rica e progressista sem membros diferentes, autónomos, livres e criadores. Não queremos rebanhos com pastores nem formaturas de « ordem unida» sob comando autoritário, mas colectivos abertos à indagação, pesquisa e acção transformadora. É o principio da xenofilia, do enriquecimento pelo intercâmbio de experiências e culturas, do prazer na relação com o diferente, do gozo pela explosão do imaginário, da alegria do encontro com significados novos e da graça da descoberta.*

*Vida é festa ou não é vida. É isso que a adolescência nos ensina.”* (Matos, 2007, p.111).

Durante o desenrolar da adolescência o encontro com figuras válidas de identificação, possibilita ao jovem a potencialização da sua personalidade e o estabelecimento de relações estáveis com o mundo social (Matos, 1978 a).

De acordo com Erikson (citado por Fleming, 1993) a formação da identidade é facilitada por um aumento da autonomia, a qual, por sua vez, é tanto maior quanto mais o processo de individuação estiver avançado. A formação da identidade do adolescente é constituída pela interacção das experiências passadas e presentes que se organizam de um modo coerente.

A grande necessidade que o jovem sente em encontrar a sua própria identidade força o adolescente a rejeitar e a revoltar-se contra os seus pais. Esta rejeição e esta revolta permite ao adolescente libertar-se das identificações infantis e do controlo e autoridade dos pais, tendo aqui um papel muito importante os contextos psicossociais envolventes (pares, escolas, etc...).A formação da identidade só é possível através de uma separação psicológica interna e de um afastamento físico face aos pais, potencializando os comportamentos de autonomia.

De um outro ponto de vista, Salgueiro (1990) afirma que não há um desinvestimento das figuras parentais durante a adolescência e defende que as figuras parentais ganham complexidade e ajudam a re-estruturar os objectos internos primordiais, os quais serão o suporte e a estabilidade necessários para atingir o estado adulto, permitindo em paralelo a consolidação narcísica.

Durante a adolescência, o conflito que se estabelece com os pais, segundo Salgueiro (1990), é uma reivindicação genérica de autonomia, uma aceleração imprimida ao processo de separação/individuação.

Na mesma linha de pensamento de Salgueiro, Matos (1984-86) defende a ideia de que não é muito correcto falar-se em luto das imagos parentais. De acordo com o autor, no bom desenvolvimento afectivo não ocorrem perdas nem mudanças bruscas, mas sim evolução relacional. Isto é, o sujeito não perde os seus objectos de amor infantis, mas modifica, progressivamente, a sua relação com eles, de acordo com o nível de autonomização e expansão alcançada pelo Eu. Não há perdas mas antes transformações dessas imagens, sobretudo, modificação da relação com esses objectos.

De acordo com Matos (2002) à medida que a evolução se vai dando, outras identificações se vão processando, modificando, corrigindo e particularizando a identidade que se vai forjando. Entretanto, as figuras de identificação vão sendo cada vez mais da escolha do próprio indivíduo e menos modelos impostos pela necessidade e circunstância; vemos aqui o importante papel desempenhado pela abertura e diversificação do leque relacional, proporcionando ao indivíduo maiores possibilidades de escolha.

Quando o percurso das identificações corre bem, o modelo eleito vai sendo cada vez mais no sentido do que o indivíduo capta, elabora e apreende de si próprio, escolhendo o seu herói ou heroína ou outro tipo de modelo identificatório de acordo com o que sente e tem presente de si próprio, para um aperfeiçoamento e diferenciação do que já é, pensa ser, prevê ser ou pretende ser. Esta é, em síntese e a traços largos, a fase juvenil da construção da identidade (Matos, 2002).

## 1.2 – Adolescência como um processo de transformação

Ao pensarmos a adolescência com base nas teorias da relação de objecto, podemos entendê-la, por meio de uma alusão à lei da física, de Lavoisier, referenciando-a como um período em que nada se perde, tudo se transforma.

Pegando no conceito transformação, podemos verificar que é utilizado em muitas disciplinas, como na geometria projectiva, na teoria dos conjuntos da Matemática, na Gramática, na Filosofia, em outras ciências, e naturalmente, em Psicanálise, a partir dos trabalhos de Bion (Citado por Zimerman, 1995).

A palavra transformação significa formar para além de. As mudanças da forma de um determinado fenómeno podem ser múltiplas, adquirem os mais diversos formatos e significados, porém, sempre conservarão a propriedade de se conectarem entre si, devido à permanente manutenção de pelo menos um elemento imutável comum a todas as formas, e que constitui o que se conhece por invariante.

Apesar da adolescência ser um período do desenvolvimento onde ocorrem significativas transformações, ao nível interno e externo, verifica-se que existem elementos que se mantêm também imutáveis, que atravessam infância, adolescência e idade adulta.

A nova concepção de adolescência proposta por Braconnier (1985) define-se como um processo de transformação habitado por sistemas de acção, onde uns se continuam a desenvolver e outros se estão a formar. Neste contexto, a patologia surge, não como uma ruptura, mas como um obstáculo à mudança e/ou como uma ausência de formação nova.

Os processos da adolescência para Braconnier (1985) são definidos como: acções que se continuam a desenvolver, a construção do ideal do eu que se foi fazendo através de uma limitação entre o masculino e o feminino, assim como a actualização das acções em desenvolvimento.

Este autor desenvolve a ideia de que na adolescência decorre um trabalho psíquico que pode ser considerado como um trabalho de separação, onde pode estar presente uma angustia depressiva. Este trabalho de separação é considerado mais como um processo normal de afectação psicológica, isto é, de transformação das formações

mentais, possuindo o perigo de se tratar, mais de uma referência a uma situação interactiva, do que de uma situação internalizada.

Deste modo, a adolescência é vista como um tempo de mutação de investimento ou de trabalho intrapsíquico, o que está relacionado com as separações reais do meio familiar, que negocia a clivagem que ocorre entre o *attchement* ao objecto e aos novos investimentos.

Durante o desenvolvimento da adolescência ocorrem múltiplas transformações que conduzem a mudanças. O adolescente sente uma intensa necessidade de dar sentido àquilo que está a acontecer consigo, procura um equilíbrio e uma estabilização, que logo cai no desequilíbrio e numa nova procura. É esta intensa necessidade de procurar e de aprofundar que vai permitindo um progressivo crescimento, uma transformação.

Winnicott (citado por Bollas, 1989) defende a existência de um objecto transformacional que é identificado pela criança a partir do momento em que ela o reconhece como modificador da experiência do seu Eu.

Bollas (1989) utiliza o termo *objecto transformacional* para se referir a um objecto que transforma o mundo interno e externo do sujeito.

A experiência da mãe como processo de transformação, revela diferentes aspectos. A mãe possui a função de objecto transformacional, modificando os aspectos do meio ambiente de modo a responder às necessidades do bebé; ela funciona como transformadora do meio do bebé. Através do objecto transformacional, o bebé pode jogar com a ilusão e com a sua própria onipotência, sendo este o seu primeiro acto de criação.

Um processo no qual decorrem sucessivas transformações, de parte a parte, é o da capacidade de *rêverie*, da mãe com o bebé, de que nos fala Bion (1965/1991).

De acordo com Bion (1965/1991) a *rêverie* materna desenvolve-se em dois registos: o emocional e o intelectual, que se distinguem apenas para facilitar a explicação da sua ligação.

A mãe adapta-se às necessidades do seu bebé e, ao responder de modo adequado, ajuda-o a descobrir quais são as suas necessidades. Mais tarde, o bebé interiorizá esta forma de proceder e será capaz de proceder por si mesmo. Por outro lado, a *rêverie* da mãe encontra-se associada ao amor (L) e ao ódio (H).

Bion (citado por Zimerman, 1995) faz alusão a um sistema hipotético onde é possível transformar os dados sensoriais em pensamentos oníricos e pensamentos inconscientes de vigília. A função alfa actua sobre as impressões sensoriais e sobre as

emoções de que o sujeito tem consciência. No caso deste processo actuar, produzem-se os elementos que podem ser armazenados e utilizados nos elementos oníricos, quando este processo não se efectua as impressões sensoriais e as emoções permanecem no seu estado original.

Bion (1965/1991) considera os elementos alfa ( $\alpha$ ), como “fenómenos”, que já sofreram um processo de transformação e como tal podem ser pensados. Os elementos Beta( $\beta$ ), “coisas em si”, que ainda não foram sujeitos a uma transformação e como tal ainda não podem ser pensados pelo sujeito.

Os elementos  $\beta$  são objectos maus, dos quais o bebé necessita de se libertar. A mãe não só tem a função de alimentar, como serve de continente para todos os sentimentos de desprazer (mau seio) do bebé. A eliminação do mau seio dentro da mãe constitui a evacuação de um elemento  $\beta$ , através de um mecanismo de identificação projectiva (Grinberg & Biananedi, 1991).

O que acontece na infância é que o bebé projecta na mãe os elementos beta que não são por ele tolerados e a mãe, através da sua capacidade de rêverie, transforma esses elementos e transmite-os ao bebé sob a forma de elementos alfa. Muitas vezes a mãe não tem capacidade de dar uma resposta imediata às necessidades do bebé e ele tem de lidar com a frustração, este facto faz com que o bebé tenha que ser capaz de transformar os elementos beta em elementos alfa.

De acordo com a função de rêverie, de Bion, pressupõe-se que o adolescente durante a sua infância tenha aprendido com a sua mãe o modo como se transformam os elementos beta em elementos alfa, de modo a poder lidar e tolerar a frustração.

Bion (citado por Grinberg, et. al, 1991) propõe o termo *barreira de contacto*, para definir o conjunto constituído pelo aumento dos elementos alfa que permitem demarcar a separação entre consciente e inconsciente. Este processo tem uma formação continua, assumindo uma função de membrana semi-permeável que separa os fenómenos mentais.

De acordo com Cabral, “... a barreira de contacto funciona como uma membrana semi-permeável e transformadora, separando e simultaneamente, pondo em contacto o interno e o externo, há uma passagem selectiva de elementos entre o consciente e o inconsciente e vice-versa é também a natureza da barreira de contacto e dos elementos que determinará essa transposição, assim como as características da memória e das recordações”(Cabral, 1998, p.132).

A barreira de contacto é um protótipo da função alfa, a qual parece ocupar o lugar do pré-consciente de Freud. A formação da barreira de contacto é o resultado das reintrojecções do espaço psíquico da mãe, e funcionará como um continente relativamente autónomo para as actividades psíquicas da criança, que estas actividades formariam o seu conteúdo.

O aumento progressivo, no psiquismo do bebé, de elementos  $\alpha$ , isto é, imagens, modelos auditivos ou olfactivos que serão armazenados e utilizados para a formação de pensamentos oníricos, pensamentos inconscientes de vigília, sonhos ou recordações, formará uma “barreira de contacto”, protótipo da função  $\alpha$ , a qual parece ocupar o lugar típico do sistema pré-consciente de Freud. É a partir desta barreira de contacto que se constituem, por um lado, as fantasias inconscientes e, por outro, a consciência que, para Freud, seria o órgão encarregado da percepção das qualidades psíquicas (Cabral, 1998).

Após o nascimento, e durante os primeiros meses de vida do bebé, a mãe é a figura que funciona como elo de ligação entre o interno e o externo através da sua função de rêverie. Mais tarde, vai ser a barreira de contacto que vai passar a ter uma função de ligação, uma vez que é ela que assegura a relação normal entre a realidade e o mundo interno (Grinberg et al., 1991).

Marques afirma que, *”são as mudanças, as transformações, os novos objectos e objectivos envolvidos no processo adolescente, que arrastam e impõem uma acção renovada e renovadora da «barreira de contacto». Actuando e transformando(-se), a barreira de contacto, funcionando entre o interior e o exterior, o sujeito e o objecto, o inconsciente e o consciente, arrasta o exercício da visão binocular, que dá origem e cria novos objectos – internos e externos. São então (re)criados os objectos e o sujeito, com novas qualidades e atributos, como produto/produtores da mudança e da transformação.”* (Marques, 1999, p.280).

A barreira de contacto marca o ponto de contiguidade entre os elementos conscientes e inconscientes e vice-versa, isto é, os elementos passam selectivamente do inconsciente ao consciente, e do consciente para o inconsciente (Bléandonu, 1993).

Se a barreira de contacto deixa de ser transformadora, geradora da função simbólica, o psiquismo adoece. Se, para Freud, o pré-consciente era do domínio da representação da palavra, da linguagem, Bion dá-lhe uma importância fundamental, concebendo-o uma forma mais radical, ou seja, o pré-consciente é a barreira de contacto

que ela própria cria, diferencia e une o Eu e o outro, o consciente e o inconsciente e , portanto, a capacidade de pensar (Cabral, 1998).

Para podermos compreender melhor como ocorre o processo de transformação na adolescência, é fulcral que possamos analisar a noção, relação continente - conteúdo, introduzida por Bion (1965), que tem por base a identificação projectiva descrita por Klein, da qual Bion retira a ideia de um continente em que um objecto é projectado e a ideia de um objecto que designa pelo termo conteúdo. O continente e o conteúdo são capazes de se unir e de serem penetrados pela emoção, perdem vitalidade e aproximam-se dos objectos inanimados, levando posteriormente à abstracção. (Bléandou, 1993).

Bion afirma que existe uma relação continente-conteúdo na infância na relação precoce entre mãe-bebé, ou seja, a primeira relação precoce entre boca-seio é uma relação de continente-conteúdo (Dias & Fleming, 1998).

O desenvolvimento da relação continente-conteúdo vai sustentar um aparelho de aprendizagem pela experiência. A proliferação de continente e de conteúdo para o infinito (n), faz com que as aprendizagens se complexifiquem mantendo sempre as qualidades básicas (Dias & Fleming, 1998).

Bion pega na sua formulação inicial de continente-conteúdo e submete-a a uma reestruturação *“esta formulação aparece a Bion como «insatisfatória», obrigando a «uma abstracção mais aprofundada», que o vai levar de um «simples» modelo para a identificação projectiva até se tornar num elemento da psicanálise da mesma importância que a função  $Ps \leftrightarrow D$  (função esquizoparanoide  $\leftrightarrow$  depressiva).”* (Dias & Fleming, 1998, p.10).

A nova conceptualização teorica de Bion entende a função esquizoparanóide (Ps) como um espaço onde está presente a dispersão e a função depressiva (D), que é onde ocorre uma integração, existindo também uma permanente oscilação entre períodos de desintegração e de integração ( $Ps \leftrightarrow D$ ). Fazendo um paralelismo entre a formulação inicial continente-conteúdo e a posição esquizoparanoide e depressiva verifica-se que a Ps aproxima-se ao continente, onde se procura conter a dispersão, e D ao conteúdo, uma vez que é nele que se produz um significado.

De acordo com Bion, continente e conteúdo e  $Ps \leftrightarrow D$  são processos através dos quais o sujeito é capaz de pensar pensamentos, que se instala logo no bebé (Grinberg et al. 1991).

O modelo continente-conteúdo assume um papel importante e activo em termos de aparelho para pensar – as introjecções feitas do bom seio são responsáveis pelo desempenho da função  $\alpha$ .

Na adolescência espera-se que o adolescente já tenha introjectado a capacidade de conter e de transformar, podendo-se fazer um paralelismo entre o adolescente e um continente, onde se inserem vários conteúdos relacionados com a família, com o corpo, com os amigos, etc... Por outro lado a família e os amigos podem ser entendidos como um continente, face ao qual o adolescente se coloca com os conteúdos, com os quais tem dificuldade de se relacionar. Este movimento que ocorre entre ele e os outros, e dos outros para consigo, permite uma transformação e um enriquecimento da sua personalidade.

Continente e conteúdo transformam os elementos  $\beta$  em elementos  $\alpha$ , a partir do qual emerge a operação  $Ps \leftrightarrow D$ , mas a interacção entre  $Ps \leftrightarrow D$  e continente e conteúdo é tão intensa, que leva o continente a estar dependente de  $Ps \leftrightarrow D$ .

É esta interacção que vai colocar  $Ps \leftrightarrow D$  em alternância aos processos de fragmentação e integração necessários ao desenvolvimento do processo de pensar, e o continente-conteúdo como expulsor-ingestor (Dias & Fleming, 1998).

Para Bion (citado por Grinberg, 1991) os elementos  $\beta$  são as impressões sensoriais e as experiências emocionais não transformadas, estes elementos são sentidos como “coisas em si mesmas” e são eliminados através da identificação projectiva.

Na adolescência aquilo que é sentido como desagradável, como por exemplo os receios ligados ao corpo, são introjectados num continente externo ao sujeito, de modo a que essas sensações possam ser transformadas, trabalhadas e devolvidas ao adolescente, para que possam vir a serem integradas.

Partindo-se do modelo relacional mãe-bebé, gera-se uma teoria para a comunicação humana, como continente-conteúdo, tendo como objectivo a transformação de H (ódio) em L (amor) de modo a se obter K (conhecimento), (Dias & Fleming, 1998).

A transformação actua na adolescência entre o jovem e o outro e, no seio do desenvolvimento da adolescência, é que ocorre uma mudança, onde é suposto que o sujeito integre coisas novas e que consiga dar o passo em frente (passagem da infância para a vida adulta).

Relacionado com o conceito de transformação está o de invariância, que se refere ao que fica inalterado no processo de transformação. Através da invariância é possível reconhecer, no produto final, o original transformado. Podemos dizer que a invariância se refere aos aspectos não alterados de “O”, depois de terminado o processo de transformação.

O símbolo “O” significa a “verdade absoluta”, a “realidade”, a “coisa em si mesma”, o “infinito”, o “desconhecido”. As transformações em “O” apresentam um carácter disruptivo que é descrito por Bion como uma mudança catastrófica. Bion denomina mudança catastrófica “*o conjunto de acontecimentos que têm lugar aquando do aparecimento de uma ideia nova*” (citado por Dias & Fleming, 1998, p. 27).

Estas mudanças podem ocorrer num indivíduo ou num grupo. O surgimento de uma ideia nova pode gerar uma mudança mais ou menos violenta, contendo em si uma desrupção, associada a três características fundamentais: violência, invariância e subversão do sistema, (mudança catastrófica).

A violência está associada à transformação durante a qual ocorre a mudança catastrófica. Seja qual for o sistema envolvido, o seu desenvolvimento implica sempre períodos de crise, nos quais a transformação é de uma grande intensidade e qualidade, em que a sua vivência implica desorganização e dor (Dias & Fleming).

A invariância reflecte-se essencialmente na transformação em “O” mantendo os elementos de valência.

Durante o desenvolvimento da adolescência, ocorrem momentos de crise que permitem o surgimento de processos de transformação. Por sua vez essa transformação implica uma desorganização inicial, muitas vezes dolorosa que conduz à mudança final.

Na adolescência há uma passagem da condição de criança para a de adulto, é esta passagem de estado mental que permite a mudança catastrófica.

Por vezes, pode haver uma resistência à mudança catastrófica que pode exprimir-se através da presença das identificações projectivas, aos objectos internos primordiais que dificultam os processos de luto e de identificação introjectiva, impossibilitando o crescimento psíquico do sujeito (Cabral, 1998).

Segundo Bion (citado por Dias & Fleming, 1998), existe um ponto de partida e de chegada, no modelo continente-conteúdo e na oscilação  $Ps \leftrightarrow D$ , que se denomina por objecto psicanalítico modificado.

Podemos considerar a adolescência como um ponto de chegada que o jovem atinge após a infância, mas, ao mesmo tempo, também é um ponto de partida rumo à idade “desejada”, a idade adulta.

Ao se considerar o desenvolvimento da adolescência como um processo onde há um acumular de novos conhecimentos, podemos entender estes conhecimentos só por si como uma mudança catastrófica.

Segundo Marques, a adolescência é um período do desenvolvimento onde ocorrem múltiplas transformações, que conduzem à mudança e a novas formações. *“Este processo transformacional que é a adolescência será percorrido através de movimentos com a marca da permanência, restauração, ligação e simbolização, movimentos estes que irão permitir a criação, a construção e o tornar-se, que exigem e impõem a actualização e a experiência. Este processo transformacional é vivido como uma mudança catastrófica, induz vivências de confusão e estranheza e de indiferenciação com dor mental, que mobilizam os processos que tem a marca da oscilação dinâmica entre a dispersão e a integração, que levam ao estabelecimento de novas relações continente-conteúdo, através da identificação projectiva.”* (Marques, 1999, p.304).

De acordo com Dias & Fleming (1998) conhecer é também ser contido (conteúdo) para ser conhecido, para reconhecer, e conter (continente), é também uma forma de se dar a conhecer pela natureza da contenção.

Durante o desenvolvimento da adolescência o jovem tem uma necessidade de desbravar novas fronteiras e de conquistar o desconhecido de modo a aumentar a sua panóplia de conhecimentos. Essa conquista aumenta a sua estabilidade e a sua segurança (nova forma de conter o desconhecido).

## 2 – Objectivo do estudo

O Rorschach é um instrumento privilegiado de avaliação psicológica. Sendo particularmente utilizado na clínica, com características muito precisas no que se refere à avaliação, isto é, à possibilidade de aceder ao funcionamento mental do sujeito. No entanto, trata-se de um instrumento que, para além da sua possibilidade de promover o estabelecimento de um diagnóstico, possibilita o conhecimento da natureza e do funcionamento do sujeito, da forma como ele se vive na relação consigo e com o outro. A insuficiência, que do nosso ponto de vista se poderá encontrar no Rorschach, está relacionada com a possibilidade de compreender os processos psíquicos do sujeito, expressos no seu tipo de relação, o que nos levou a procurar enriquecê-lo e dotá-lo de novas qualidades.

Deste modo, o estudo do Rorschach baseia-se nas referências que normalmente o sustentam mas alargando-se a outras concepções. É nesse sentido que entendemos a actividade mental do sujeito interveniente no processo de resposta Rorschach como uma actividade de ligação, que se revela entre o sujeito e o objecto, entre o interno e o externo.

Na adolescência emerge todo este processo. Há um crescimento que decorre de uma procura de sentido, de significados para aquilo que está em jogo. A mudança da condição de criança para a de adulto ocorre num sentido da transformação e do crescimento. Esta transformação que possibilita o crescimento, pode ser melhor compreendida se entendida à luz das teorias de relação de objecto e das transformações, uma vez que são elas que viabilizam um acesso à simbolização, à criação dos novos objectos.

Numa concepção clássica do que ocorre durante a adolescência encontramos, tal como vimos anteriormente, uma possibilidade de compreensão deste período, em que ocorrem crises, rupturas, lutos. No nosso entender, trata-se de uma compreensão com uma visão mais psicopatológica, de um período do desenvolvimento que se caracteriza essencialmente por uma turbulência interna que se expressa no mundo externo

Através deste estudo, vamos analisar e compreender a adolescência de uma outra perspectiva: as alterações que ocorrem neste período são fruto da interacção do sujeito com o mundo, já que ambos se encontram em constante transformação e mudança.

Neste trabalho procuramos ter um melhor conhecimento em relação às transformações que ocorrem durante o processo de desenvolvimento da adolescência, principalmente ao nível do corpo e dos processos de identificação.

Para podermos compreender melhor como é que decorre o processo de transformação na adolescência utilizamos o Rorschach, que funcionará como uma situação nova, indutora de mudança para o sujeito, perante a qual ele terá de revelar aquilo que em si é conhecido, bem como integrar o que lhe é desconhecido. É esta dupla expressão do sujeito, daquilo que é conhecido e do que não é, na passagem do interno face ao externo, que nos vai permitir estudar como é que decorre este processo que conduz à simbolização, ou seja, à expressão máxima do pensamento.

Para analisarmos estas transformações, vamos utilizar 4 protocolos de Rorschach, de dois adolescentes, um rapaz e uma rapariga, avaliados em momentos diferentes, aos 13 anos (pré-adolescência) e aos 17 anos (adolescência).

O sujeito, perante a passagem do Rorschach, vê-se confrontado com uma mudança, com o emergir de uma nova situação onde surgem novas ideias, que pode ser entendida como uma mudança catastrófica, utilizando o conceito de Bion. Esta situação é induzida pelo ter de dar nome às manchas que possuem um carácter ambíguo. É na actividade de nomeação que surgem ideias novas, novos significados. De acordo com Marques (1996<sup>a</sup>), no processo de resposta Rorschach decorre um trabalho de transformação, ligação e criação, entre o interno e o externo que, através da projecção, impõe e faz emergir a expressão de simbolização e, portanto, do pensamento.

Tal como vimos anteriormente, a situação Rorschach pode ser vista como indutora de uma mudança catastrófica, mas também como um processo de transformação através do qual se constrói uma ligação entre os elementos do mundo interno e externo, entre passado-presente-futuro, também na adolescência decorre um processo onde existe uma ligação do mesmo tipo. O sujeito, face à situação, terá de realizar uma integração destes movimentos, o que leva à designação da resposta Rorschach.

O processo da resposta Rorschach visa a restauração do equilíbrio que foi perdido, após a vivência catastrófica, através da actividade de nomeação do símbolo. A comunicação de uma resposta revela a transformação que o sujeito teve de realizar entre a ordem do interno e do externo, o que revela toda uma actividade de ligação e de criação de sentido. Este movimento pode ser pensado em termos de relação continente-conteúdo, uma vez que para que haja transformação é necessário um conteúdo para ser

transformado e um continente para que a mesma se realize. Neste mecanismo está implícito a noção de “barreira de contacto”, uma vez que ela permite o contacto entre aquilo que é consciente e aquilo que é inconsciente no sujeito.

Tanto no processo resposta Rorschach, como na vivência da adolescência, o sujeito vai se confrontando com situações novas, à qual este faz frente através da capacidade de rêverie, nomeadamente da função  $\alpha$ . Essa situação nova é transformada pela capacidade de pensar, e a transformação realizada é comunicada ao outro sob a forma de palavras (os elementos  $\alpha$ ), que fazem a ligação entre aquilo que é interno e o que é externo, revelando a capacidade que o sujeito tem de transformar a dor mental sentida inicialmente pelo seu contacto com a situação nova.

As imagens que o sujeito fornece, comunicadas em palavras, são o produto transformado do movimento que ele teve de operar entre aquilo que é da ordem do interno e o que é da ordem do externo, realizando um movimento próximo do que é descrito por Bion na oscilação  $Ps \leftrightarrow D$ .

A adolescência constitui-se como uma etapa intermédia entre aquilo que é da ordem da infância e o que faz parte do funcionamento adulto. É nesta fase, e na perspectiva de um desenvolvimento normativo, que assistimos à transformação quer ao nível das identificações, quer ao nível da expressão face ao corpo, onde são evidentes as diferenças que ocorrem relativamente ao corpo do sujeito. Perante este desenvolvimento, que se encontra em curso importa-nos perceber como é que o sujeito lida com essa transformação, como é que é sentido e vivido o crescimento com que agora se depara.

É num crescimento da mente em expansão, numa procura de simbolização, que se enquadra o nosso entendimento da transformação do adolescente. A transformação que ocorre a vários níveis no sentido da procura do conhecimento, da pulsão epistemofílica de Klein, do vínculo K de Bion, trata-se de um momento de desenvolvimento, onde existe uma integração do desconhecido no conhecido.

No fundo, procuramos partir de um ponto “O”, o adolescente na sua invariância e complexidade, procuramos entendê-lo, conferindo-lhe um sentido através daquela que é a sua expressão na resposta, face a uma mancha, dotada de um carácter ambíguo e face à qual toda ambivalência do sujeito é evidenciada mas também organizada, através das estratégias que já enumerámos, surgindo um trabalho de ligação e criação de um novo sentido.

O nosso ponto de partida “O” é o sujeito, mas naquela que é a sua capacidade de transformar a mancha numa imagem (resposta), dotada de significado e de sentido. Na possibilidade de transformar uma mancha em símbolo, isto é, em imagem, está envolvido todo um movimento de ligação entre o interno e o externo.

No final chegamos também a um ponto “O”, a resposta do sujeito que deu lugar a um símbolo, o qual revela o que de mais profundo existe no sujeito, o que liga o interno e o externo, mas já transformado, revelando outros significados, isto é, novos sentidos.

### **3 – Modelo de estudo**

Através deste estudo de caso propusemo-nos, desde o início, estudar as transformações que ocorrem durante o processo de desenvolvimento da adolescência, numa referência aos vários modelos que constituem a teoria Psicanalítica. A metodologia utilizada neste estudo, reflectirá esta escolha inicial, sendo portanto uma metodologia projectiva dinâmica.

Para atingir o nosso objectivo, que é o de estudar as transformações que ocorrem durante o processo de desenvolvimento da adolescência, escolhemos o Teste de Manchas de Rorschach, como instrumento e como método.

As transformações que ocorrem na adolescência podem ser espelhadas e compreendidas, através do Rorschach, devido às características de cada cartão, que permitem estabelecer uma relação entre aquilo que é conhecido pelo sujeito e aquilo que lhe é desconhecido, tendo o sujeito de realizar um movimento de transformação e de integração, que liga o desconhecido ao conhecido, o interno ao externo originando a resposta como um símbolo final onde todos estes elementos surgem ligados.

## 4 - O Rorschach

Neste trabalho procuramos enriquecer o Rorschach com uma teoria mais ampla, que o torne mais sensível à interpretação e à procura de sentidos, bem como aos movimentos e aos processos mentais mais importantes, sobretudo os que dão conta do crescimento e da expansão mental, que impõem uma actividade de ligação e de transformação.

Os cartões do Rorschach são constituídos por manchas de tinta, negras e policromáticas, as quais se apresentam de um modo pouco familiar para com o sujeito. Perante este instrumento, onde a realidade objectiva é mínima, é feito um apelo à criatividade do sujeito, uma vez que o material é desprovido de um significado à partida.

Perante um estímulo, o sujeito mobiliza todos os seus recursos mais profundos, procurando soluções a utilizar perante uma situação vivida como nova, que pode ser sentida como problemática ou não. Deste modo, o sujeito recorre à associação que lhe permite, através da própria configuração das manchas aceder ao que em si existe de mais profundo.

De acordo com Marques (1996b) no Rorschach, *“o sujeito, ao figurar um objecto através da actividade de “jogo”, e também a uma actividade de criação e de recriação, que surgiu a partir do confronto que produz um impacto emocional importante que levou ao encontro, reencontro, reformulação e refundição, isto é, á transformação do interno e do externo”*. Assim sendo *“dar significado, criar uma imagem, é estabelecer relações, ligações e transformações entre o objecto interno e o externo, o que constitui a base da empatia que funda o conhecimento”* (Marques, 1996b, p.43).

No processo resposta Rorschach, está implícito um processo criativo, isto é, de simbolização, em que diferentes partes se ligam, havendo uma interacção entre aquilo que é da ordem do interno/subjectivo, que é projectado logo simbolizado, e o externo/objectivo, que é percebido, ou seja, a mancha.

O processo resposta Rorschach, normalmente utiliza-se como um instrumento que tem como principal objectivo o estabelecimento de um diagnóstico psicológico, mas também é um instrumento que *“expressa e revela o espaço da mediação, ligação,*

*transformação e recriação entre o que é interno e externo, entre o que é presente e passado e o que é presente e futuro”* (Marques & Aleixo, 1994, p. 461).

Na perspectiva clássica o Rorschach é um instrumento que permite aceder a um diagnóstico, tendo por base concepções psicopatológicas. Neste trabalho, consideramos mais importante compreender quais são os processos (comunicação, ligação, transformação e simbolização) que estão envolvidos na elaboração da resposta Rorschach. É através da análise destes processos que podemos aceder ao cerne do sujeito que queremos analisar.

De acordo com Marques (1996b) o confronto do sujeito com a situação projectiva obriga a uma mudança psíquica. Tal confronto pode ser conceptualizado com o recurso à noção de *mudança catastrófica*, (tal como é explicitado em Bion), devido ao facto do sujeito se defrontar com uma situação nova, que contém força de disrupção, sendo vivida como algo brusco e doloroso, no caso do Rorschach é a situação interpessoal e o carácter ambíguo e sem um significado preciso das manchas e da tarefa que abre portas a uma (in)finitude de significados.

Considerando como tarefa as manchas do Rorschach, o que é esperável é que o outro, o psicólogo, forneça ao sujeito um continente, para aí projectar essa representação, que é a resposta Rorschach que é comunicada (Marques, 1994a).

Durante a passagem do Rorschach o psicólogo terá de desempenhar uma função continente, de modo a que o sujeito tenha capacidade de ter acesso ao que em si, existe de mais regressivo, conseguindo fazer uma elaboração disso mesmo e dessa forma, transmitir aquilo que teve capacidade de organizar, face à mancha pela resposta que atribui.

No processo resposta Rorschach, decorre um processo de transformação, ligação e criação, entre o interno e o externo, que através da projecção faz emergir a expressão da simbolização, ou seja do pensamento.

O sujeito ao nomear as manchas tem de ter capacidade de integrar aquilo que elas lhe fazem lembrar, organizando-se de modo a poder espelhar o seu interno e externo através da simbolização.

De acordo com Marques (1993), podemos agrupar os cartões do teste de Rorschach, tendo em consideração as características perceptivas de cada cartão, que reenviam para um simbolismo preciso, em três grupos:

→ Cartões Compactos (I, IV, V e VI)

Os cartões I e V mobilizam directamente a expressão de um corpo que expressa a identidade. Os cartões IV e VI, estão associados a projecção de um corpo nas suas valências de força e de virilidade, valências fundamentais de expressão da integração do paterno e do masculino.

→ Cartões de Configuração Bilateral (II, III e VII)

Os cartões bilaterais estão associados ao investimento na representação de si face ao outro. A participação do vermelho, no cartão II, reactiva os afectos mais primitivos (agressividade e libido). O cartão III, solicita a projecção de um corpo sexualmente identificado. Por ultimo, o cartão VII, mobiliza uma projecção directa de si, em associação com o materno e com o feminino.

→ Cartões Pastel (VIII, IX e X)

O facto destes cartões serem constituídos por cores policromáticas reenviam para a sensibilidade ao elemento sensorial externo. Esta sensibilidade as cores pode expressar-se, através de uma incessante curiosidade e exploração dos cartões, ou pelo contrário, pode fazer emergir uma impressionabilidade que provoca uma contenção perante o cartão.

## 4.1 - Expressão da adolescência no Rorschach

Descrevemos, de acordo com a literatura como o Rorschach permite revelar as especificidades do funcionamento mental dos adolescentes, que é marcado por uma grande diversidade e riqueza. A análise do Rorschach dos adolescentes que queremos apresentar ( Marques, 1993 e Traubenberg, 1993) assenta num modelo em que é atribuído um peso específico ao jogo entre a realidade interna e a realidade externa e às vicissitudes neste período tão particular.

O modelo interpretativo do Rorschach para o estudo dos adolescentes é descrito por Marques (1991), “ (...) *aquele que confere à adolescência o estatuto de período do desenvolvimento marcado por alterações e transformações importantes, período marcado pela necessidade de negociar tendências diferentes, opostas, mesmo contraditórias* “ (Marques, 1991, p.204).

O adolescente para se distinguir e diferenciar do outro, tem de conseguir lidar com aquilo que lhe é estranho e vulnerável (muito associado a um corpo em transformação). Dependentemente do sexo do adolescente e sua idade, verifica-se que eles utilizam estratégias diferentes para lidarem com as suas vulnerabilidade, logo a expressão no Rorschach possui características diferentes, neles e nelas.

Apesar de se mostrar os mesmos cartões aos adolescentes independentemente do sexo, verifica-se que cada cartão é sentido de modo diferente tendo em consideração o sexo e a idade.

Uma vez que existem diferentes formas de expressão, face a cada cartão, de acordo com o sexo e idade do adolescente, torna-se importante descrever aquilo a que remete cada cartão.

### Cartão I

O contacto com o cartão I pode causar um certo mal estar, uma vez que o sujeito se está a confrontar com uma situação estranha e desconhecida, que por vezes é compensada pelo recurso a uma actividade intelectual, vinculada ao sociocultural.

Neste cartão é frequente um impacto ansiogénico ao negro, o que revela uma possível falha ao nível da integridade corporal.

O primeiro cartão pode reenviar à imagem maternal pré-genital, ou então, tendo em consideração a sua forma, pode reenviar à imagem do corpo.

Normalmente os adolescentes, independentemente do sexo, tendem a dar uma resposta unitária, global, o que atesta a projecção de uma imagem de corpo integrado, mas há diferenças. O grupo dos pré-adolescentes mostra uma grande dominância G, quando comparados com os mais velhos, não havendo necessidade de analisar tão intensamente o estímulo. Esta conduta deve-se ao impacto ansiogénico do cartão, mas também às falhas de integridade corporal, já que o Dbl aparece integrado no G. Quanto ao grupo das pré-adolescentes e dos adolescentes, estes expressam menos inquietações ao nível da integridade corporal, podendo haver então maior exploração do estímulo, com um julgamento adequado. Há, porém, uma particularidade no grupo das pré-adolescentes, onde aparecem imagens que atestam a projecção de si valorizada, mesmo onipotente (Marques, 1990)

Perante este cartão, há uma certa ambivalência entre a realidade perceptiva, que se quer adaptada e ,por outro lado, há uma vulnerabilidade corporal narcisista mais ou menos patente.

Perante uma reacção disfórica, as raparigas vivem-nas e transmitem-nas de um modo passivo, ou mesmo depressivo, em que a expressão das pulsões agressivas são muito controladas e reprimidas.

Nos rapazes, a expressão da impotência e o atentado a uma imagem corporal podem estar ligados. Uma tonalidade fóbica, até mesmo persecutória, pode estar encoberta pela escolha de atributos agressivos. A sensibilidade à mutilação e ao atingido variam na projecção através das imagens de temas de grande potência ou de representações narcisicas negativas. Esta vulnerabilidade surge através do recurso a conteúdos como “casca”, “mascara”, o que mostra uma necessidade de protecção.

### Cartão II

O sujeito ao defrontar-se com este cartão, depara-se com uma situação nova pelo aparecimento da cor vermelha e de um espaço branco central. Neste cartão, a carga emocional é vivenciada de um modo bastante intenso, no sentido de uma mal estar, de uma excitação positiva ou de uma reacção negativa. A solicitação simbólica é diferente se provêm do conjunto desta situação muito carregada (negro, vermelho, branco) ou de

uma abordagem mais circunscrita das manchas vermelhas, do branco ou do negro. O cartão II é bissexuado nas suas formas, o que pode desencadear respostas específicas.

Normalmente, o vermelho é o elemento sensorial mais interpretado, mais associado a uma mutilação do que a uma pulsão agressiva. Verifica-se que o detalhe branco é muito utilizado, mais como suporte da representação no total, do que como um espaço vazio. Neste cartão, normalmente os conteúdos centram-se sobre o interior do corpo, os pormenores anatómicos e o sangue, principalmente nas raparigas mais novas (Rausch de Traubenberg, 1993).

A temática mais abordada pelos adolescentes neste cartão é o interior do corpo e a bissexualidade.

Nas raparigas, as respostas anatómicas com carácter sexual estão associadas a problemáticas onde o corpo é um objecto passível de ser agredido. Apesar de surgirem frequentemente respostas “sangue”, verifica-se que são dadas isoladamente, externamente à dimensão agressiva.

O Dbl neste cartão é tratado como o lugar de representação simbólica da potência e com valor defensivo, na maioria das respostas dadas pelos adolescentes do sexo feminino. A aceitação do feminino e a reivindicação fálica provoca um conflito nas raparigas.

Os rapazes perante o cartão II tendem a fazer associações projectivas e movimentos defensivos. No entanto, também apresentam respostas fragmentadas, demonstrando sensibilidade à ameaça da imagem corporal, podendo integrar essa fragmentação num cenário libídinal ou agressivo.

De acordo com Marques (1993), “*O recurso à banalidade predomina nas raparigas comparativamente aos rapazes. Esse domínio pode revelar uma luta pela neutralização pulsional, que pode mesmo ser acompanhada pelo recurso ao isolamento.*” (Marques, 1993, p.49).

Neste cartão encontra-se uma particularidade na significação dos pré-adolescentes: o aparecimento de diversas imagens fortes e até mesmo opostas na significação. São imagens que vão de “poças de sangue” a “dois chineses a lutar, com o rosto coberto por um pano vermelho e estão sentados”, passando para “um horizonte com um sol alaranjado de um vermelho estranho”. São imagens que mostram bem o impacto deste cartão, que se traduz por imagens dominadas pelo investimento nos contrários: actividade/passividade, fragmentação/globalidade, cujas experiências de integração falharam (Marques, 1993).

Este cartão possui uma grande conotação bissexual, reenviando os adolescentes a uma representação simbólica de um corpo maternal, uma vez que se trata do corpo do outro. Os rapazes podem estabelecer a mesma relação com o objecto materno pré-genital podem renovar essa relação, enquanto as raparigas têm de se confrontar com a representação do seu corpo e com a representação do corpo da sua mãe. As imagens humanas neste cartão, revelam dificuldades em lidar com o pulsional.

### Cartão III

Neste cartão surgem as mesmas cores do que no cartão anterior. A relação emocional é geralmente positiva, o cartão permite uma certa descontração pela sua estrutura menos centrada e menos pesada. O prazer pode ser evocado, excepto quando a relação das personagens é problemática, ou quando estas personagens pertencem a um mundo irreal maléfico, ou ainda quando são desvitalizadas.

A solicitação simbólica dominante resulta da disposição espacial das silhuetas humanas que, aqui, se impõem. A necessidade de representação de si face ao outro e o tipo de relação convergente ou divergente, pode também ser expresso.

A interpretação das representações humanas, pode induzir a necessidade da representação de si e do outro, apelando para o modo relacional.

Quando o cartão é colocado em posição inversa a imagem humana reenvia, para o irreal poderoso e ameaçador.

De acordo com Rausch de Traubenberg (1993) “(...) *as referências identificatórias jogam-se de formas diferentes de acordo com o sexo: os rapazes dão imagens femininas, insistindo nos atributos femininos, enquanto as raparigas percebem essencialmente personagens indeterminadas, anónimas, não se prendendo em detalhes narcísicos ou sexuais. Mas é neste cartão que se concentra no máximo a expressão pulsional. Uma vez que as relações nas raparigas são essencialmente neutras, procurando uma carga socializada sem pulsões agressivas ou libídinais, os rapazes encontram-se em desvantagem na sua posição e dão imagens carregadas de angústia*” (Rausch de Traubenberg, 1993, p.18).

É muito frequente neste cartão a utilização de D o que mostra uma grande necessidade de exploração. É notório, no grupo dos adolescentes um aumento significativo do modo de apreensão D. Esta insistência nos detalhes veicula importantes

preocupações hipocondríacas, através das respostas com conteúdos Anatomia, respostas que podem ser compreendidas como um refugio, face ao impulso relacional sugerido pelo cartão (Marques, 1993).

Os vermelhos são focos de atenção por parte dos adolescentes. O vermelho central tratado isoladamente permite a integração da Cor/Forma numa resposta banal, mas por outro lado este detalhe vermelho pode levar através das suas significações à projecção de fragmentos corporais ou de representações de mutilações. Por vezes os adolescentes ao defrontarem-se com o impacto da cor vermelha, recorrem à intelectualização, dando à cor um valor simbólico principalmente as raparigas. Nos rapazes, o efeito de uma intelectualização, pode camuflar um pensamento confuso, onde os temas reenviam à perda de limites e à confusão entre o externo e o interno.

Perante os vermelhos laterais, as raparigas tendem a dar respostas mais objectivas e concretas, enquanto os rapazes são mais pessoais, mais subjectivos, onde a projecção é mais evidente.

O negro central, provoca um maior impacto sobre as raparigas, que dão respostas com conteúdos variados, do que nos rapazes, que utilizam um menor numero de conteúdos e que de certa forma traduzem a angustia centrada na atenção corporal.

Neste cartão, as cinestésias são solicitadas com muita facilidade. Nos rapazes verifica-se que existe como que, uma hiper mobilização, espelhando de certa forma uma defensividade, em oposição, as raparigas preservam mais os movimentos de contenção e de imobilidade. A necessidade que os rapazes sentem em dar respostas associadas a um movimento, esta ligado com o facto deles evocarem na maior parte do tempo, a imagem feminina de duas mulheres tribais, objecto que pelo que reenvia pode trazer ao de cima uma inquietação ao nível da identidade.

Os adolescentes ao confrontarem-se com os cartões II e III tem reacções diferentes tendo em consideração o seu sexo, as raparigas são mais reactivas e frágeis ao se confrontarem com o cartão II e reorganizam-se de uma forma mais distante no cartão III, de um modo contrastado, os rapazes no cartão III por vezes, reactivam dificuldades ao nível da separação individualização, reenviando à perda dos limites, levando à destruturação da imagem corporal, (Rausch de Traubenberg, 1993).

### CartãoIV

A mancha evoca uma imagem de força e mesmo de autoridade e devido ao seu aspecto massivo suscita reacções negativas ou positivas face às posições de dominância de potência sentidas como fálicas. É através das imagens activas ou passivas que se podem afirmar os movimentos identificatórios. A percepção mais frequente da mancha é dada pela expressão de uma construção corporal humana, à qual estão associadas reacções de angústia, sensibilidade ansiosa e evidencia depressiva.

Perante este cartão é muito frequente, surgirem respostas globais, como também as associações formais são dominantes sendo, no entanto, mais controladas. No caso de existir uma dominância global e formal, as capacidades de expressão verbal e de elaboração são em si melhores do que nos cartões anteriores. O recurso ao formal, e ao conhecido é dotado de uma sensibilidade que é pouco depressiva, sendo que as reacções massivas são reparáveis, especialmente nas raparigas (Rausch de Traubenberg, 1993).

Apesar de ser frequente, surgirem respostas em G, verifica-se que,  $G > D$  nas raparigas e que  $G < D$  nos rapazes (Marques, 1990).

De acordo com Rausch de Traubenberg (1993) *“Os conteúdos distribuem-se de uma forma muito diferente. As raparigas centram-se nos personagens irrealis, nos conteúdos vegetais e nas imagens do corpo fragmentado, enquanto os rapazes não mostram esta polarização. O conteúdo “pele de animal”, que é dado como banal, está ausente nas raparigas e aparece pouco nos rapazes”* (Rausch de Trauberberg, 1993, p.20).

Os adolescentes ao se confrontarem com este cartão, tendo em consideração o seu sexo e idade, tem reacções diferentes face á solicitação simbólica do cartão.

Nos rapazes pré-adolescentes, assiste-se a uma extrema variabilidade de imagens: das Kob, às imagens que vão dos A, aos Ad, que vão das referências restauradoras Bot, às imagens Fgt, que atestam uma vivência depressiva importante. Esta diversidade dá conta de um extremo balanceamento entre imagens activas, pulsionais, restauradoras e imagens que denotam a fragilidade narcísica, a passividade. Quanto aos adolescentes masculinos, observa-se a participação das imagens marcadas pela passividade, atestando uma fragilidade importante, mas com menos possibilidade de recuperação (Marques, 1990).

Os rapazes, mais implicados, reconhecem fortemente a especificidade deste cartão. Ele possibilita-lhes atribuir respostas construtivas e elaboradas quando se

focalizam na representação humana, recorrendo a vários conteúdos. As respostas humanas e para humanas, determinam a importância do movimento identificatório que é suscitado.

Os rapazes são muito sensíveis ao fascínio deste cartão, que os reenvia a uma representação de si que se estabelece pela potência fálica dotada de atributos perigosos e agressivos.

A confrontação identificatória não ocorre sem conflitos nem angústia, verificando-se oscilações entre a idealização, a desvalorização e a depressão narcísica. Por vezes esses movimentos são acompanhados por sentimentos homossexuais passivos e masoquistas.

Quando há uma reactivação do conflito de identificação, normalmente é apaziguado pelas defesas de tipo narcísico, como a idealização e o congelamento dos movimentos pulsionais.

Perante este cartão, verifica-se que as raparigas investem fortemente esta imagem, manifestando movimentos conflituais de grande intensidade, onde a angústia está presente, a qual parece estar ligada à potência da imagem viril representada. Elas podem também manifestar reacções fóbicas de repulsa (verifica-se a existência de um grande número de Clob, quatro vezes superior em relação aos rapazes). Em outras situações elas defendem-se da dimensão sexual do cartão, atribuindo uma percepção vegetal à representação humana, numa modalidade regressiva complexa onde a representação ansiogénica da potência fálica vai ser transformada. A simbologia sexual é expressa de uma forma elaborada ou então de um modo sublimado, através da utilização de referências do seu imaginário infantil ou cultural menos perigoso.

As reacções perante este cartão são muito intensas mas extremamente opostas: ou possuem uma integração dinâmica e a potência fálica nos rapazes, ou a dificuldade em aceitá-lo como acontece nas raparigas (apesar do impacto visto como depressivo perante esta situação, são capazes de mobilizar estratégias defensivas variadas, mais adaptadas que os rapazes).

### Cartão V

O cartão V é o cartão mais unitário, pela sua forma e pela cor, apelando ao sentimento de integridade, ao conceito de si, e à unidade do Ego. Este sentimento de

integridade pode corresponder à integridade psíquica ou somática. A tonalidade emocional é, em geral, neutra e pouco pronunciada, uma vez que o cartão é o que está mais próximo da realidade.

Normalmente a mancha é analisada na sua totalidade, pela forma e cerca de 85% dos sujeitos designam como conteúdo um animal alado (conteúdo dito banal).

O grupo feminino, normalmente perante este cartão dá respostas em G, em oposição, o grupo masculino, dá mais respostas em D, devido ao aumento das respostas animais, parciais, mas também inteiros. A par duma expressão correcta ao nível de imagens que dão conta da integridade corporal, o grupo masculino, e sobretudo o dos pré-adolescentes, reage aos D com sugestão agressiva, ou então reage através de respostas de junção. Estas respostas atestam a existência de uma vivência subjectiva muito particular, à qual podemos dar esta formulação “estou inteiro porque junto”, o que mostra uma importante indiferenciação, face à qual há a reacção: as respostas agressivas, sustentadas pelo isolamento (Marques, 1990)

Os adolescentes normalmente dão uma resposta banal e valorizam-na narcisicamente de um modo superficial. Não existe outro conflito para além daquele que se inscreve numa dialéctica activo-passivo. Por vezes a banalidade dá lugar a outros conteúdos narcísicos. Em alguns casos extremos, a banalidade, percebida numa primeira aproximação, vai ser modificada tendo por base a mutilação da imagem do corpo.

Os rapazes mostram-se mais produtivos, com escolhas de imagens mais variadas (agarram-se à resposta banal, ou transformam-na em personagens potentes, míticas, com atributos compostos). O envolvimento é muito activo da parte dos rapazes, eles referem-se voluntariamente perante as representações concretas de força, num movimento de afirmação mobilizado pelo conhecimento narcísico deste cartão. Esses fundamentos sólidos que se sustentam num real securizante podem marcar, em alguns casos, as associações, revelando um sentimento de fragilidade dos limites ou da representação de si.

### CartãoVI

Neste cartão bissexual, o simbolismo sexual está muito patente, onde a dimensão fálica é a mais utilizada. A transposição de um tema de potencial real ou simbólico é muito frequente. A dinâmica actividade/passividade permite a expressão de um problemática de castração, tal como a sensibilidade às posições passivas pode ter uma

conotação anal. As respostas ditas banais, de “pele de animal” significa o ressurgir de um recalçamento (Rausch de Traubenberg, 1993).

A abordagem perceptiva é diversa, o modo de apreensão global limita-se a 47%, sendo os pequenos detalhes mais elevados. A expressão formal é mais elevada atingindo os 81%, a sua qualidade é relativamente correcta. Não possui, tal como no cartão V, a coerência completa entre as componentes da resposta, pelo que as reacções são mais diversificadas. De um grupo a outro, os domínios formais são comparáveis, sendo os temáticos muito diferentes.

De acordo com Rausch de Traubenberg (1993), os rapazes, utilizam vários conteúdos, reflectindo uma actividade de representação adaptada e flexível. O simbolismo sexual fálico do cartão é interiorizado e lidado com liberdade, sem que as respostas sexuais surjam de modo cru e directo. Não encontramos muito referida a expressão da angústia de castração, uma vez que ela é evocada de uma forma muito reduzida pelo sujeito sendo repetida numa representação narcísica valorativa. As respostas permitem a expressão de um dinamismo intelectual modulado, integrado a diferentes níveis de simbolização.

Nas raparigas, verifica-se que há um escamoteamento do campo emocional. A banalidade é reconhecida mas caracteriza-se por uma especificação passiva, como tal, pode aparecer associada a uma conotação desvitalizada de morte, ou uma sensibilidade à agressividade que manifesta um atentado doloroso à integridade do corpo, por exemplo “É uma pele de tigre a qual se retirou a vida.”.

O simbolismo fálico deste cartão, é tratado de uma forma especial, por parte das raparigas, por vezes recorrendo a uma dimensão mais fóbica, reflectida através dos conteúdos que utilizam (escorpiões, cabeças de serpente, cabeça de lobo).

Perante este cartão verifica-se a não existência de representações mais simbólicas ou narcísicas valorizantes, em oposição aos rapazes, em que esta dimensão é valorizada.

Particular é também o movimento da problemática de castração, o detalhe superior, que nos rapazes, é uma imagem bastante valorizada.

Os protocolos das raparigas são menos variados. Se numas encontramos a expressão fálica, outras é o sentimento de ameaça que as faz recusar, colocando-se numa posição passiva.

### CartãoVII

A importância deste cartão é o seu carácter aberto, sobre um fundo branco central. Este cartão reenvia o sujeito à imagem feminina ou à imagem materna, tendo em consideração a relação primitiva com a mãe (relação securizante ou de tipo abandonónica). A reacção entre as figuras é colocada num registo de funcionamento evoluído, assim como o balanceamento entre figura/fundo, que é responsável pelas reacções de nível arcaico.

A aproximação perceptiva é também um pouco diversificada, tal como a referente ao cartão VI. A configuração da mancha favorece uma abordagem em detalhes, verificando-se que as respostas em G são muito menos frequentes do que em D. Os adolescentes recorrem essencialmente ao modo externo, ao reconhecimento através das respostas formais, mas exprimindo também posições imaginárias pelos viés das respostas cinestésicas de diferentes níveis. Em alguns deles, é notável a presença de representações elementares evocando a representação materna, num registo mais primitivo. É desta forma que o conteúdo latente é tratado nas respostas que se referem à natureza (ilhas, grutas, baías), a partir do detalhe branco isolado ou combinado parcialmente com as figuras. As raparigas propõem diferentes continentes, mostrando uma sensibilidade à vida, ou paisagem. Os rapazes apresentam imagens variadas de objectos, que impliquem mesmo força ou potência, (Rausch de Traubenberg, 1993).

A seguir ao cartão III, este é o cartão que mobiliza um maior número de cinestésias humanas.

Existe, por parte das raparigas, uma enorme dificuldade em utilizar o cartão VII, como suporte identificatório, o que poderá estar relacionado com a reactivação de uma problemática de fusão, o que evidencia uma relação dual, exemplo “siameses”. Essa relação dual é acompanhada de uma carga fantasmática massiva, pois estamos num contexto arcaico onde se inscrevem os fantasmas de relações simbióticas.

Os rapazes captam facilmente as representações femininas, diversificam-nas e qualificam-nas. Interpretam o terceiro terço utilizando conteúdos variados e por vezes claramente sexuais (“sexo aberto”). O que nos leva a pensar que os rapazes são em geral confrontados com uma problemática genital, salvo aqueles que realizam um movimento entre figura/fundo, das imagens humanas deformadas, imagens que reenviam aos fantasmas do corpo feminino perigoso.

Quando há uma abordagem sobre a mancha em G, normalmente não há um manejamento da agressividade devido ao facto de existir um simbolismo materno arcaico, essa agressividade é isolada no segundo terço, que é tratado isoladamente sem que existam relações.

Neste cartão, verifica-se a existência de uma menor qualidade formal nas respostas F+ nos adolescentes, seja em relação às raparigas, ou aos rapazes da mesma idade. Nos adolescentes há respostas imprecisas, vagas (F±) mas coabitam com imagens bem definidas, que exibem a necessidade de retracção (Marques, 1993).

Nos adolescentes e pré-adolescentes, encontra-se uma maior incidência de imagens animal, A, que não têm um significado determinado e que são essencialmente adaptações.

No que respeita aos adolescentes e pré-adolescentes rapazes, verifica-se a existência de uma maior incidência de imagens de animais parciais, Ad. Estas imagens revelam bem a presença de uma vivência próxima do limite da perseguição (Marques, 1993).

É também frequente, encontrar nos protocolos, uma enorme incidência de imagens humanas completas, H, nos adolescentes e pré-adolescentes rapazes. Muitas vezes essas respostas em H, tem presente a imagem do espelho nas suas múltiplas funções (ver, ver-se e ser visto), expressões que alternam, ou antes coincidem com imagens desvalorizadas. Este facto tem a ver com a procura do outro, imagem espelhada de si próprio, para atingir a complementaridade, para se situar face à passividade vivida, o que é mais notório nos adolescentes (Marques, 1993).

De acordo com Marques, (1993) as raparigas investem na representação de si, sendo evidente a confusão face à feminilidade, assim como, a fragilidade ao nível da interacção.

Talvez possa-se dizer, principalmente em relação aos adolescentes, que a interacção é de tal forma dolorosa que obriga a encontrar conteúdos protectores para travar uma vivência estranha face às novas qualidades relacionais (Marques, 1993).

### Cartão VIII

A mancha devia induzir uma mudança na atitude do sujeito pelo aparecimento dos diferentes tons de pastel, inseridos numa construção equilibrada sobre o eixo, donde se destacam os D rosas laterais. O aparecimento das cores reactiva de um modo

substancial o mundo emocional dos adolescentes. Do mesmo modo como mantém juntos os espaços brancos, podem surgir respostas de diferentes níveis, desde do primário, quase destrutivo e com vivências de destruição corporal, ao secundário e intelectualizado, em que a valorização ou a falha narcísica são frequentemente evocadas.

Os jovens ao confrontarem-se com este cartão, verifica-se que os rapazes adolescentes, dão um maior número de respostas, do que as raparigas da mesma idade. É nos assim, dada a indicação de que existe uma procura mais activa nos rapazes adolescentes na procura do domínio da situação (Marques, 1993).

Perante este cartão há um grande numero de reacções por parte do sujeito, em que a estimulação joga-se tanto ao nível da quantidade, como da variedade das associações. A exploração perceptiva normaliza-se, onde a abordagem G/D ocorre na proporção de 1 para 3, sendo a estrutura do estímulo a responsável. A forma assume um papel muito vincado nas respostas, enquanto a objectividade é nitidamente insuficiente: cor e cinestésias animais animam as respostas. O animal dito banal, é respondido em 80% dos casos mas são tratados de uma forma isolada.

Os adolescentes rapazes, tendem a dar respostas globais, revelando pouca sensibilidade às cores. São respostas que exprimem, principalmente uma procura de conteúdo, a procura de valorização narcísica em respostas dotadas de uma relativa qualidade formal, em que se encontra de novo a procura ansiosa da objectividade e da exteriorização, ex. “Uma chávena com pegas”, em oposição as raparigas adolescentes, tendem a dar respostas em D (Marques, 1993).

No confronto com este cartão rapazes e raparigas manifestam problemáticas bastante diferentes. Os rapazes adolescentes, mostram uma sensibilidade disfórica e dão imagens carregadas de angústia, com elementos projectivos e tendência interpretativas. Eles dão respostas globais e procuram integrar diferentes partes da mancha, dando construções formais inadequadas. Por vezes, eles são invadidos por imagens fóbicas, mas a maior parte das representações revelam a problemática dos limites do corpo. Há um esforço para se concentrarem na superfície corporal, como se estivessem a interrogar-se sobre a qualidade desse envelope unificador que comporta as linhas da censura e os pontos de ruptura, constituindo os lugares de passagem entre o interior e o exterior. Este cartão, pelo jogo das figuras, pode suscitar imagens angustiantes de atentado corporal num clima de angústia sem que se produzam graves desorganizações.

A focalização na problemática dos limites parece inibir alguns adolescentes, ao nível da expressão pulsional, nomeadamente as respostas relativas à rivalidade, à competição e à agressividade. O grande número de respostas sensoriais possuem por si um carácter narcísico.

As raparigas adolescentes inserem as imagens num simbolismo contentor, positivo e narcísico. A escolha activa dos detalhes isolados permite a expressão de uma receptividade passiva mais ou menos regressiva mas valorizada. O que se destaca é o grande número de respostas inadequadas, mal controladas onde são tratadas imagens humanas parciais e conteúdos anatómicos. Essas imagens do corpo atingido, mesmo destruído e morto, dão por vezes lugar a racionalizações.

Em suma, o cartão, à partida considerado como uma potencial abordagem em relação, não parece funcionar dessa forma nos adolescentes. O convite à regressão é, sem dúvida, muito importante para ser suportado pelos adolescentes, que lutam habitualmente contra a dependência e a regressão, o que pode explicar de certa forma as reacções persecutórias de alguns.

### CartãoIX

Cartão rico e cheio de significados possíveis pela mistura de três cores e pela perspectiva de profundidade. Neste cartão a solicitação à regressão é dominante, podendo as posições regressivas serem vividas positiva ou negativamente, mas reenviando sempre para um simbolismo materno pré-genital, associado ou não aos fantasmas de gravidez ou de nascimento. Este cartão deixa uma grande margem às possibilidades de criação e de sublimação já que em outros aspectos ele incide nas reacções interpretativas, vistas directamente como persecutórias. O narcisismo inscreve-se facilmente nas reacções perante este cartão.

Perante este cartão, verifica-se que os pré-adolescentes, dão um maior número de respostas, do que os adolescentes. Nas respostas dadas pelos rapazes pré-adolescentes, encontra-se uma forte presença de imagens humanas H, que podem ser K, em relação às raparigas da mesma idade. É notório também nas respostas dos rapazes pré-adolescentes, uma maior presença de A e Kan, em relação aos rapazes adolescentes. Relativamente às imagens humanas completas, vemos desfilar perante nós uma vivência dolorosa que conduz a imagens onde se marca a fragilidade e a dificuldade, ex. “Um

homem pensativo, com as mãos no pescoço, pensa, sentado nas rochas e cuja imagem se reflecte nas águas calmas de um rio”, (Marques, 1993)

Nas respostas dadas pelas raparigas, apercebemo-nos de uma importante diferença nas respostas Kan e Hd, que dominam nas pré-adolescentes. Estes dois tipos de reacção, de sentido oposto, mostram-nos a necessidade de projecção, no limite do interpretativo, para aliviar a intensa vivência interior marcada pela fragilidade narcísica. Vejamos alguns exemplos de respostas Kan, “ elefante com as mãos na cintura; dois porcos de costas voltas” e de respostas Hd, “olhos; ombros de uma pessoa bastante musculada” (Marques, 1993).

A riqueza e a variedade das associações e o vasto leque de oscilações ao nível das respostas, sublinham a intensidade da reacção fantasmática despertada por este cartão. As respostas dadas encontram-se carregadas de elementos projectivos, numa verbalização que confirma a invasão pelo mundo interno. O processo de pensar desorganiza-se facilmente, existindo uma maior concentração da atenção activa ou arbitrária pelos detalhes do interior isolados e um mau julgamento. Os mecanismos de defesa encontram-se muitas vezes em excesso.

Tudo se passa como se os componentes deste cartão mobilizassem nos adolescentes movimentos psíquicos, por vezes, paradoxais, mas sempre intensos, expressando um abandono, deixando para segundo plano as posições mais adaptadas. Nestes efeitos perturbadores, este cartão é comparável ao cartão II pelas razões mais próximas tratadas de diferentes formas.

Nas raparigas, a confrontação com os cartões II e IX é sentida de maneira diferente (o cartão II, gera maior angústia corporal e há uma maior manifestação de medo de ruptura). Elas, através de um modo regressivo, procuram o corpo materno sob uma forma simbólica de “bom continente”, dando imagens tais como vaso, recipiente, etc. Também utilizam com alguma regularidade conteúdos como por exemplo paisagens e fenómenos naturais. Neste mundo securizante podem aparecer as pulsões vitais, espelhadas através das suas respostas, “Eu diria um violino, também podemos ver um vulcão em erupção”.

Quando os adolescentes recorrem à regressão, verifica-se que eles não são capazes de identificar as imagens identificatórias, e as representações humanas estão muito próximas dos fantasmas de destruição corporal.

Os rapazes dão frequentemente representações humanas, mas essas representações inscrevem-se no seu mundo imaginário infantil, exemplo “Tintim”. Eles

demonstram algum fascínio pelas representações femininas, valorizadas numa dupla valência de apropriação fálica, de interesse sexual. As imagens do feminino e do masculino sucedem-se, por vezes, como “uma cabeça que se abre”, “um carro desportivo”. Algumas respostas expressam uma dupla posição face ao universo feminino, por um lado temos uma posição mais arcaica, com movimentos de projecção face a um mundo perigoso e perseguidor, “pântano” e por outro temos uma posição mais evoluída, onde há uma grande necessidade de expressar a curiosidade sexual face ao corpo feminino (essa curiosidade é acompanhada por movimentos fóbicos de atracção ou de repulsão exemplos, “um vaso”, “uma rapariga”).

De um modo sucinto podemos dizer que os temas mais importantes neste cartão são, o nascimento, o mundo materno, a gestação, as pulsões vitais... Parece existir qualquer coisa de autêntico que se expressa e que aqui tem tendência, tal como o relacional, para ser tratado em segundo plano. Os adolescentes parecem próximos das crianças, que mostram uma vibração estonteante perante estes estímulos e vão directas à solicitação mais arcaica. As capacidades de simbolização dos adolescentes mudam, tendo eles que realizar um jogo sem perder o contacto com o mundo externo.

#### Cartão X

É o ultimo cartão a ser apresentado, constituído por várias cores onde as manchas se encontram dispersas de um modo o homogéneo em todo o cartão. As características deste cartão, tanto ao nível da cor, como da sua arrumação espacial podem provocar reacções, ou de libertação, ou de prazer.

Neste cartão há um aumento significativo do numero de respostas, principalmente os D. Estas respostas veiculam tanto temas que aparecem no universo infantil, como também são fruto de reacções interpretativas. Nas raparigas verifica-se que há uma maior mobilidade na passagem de um elemento a outro, num jogo entre a realidade objectiva e as evocações fantasmáticas situadas num modo cinestésico e de cores.

As respostas dadas pelas raparigas, são mais ricas em termos da variedade de conteúdos e determinantes utilizados, o que marca a intensidade da ressonância emocional. O cartão suscita frequentemente a expressão de prazer-desprazer num movimento por vezes ambivalente.

Perante este cartão, existe uma forte implicação das raparigas pré-adolescentes, em respostas absolutamente neutras na expressão.

O perfil de resposta D – F – A – Ban, domina em relação aos pré-adolescentes e adolescentes, de ambos os sexos, e que pode indicar uma luta activa contra a ameaça de fragmentação sentida neste cartão (Marques, 1993).

Ao nível dos determinantes, é notório a participação de Kan, com alguma expressão, nos pré-adolescentes e nas raparigas da mesma idade, em comparação com os rapazes adolescentes (Marques, 1993).

Os movimentos regressivos impõem-se através do recurso às fabulações sobre um mundo lúdico infantil. Ao abrir esta regressão, os adolescentes podem exprimir um dinamismo pulsional, que é bastante evidente pelos verbos de acção, procurando abordar a representação de conflitos. A evocação de atributos femininos com valor narcísico, por exemplo “flor” junta-se, uma vez que não há expressão de representações femininas sexuais. As personagens masculinas possuidoras de atributos fálicos podem ser muito valorizadas pelo humor: “um homem dos tempos de Luís XIV com bigodes, as plumas e as ideias luminosas”, (Rausch de Traubenber, 1993).

O interesse aqui manifestado pelos atributos narcísicos ou fálicos é acompanhado por movimentos contrastados, valorizados-desvalorizados. Esses movimentos podem ser interpretados com temas de indecisão existentes nos adolescentes quanto ao valor dos seus atributos fálicos e à sua capacidade de se apropriarem de uma realização narcísica.

Nos rapazes, os conteúdos mais pessoais e os determinantes variam consoante uma certa instabilidade nos temas de alternância dos registos activo-passivo, ou uma insistência sobre o objecto de potência fálica. As cenas são frequentemente construídas a partir do detalhe cinzento superior, colocando em jogo tanto a competição, a rivalidade como o desafio: “uma espécie de haste sacra, um totem, todos se dirigem para esse emblema, eles têm todos um olhar por cima”. A evocação dessas cenas é, ao mesmo tempo, um movimento de afastamento narcísico: “duas personagens, que se desafiam pelo olhar, ou um personagem que se olha ao espelho”, (Rausch de Trauberberg, 1993).

Este cartão permite aos rapazes expressarem o seu desejo de potência fálica, onde o seu carácter agressivo é mais marcado, do que nas raparigas.

Se existe nos rapazes, referência directa ao conflito interno, os mais encontrados são os conflitos inter-pessoais com uma expressão por vezes fóbica da angústia de agressão. A expressão desta angústia é atenuada pelas defesas narcísicas ou maníacas.

Determinadas respostas, dadas pelos adolescentes, neste cartão parecem demonstrar que há uma certa reactivação do conflito interno, acompanhado pela projecção de sentimentos de perseguição. Em alguns adolescentes, há um ressurgimento de tendências interpretativas, aparecendo imagens anatómicas inadequadas, fragmentadas ou estilhaçadas. A referência ao eixo central, surge com a intenção de atenuar os sentimentos de desintegração do corpo, mas permanecendo a confusão entre dentro/fora, pensamento/corpo. A ambivalência a coexistência da expressão de prazer ou de desprazer dá lugar a denegação, à clivagem ou à discórdia, (Rausch de Traubenberg, 1993).

## **5-Parâmetros de análise no Rorschach**

Através do Rorschach pretende-se analisar a dinâmica que envolve o adolescente, procurando compreender as transformações que ocorrem na adolescência face às transformações corporais e aos processos identificatórios.

Tendo em consideração o objectivo do nosso estudo, é fundamental realizar uma análise detalhada dos protocolos, uma vez que a análise das suas respostas nos permite aceder aos movimentos que o sujeito teve de operacionalizar na sua actividade de transformação.

É muito importante compartimentar e definir os organizadores que pensamos serem os mais adequados para a analisar este período do desenvolvimento, dos quais seleccionamos dois: a transformação e a simbolização das figuras de identificação e das transformações corporais.

É possível compreender o adolescente em termos da dinâmica do seu funcionamento mental, pela referencia a alguns modelos como o de continente-conteúdo, e o de transformação, modelos estes descritos por Bion. Estes modelos podem ser aplicados e pensados em relação ao instrumento que vamos utilizar, podendo sustentar e clarificar aquilo que procuramos estudar.

### **→Como analisar a transformação do adolescente no Rorschach**

Para acedermos ao processo de desenvolvimento adolescente, através do Rorschach, vamos estudar alguns organizadores, começamos com a transformação.

Escolhemos a transformação como organizador, devido ao facto de nos possibilitar aceder aos movimentos transformador que o jovem vai ter de efectuar, ao confrontar-se com o Rorschach. Através das suas respostas é possível dar-se a conhecer e projectar as transformações que estão a ocorrer no seu mundo interno.

De acordo com Marques (1996b) podemos descrever a adolescência como um processo em que a transformação se ópera ao nível da relação, da comunicação, da ligação, permitindo o acesso à simbolização. Na situação Rorschach, o sujeito é confrontado com uma instrução, é lhe proposto interpretar uma mancha e pedido para

dizer o que é que “aquilo” poderia ser, ou seja, dotá-la de significado, acedendo assim ao símbolo.

*“A simbolização permite-nos estabelecer como é que um objecto externo, a situação Rorschach enquanto situação interpessoal e inter-subjectiva, por isso disruptiva, impõe por um lado, o recurso ao símbolo, e por outro lado, pode ser considerada como um símbolo em si, obrigando a uma actividade de ligação, transformação e criação”* (Marques, 1996b, p.39).

Durante o desenvolvimento da adolescência ocorrem múltiplas transformações que conduzem à mudança. O adolescente sente uma intensa necessidade de atribuir sentido ao que lhe está a acontecer, procura um equilíbrio e uma estabilização, que logo cai no desequilíbrio e numa nova procura. É esta intensa necessidade de procurar e de aprofundar, que vai permitindo um progressivo crescimento, uma transformação.

É esta transformação que passa inicialmente por ser pensada, permitindo que a transformação ocorra em primeiro lugar no pensamento, podendo mais tarde dar lugar à acção.

A visão da adolescência, entendida como um processo de transformação, permite aceder a uma concepção mais rica e mais abrangente daquilo que é o verdadeiro desenvolvimento do adolescente, na medida em que esta, opera sobre aquisições, que já foram feitas e que permitem ir mais além. É neste sentido que a adolescência é também um processo de mudança, que se realiza através da transformação, daquilo que é velho e conhecido naquilo que é novo e desconhecido, e que passará a ser integrado pelo adolescente.

De acordo com Marques (1999), a interpretação das manchas Rorschach provocam no sujeito um sentimento de caos, com características de dispersão e turbulência, que impõem uma mudança catastrófica que leva a uma transformação em símbolo, através do pensamento. As respostas Rorschach tornam-se possíveis, porque são criadas numa relação continente- conteúdo, através da capacidade de «rêverie» e da função alfa.

O resultado do processo de transformação são as respostas dadas pelo sujeito, que nos permitem reconhecer o original “O” que surge agora transformado.

De acordo com Marques (1999), o material que o sujeito nos fornece, nas respostas Rorschach, representa os factores que estão na sua origem, a mancha e a interacção, a partir das quais vamos descobrir a natureza da representação do sujeito. A

partir da invariância do material que nos é fornecido, vamos saber qual é o original “O” e também compreender a natureza do sujeito.

Durante o processo de desenvolvimento da adolescência, o jovem confronta-se com várias transformações, quer ao nível corporal, como também no campo das identificações.

Na adolescência, a realização das identificações passam muito por uma relação com o corpo, ou seja, com identificações que se articulam ao nível da relação, ao feminino e ao masculino, necessidade de se confrontar com um corpo sexuado em fase de maturação.

As transformações corporais são algo com que o adolescente se depara e que tem que assimilar e integrar na sua vida, podendo ser pensada em termos de crescimento mental.

Todo o tipo de condutas reveladas durante a adolescência, sobretudo a oscilação entre a realidade interna e externa, entre a relação com o familiar e a emergência do estranho – relação esta ordenada pela emergência de um novo corpo, com novas características, novas potencialidades e novos desejos, entre os comportamentos de autonomização e os de dependência, todas estas condutas, com a clara marca da ambivalência cumprem um objectivo preciso: a construção, reconstrução e constituição de um espaço psíquico alargado mas sempre singular, onde presente – passado – futuro se sintetizam, se integram, de novo, em função das novas possibilidades e potencialidades, espaço psíquico a construir na afirmação, firmação e confirmação de si e do outro (Marques, 1994b).

Através deste trabalho procuramos conhecer o adolescente, que face a toda a turbulência com que se defronta, recorre a estratégias transformadoras e de ligação, que lhe permitam enfrentar os movimentos que tem de operar entre o interno, procurando criar novos significados, novos objectos.

De acordo com Marques *“Interpretar uma mancha Rorschach obriga a operar, inicialmente, uma separação clara entre figura – fundo, branco – negro, que revela a natureza da delimitação e da separação entre dentro – fora ,sujeito – objecto, que se organiza e estrutura a partir de uma representação corporal vivida como unitária e integra, ou não. A interpretação que emerge terá a marca do trabalho de ligação, transformação e criação que foi operado”* (Maques, 1994b, p.478).

De acordo com Marques (1999) é a partir da transformação que podemos aceder à simbolização, que é dada pela nomeação da imagem, da mancha, à qual o sujeito

atribui um significado, que é dado na resposta Rorschach, mas que é construída com base naquilo que o adolescente é, ou seja, indo ao encontro do sujeito consigo, e com a mancha, colocando nesta aquilo que em si existe de interno.

O Rorschach permite-nos aceder à expressão do sujeito, conhecendo as vias de construção relacionadas com a sua identidade sexual, que são processos que se adquirem numa lógica de transformações, de separações e de integrações, de atracções e repulsões e de conquistas e de perdas (Marques, 1996b).

De acordo com Marques (1996b), a vivência corporal revelada nos sucessivos cartões Rorschach, pelo adolescente, é a de um corpo inteiro mais atingido, ou seja, enfraquecido, um corpo com a marca do medo de ser atacado e agredido, mas com a marca do desejo e da necessidade de crescer, de se transformar, o que vai no sentido de abrir o caminho a novos processo de simbolização.

#### → **A simbolização no Rorschach**

A simbolização permite apreender as passagens e o contacto, a comunicação e as ligações e também as transformações que se realizam dentro e entre diversas partes do sujeito, entre o dentro e o fora, entre o sujeito e o objecto.

A identificação é a base da formação do símbolo e da simbolização. Através da identificação acede-se à explicitação de que, quer o simbolismo, quer a formação do símbolo e a simbolização pressupõem a identificação de um objecto com outro, a necessidade de encontrar o familiar no que não o é (Marques, 1996b).

A simbolização é o conceito organizador por excelência do trabalho mental envolvido na situação Rorschach, uma vez que o material que temos de interpretar, o protocolo, é constituído por um material verbal, feito de imagens-conceitos e de símbolos, mas não é só a sua significação que deve ser considerada, deve ser sobretudo considerada a forma como esse material é criado, e como ele permite aceder à natureza do sujeito que se pretende conhecer. A formação do símbolo, fornece-nos informação em relação ao impacto do objecto sobre o sujeito e da relação do sujeito com a realidade (Marques, 1999).

O Rorschach apresenta características desconhecidas, indutoras de desequilíbrio, vivida como uma situação de turbulência que irrompem na mente, vivida como ataque à quietude e à harmonia.

Perante esta turbulência, o sujeito terá de realizar um trabalho psíquico, de restabelecimento do equilíbrio, efectuando a passagem da desordem ao pensamento, simbolizando a situação e o objecto. Este processo de procura do equilíbrio após uma situação indutora de desequilíbrio é similar aquilo que ocorre no processo de desenvolvimento da adolescência.

De acordo com o modelo continente-conteúdo de Bion, aquilo que o sujeito tem de fazer é poder criar um conteúdo, que se insere num continente, isto é, a situação de teste, de modo a poder lidar com a dor mental, com a possível frustração decorrente da impossibilidade de nomear o desconhecido, a mancha, existindo assim a impossibilidade de simbolizar. Se pelo contrário, existir a possibilidade de a nomear, de lhe conferir um significado, decorre um avanço que vai no sentido do conhecimento, do vínculo K de que fala Bion, permitindo que ocorra uma transformação (Marques, 1999).

De acordo com Marques, *“A situação Rorschach contém elementos de desestabilização, vividos como ameaçadores da integridade do sujeito, pelo carácter na qual está envolvido, contendo, ao mesmo tempo, elementos de estabilização que permitem a actividade de comunicação e de ligação entre sujeito e objecto, os quais, porque dotados de qualidades psíquicas, de propriedade de contenção, conduzem à rêverie e ao pensar. Cada sujeito confrontado com a situação Rorschach deve, então, entregar-se a um trabalho psíquico que visa restaurar a completude, a coerência e a integridade do objecto quer interno, quer externo. Ao fazê-lo, revela-se, então, o trabalho de busca, transformação e criação de significações de novos objectos* (Marques, 1999, p.235).

No Rorschach, quando o sujeito consegue transformar em palavra a impressão sensorial percebida, essa palavra merece a designação de símbolo. Quando há criação de um novo objecto, de um símbolo, porque o conhecimento e a significação surgem, torna-se patente uma actividade feita de encontro, comunicação e intimidade entre o dentro e o fora, o passado e o presente, que permite revelar o nível de separação, mas, também de ligação e transformação entre o objecto interno e o objecto externo, objectos separados e ligados pela barreira de contacto (ponto de contacto entre o consciente e o inconsciente).

O processo de simbolização, enquanto procura de ligação e de união e integração do interno com o externo, obriga o sujeito a tolerar as múltiplas dissonâncias que o afastam da integração e a transformá-las, aparecendo, então, a formação do símbolo como o resultado dum impacto emocional tornado significado.

De acordo com Marques (1996b) o sujeito ao confrontar-se com a situação projectiva faz com que ocorra uma mudança psíquica. Esta confrontação necessita de ser conceptualizada recorrendo à noção de mudança catastrófica, tal como é explicitado por Bion. Quando surge uma ideia nova, uma situação desorganizante que contem força de disrupção, sendo portanto vivida subjectivamente como algo brusco e doloroso, no caso do Rorschach é a situação interpessoal e o carácter ambíguo e sem um significado preciso das manchas e da tarefa que abre uma (in)finidade de significados.

Da mesma forma como o sujeito durante a adolescência tem de ser capaz de lidar com a mudança catastrófica, utilizando estratagemas transformadores que lhe permitam fazer frente à dor mental, durante a passagem da prova(Rorschach) o sujeito também tem de conter e de integrar aquilo que ela lhe suscita, organizando-se internamente, para que consiga comunicar uma resposta.

Quando o sujeito, submetido à situação Rorschach, consegue tolerar essa situação catastrófica, vê-se, então, como é que ele pode usá-la, isto é, como é que ele usa o pensamento, através da comunicação, ligação, transformação e simbolização, podendo-se aceder à natureza do sujeito.

As imagens que o sujeito nos fornece, formuladas em palavras, são, então, consideradas como o produto da transformação de pensamentos e emoções que se referem à situação Rorschach, como situação presente, mas também as situações passadas, que se referem à situação externa, mas também interna, das quais são também, transformações (Marques, 1999).

Através da análise dos protocolos, é possível fazer a ligação entre a concepção teórica referente à adolescência e ao modelo que permite analisar e compreender a adolescência como um processo em transformação interligando com o instrumento, que se dirige no mesmo sentido.

Através do Rorschach é possível aceder ao modo como o adolescente vivência as suas relações com os seus objectos. Através da simbolização, que é implícita ao processo de nomeação das manchas, podemos aceder aos símbolos que o adolescente transmite ao outro, os quais revelam todo um trabalho de transformação e de ligação entre aquilo que é conhecido e aquilo que se encontra obscurecido pelo manto negro que protege e esconde os terrenos pantanosos do desconhecido.

Tendo em consideração os organizadores escolhidos, como sendo os mais adequados para estudar o processo de desenvolvimento da adolescência, procuramos analisar a transformação que leva ao símbolo, permitindo uma simbolização da percepção com que o jovem se depara face às manchas Rorschach, que tem de nomear.

Durante o processo de nomeação das manchas, o adolescente tem de aceder a uma movimentação de integração do externo face ao interno, atribuindo sentido ao que, à partida parece não ter.

Tendo em conta o nosso objectivo de estudo, iremos realizar uma análise dos protocolos, tendo por base a perspectiva teórica que estrutura o nosso trabalho, e onde os critérios estabelecidos se prendem com um crescimento em expansão, onde há a possibilidade de integrar todo o movimento de transformação

Parâmetro de análise dos protocolos:

### **1º Compreensão da transformação do adolescente**

Durante o desenvolvimento da adolescência ocorrem múltiplas transformações que conduzem a mudanças. O adolescente sente uma intensa necessidade de dar sentido aquilo que está a acontecer consigo, procura um equilíbrio e uma estabilização, que logo cai no desequilíbrio e numa nova procura. É esta intensa necessidade de procurar e de aprofundar que vai permitindo um progressivo crescimento, uma transformação.

Neste período do desenvolvimento, as características mais marcantes revelam-se através do corpo e da mudança das figuras de identificação. Das grandes mudanças que ocorrem na adolescência, uma das mais visíveis é a da transformação do corpo, que passa a ter características genitais. Desligam-se dos objectos de identificação da infância e descobrem novos objectos, que passam a ter agora um novo significado perante a mudança que está a ocorrer.

As transformações que ocorrem na adolescência podem ser espelhadas e compreendidas, através do Rorschach, devido às características de cada cartão que permite estabelecer uma relação entre aquilo que é conhecido pelo sujeito e aquilo que lhe é desconhecido, tendo o sujeito de realizar um movimento de transformação e de integração, que liga o desconhecido ao conhecido, o interno ao externo originando a resposta como um símbolo final onde todos estes elementos surgem ligados.

É através das respostas dadas pelo sujeito, a alguns cartões em particular, que permite compreender e analisar de uma forma mais clara como é que decorre o movimento de transformação, quer em relação ao corpo, como ao nível das transformações das figuras de identificação.

No que se refere as transformações ao nível do corpo, são os cartões compactos os que mais solicitam à projecção do corpo.

O cartão I, pelo seu aspecto fechado e pela presença de um eixo central bem definido, suscita no sujeito uma confrontação com o seu corpo, integro ou atingido. A sensibilidade às lacunas intermaculares, ou aos contornos recortados da mancha, ou ainda, à abertura superior, podem ser sustentadas por uma fragilidade mais ou menos importante da imagem do corpo próprio.

No cartão V, a integridade reúne o psíquico e o somático, devendo o sujeito ser capaz de aceder a uma representação, que englobe estas duas componentes. Trata-se do cartão que é conhecido por ser o da identidade e da representação de si e onde, usualmente, os adolescentes transmitem, na resposta ao outro, uma organização corporal suficientemente íntegra.

O cartão IV e VI, mobilizam para além de uma projecção de corpo integro, as valências de força, virilidade e actividade. É notório que estas imagens de potência serão melhor ou pior organizado consoante revelar, ou não, a integração de uma construção corporal delimitada e bem definida. Dar-se-à, então, um valor positivo relativamente à imagem do corpo ,as repostas do tipo «gigante»,«ogre», «personagens potentes», que retomam perceptivamente a combinação estruturante de um corpo humano ou antropomórfico, (Chabert, 1998).

Através dos cartões bilaterais (II, III e VII) é possível analisar a representação: que o sujeito possui do seu corpo. Apesar dos cartões terem uma construção simétrica, verifica-se com alguma frequência, respostas globais, procurando desesperadamente unir e globalizar, um material sentido como disperso ou fragmentado.

Este tipo de reacções surge em cartões em que a solicitação pulsional é forte, como no cartão II e III.

De acordo com Chabert (1998), no cartão II, nas suas fontes mais arcaicas, é apreendido como um todo disperso, em que a lacuna mediana é sentida como fenda interna, falha corporal fundamental: os pontos de junção presentes ao nível do conteúdo manifesto não são utilizados para permitirem a unificação do continente ou do envelope

e a delimitação dentro-fora. As manchas vermelhas reforçam a vivência destrutiva, por dano do interior do corpo.

Quanto ao cartão III, apesar de não suscitar imagens de explosão tão mórbidas como o II, supõe igualmente a referência a uma representação do corpo humano inteiro, na medida em que o seu conteúdo manifesto é muito próximo da realidade de silhuetas humanas.

O cartão VII, pode também encontrar-se referenciado ao corpo, onde se destaca a presença do branco, que se associa ao vazio e à falta, colocando o sujeito à prova no que se refere à existência de uma barreira de contacto adequada, que delimite o dentro e o fora.

Os cartões pastel, também permitem aceder à representação do corpo do sujeito, podendo transmitir preocupações no que se refere a dispersão. Aquilo que é esperável no adolescente é que ele aceda a este conteúdo que está presente no cartão mas que, pelas suas capacidades transformadoras, seja capaz de dar uma resposta que revele a sua capacidade de transformar o que, á partida, pode ser destrutivo numa significação construtiva.

A possibilidade de aceder a uma identificação no Rorschach está presente nos cartões de simbolismo sexual, em especial, no cartão III que, pelo seu carácter da bipolaridade sexual, onde as figuras podem ser interpretadas como sendo homens ou mulheres, permite ao sujeito uma identificação de acordo com o seu sexo, o que nem sempre se verifica, traduzindo-se desta forma a incapacidade que, por vezes, existe da sua parte em integrar o que lhe surgiu de novo.

O cartão II, também podemos encontrar uma expressão em simultâneo de uma representação feminina (espaço branco central) e/ou uma representação masculina (detalhe superior pode ser entendido com uma conotação fálica). No cartão IV sucede-se o mesmo, cujo pormenor superior médio permite-nos perceber uma vagina, embora este cartão tenha uma dominância fálica, dada pelo detalhe inferior central (Chabert, 1998).

É possível fazer uma distinção ao nível dos cartões tendo em consideração a sua configuração (cartão II, VII e IX, dominância da simbólica feminina) e (cartão IV e VI, dominância simbólica masculina).

Perante uma mancha com características imprecisas e onde são feitos diferentes tipos de solicitações ao sujeito, quer ao nível do corpo, quer ao nível das possíveis identificações, ele tem de organizar-se de modo a atribuir uma resposta.

## **2º A simbolização**

O símbolo é a expressão que veicula um conhecimento que pode ser revelado ao outro.

Através do nosso estudo, procuramos compreender como é que o adolescente se transforma, em que a capacidade de simbolizar se vai encarregar de revelar ao outro, aquilo que se está a passar com o sujeito.

O Rorschach é um instrumento privilegiado para o conhecimento do adolescente, para aceder à sua capacidade de pensar, reveladora do crescimento que vai ocorrendo. As imagens que o sujeito nos fornece, durante a passagem da prova, são reveladoras da transformação de sentimentos e de emoções, da situação presente mas também das situações passadas, num movimento de ligação entre o presente e o passado, o interno e o externo, que são simbolizadas para poderem ser dadas a conhecer ao Outro.

As imagens que o sujeito constrói e que nos fornece, durante a passagem da prova, são reveladoras das transformações que ocorrem, onde há, uma ligação entre o presente e o passado, o interno e o externo, que podem ser reveladas ao outro pelo símbolo, o representante máximo do pensamento.

Através deste trabalho procuramos também clarificar o modo como o adolescente vive e se vive na relação consigo e com o outro, ou seja, procuramos compreender o modo como o adolescente se organiza e estrutura perante cada cartão, em que o jovem se defronta com uma situação vivida como destabilizante.

A expressão simbólica de cada cartão permite identificar a dimensão daquela que é a representação de si e a representação das relações, que mais não é do que a forma como o sujeito vive na relação consigo e com os outros.

Durante a análise dos protocolos, procuramos estudar as respostas dadas pelo adolescente, procurando compreender o caminho que ele percorreu na construção das respostas (símbolo), onde teve de ocorrer uma integração e ligação entre o seu mundo interno e externo.

A cotação das respostas dadas pelo adolescente, vai-nos permitir aceder aos movimentos, operados pelo sujeito ao defrontar-se com as manchas, revelando a relação que o adolescente tem de operar entre a percepção e a projecção.

O aspecto perceptivo de cada cartão é importante, uma vez que é através dele que o sujeito tem acesso ao conteúdo lactente subjacente a cada cartão, e a sua resposta deve conter não só a percepção como o acesso ao conteúdo lactente. A partir daquilo que o sujeito diz, realiza-se um movimento interpretativo que visa a relação entre o que é consciente (aquilo que o sujeito pode aceder) e o que é inconsciente no sujeito.

De um modo geral, podemos dizer que o Rorschach organiza-se em torno de dois eixos. Representação de si e representação da relação, na sua dupla identidade e identificação.

De acordo com Marques (1993) podemos reagrupar os cartões em três grupos:

Cartões compactos (I, IV, V, VI), ligados a expressão do corpo. É esperável que o adolescente aceda a uma representação íntegra, dando conta da separação entre sujeito-objecto, o que revela uma identidade estabelecida e que pode ser pensada.

Cartões bilaterais (II, III e VII), são aqueles que mobilizam directamente o investimento na representação de si face ao outro, numa lógica de complementaridade e da relação, onde as relações libidinais ou agressivas podem ser evidenciadas. O sujeito pode expressar este tipo de relação numa lógica de complementaridade onde está presente a diferença ou, pelo contrário, pode revelá-la numa perspectiva narcísica em que a diferença é atenuada.

Cartões pastel (VIII, IX, X), apresentam uma nova característica perceptiva, a cor. Esta tanto pode ser integrada pelo sujeito, que revela uma actividade de curiosidade e de descoberta em relação ao desconhecido, como pode levar à emergência de uma sensibilidade excessiva sem que exista um movimento de contenção. Reenviando as cores para a tonalidade afectiva, verificamos que o sujeito ou se lança à descoberta do que de novo desperta em si, ou pelo contrário, desorganiza-se.

Durante a passagem do Rorschach, o sujeito é confrontado com uma série de solicitações, onde é possível realizar um movimento de ligação e de integração entre aquilo que é conhecido e aquilo que é desconhecido. Esta ligação e integração pressupõe que o sujeito seja capaz de ir integrando sucessivamente aquilo que de novo vai descobrindo em si.

Pretendemos com este trabalho, compreender as transformações que ocorrem durante a adolescência, procurando integrar os elementos que ocorrem durante este período.

## 6 - Sujeitos

Para a explicitação prática deste estudo são utilizados 4 protocolos de 2 adolescentes, um rapaz e uma rapariga, avaliados em momentos diferentes, aos 13 anos e aos 17 anos de idade, que concordaram em participar neste estudo.

Todos eles apresentam condições semelhantes à partida e podemos considerá-los como sujeitos “normativos”, homogeneizados ao nível da situação escolar e do ambiente familiar, aparentemente estável e do mesmo estatuto sócio-económico.

Procurámos assegurar-nos de que nenhum dos adolescentes tenha anteriormente tido contacto com consultas de Psicologia ou de Psiquiatria para não haver, pelo menos à partida, nenhum tipo de familiaridade com a prova.

## **7- Apresentação dos dados Rorschach**

Para uma melhor compreensão das conceptualizações teóricas, procuramos agora exemplificar os conceitos teóricos de uma forma prática, através da análise de quatro protocolos de dois adolescentes (um rapaz e uma rapariga), recolhidos em momentos diferentes.

A concepção teórica utilizada para a compreensão do processo de desenvolvimento da adolescência, é a da transformação que possibilita a existência de uma integração do que é desconhecido pelo sujeito mas que, na medida em que pode ser transformado, pode ser integrado no que para ele já é conhecido, de modo a que ocorra um avanço no crescimento.

## 7.1 – Protocolo do Salvador

### Cartão I

Aos 13 anos:

*“Um insecto. (O insecto, por esta forma – Dd inf. Central, que me faz lembrar aquelas coisas que as abelhas tem, o vespão. E pelas asas – D lat.)”*

*“Uma máscara. Sei lá... mais nada. (Uma máscara, por causa dos olhos – Dbl, e aqui as orelhas – D lat.)”*

É no cartão I que se expressa o primeiro contacto com a situação desconhecida, o que pode causar algum mal estar. É frequente a resposta global, e foi o que se verificou na resposta dada pelo Salvador, *“Um insecto.”*

Perante este cartão, ele dá uma segunda resposta, *“Uma máscara. Sei lá... mais nada.”*, onde existe uma sensibilidade ao branco, que denota uma necessidade de preencher o vazio, o que na resposta são os olhos da máscara, tal como ele nos elucida no inquérito, *“Uma máscara, por causa dos olhos ...”*. As máscaras servem para tapar, para esconder algo, o que pode dar conta da existência de uma necessidade de ocultar algo por detrás dessa máscara. A evocação desta resposta pode estar associada ao facto do sujeito se encontrar perante uma situação nova, na presença de uma pessoa estranha, fazendo com que o sujeito sinta a necessidade de ocultar o seu mundo interno.

Em ambas as respostas são dadas boas formas, existe uma boa capacidade de simbolização da apreensão feita do material. É importante salientar, que este cartão foi escolhido na prova de escolhas, como um dos cartões preferidos.

Aos 17 anos:

*“Um insecto. (As asas aqui – D sup. Central, e as pinças – Dd sup. Central)”*.

No primeiro contacto com a prova, o sujeito dá a seguinte resposta, “*Um insecto*”, de um modo quase impulsivo, tendo em consideração o tempo de latência. Trata-se de uma resposta, que é dada com uma apreensão global da mancha, o que denota a existência de uma boa integridade corporal.

Perante este cartão, que remete para as questões associadas à integridade corporal, verifica-se que aos 17 anos, o Salvador já não apresenta uma sensibilidade ao branco, como acontecia aos 13 anos, o que na altura denotava alguma fragilidade ao nível da integridade corporal. Deste modo é possível verificar que este jovem está em transformação, em busca do equilíbrio da sua homeostasia interna e externa.

### Cartão II

Aos 13 anos:

“*Sei lá... ↓↑ A mim não me diz nada.*”

Este cartão apresenta-se ao sujeito como uma situação nova, pelo aparecimento da cor vermelha e de um espaço branco central, indutora de uma forte carga emocional, onde as pulsões líbidas e agressivas são mais evidentes.

Este cartão teve algum impacto para o sujeito, uma vez que obteve o tempo de lactência, mais longo de todo o protocolo (12”) e faz uma recusa “*Sei lá... ↓↑ A mim não me diz nada.*”.

Existe uma incapacidade de nomear a mancha que agora lhe é apresentada e que expressa características bastante mais marcantes emocionalmente do que o cartão anterior, existindo deste modo, uma incapacidade de aceder a um significado que possa ser transmitido ao outro sob a forma de um símbolo.

A relação e a proximidade, pelo pulsional envolvido, é vivida como intensa mas não dizível, nem mesmo no inquérito. Na prova de escolhas, este cartão foi um dos , que menos gostou.

Aos 17 anos:

“*Para ser sincero não sei... Não estou a imaginar nada... Uma flor. (Aqui as pétalas – negro, e aqui aqueles pozinhos, o pólen – vermelho inf.*”

Este cartão continua a ter algum impacto para o Salvador, sendo-lhe difícil nomear a mancha e atribuir uma resposta com boa forma. Em D, ele dá a seguinte resposta, *“Para ser sincero não sei... Não estou a imaginar nada... Uma flor. (Aqui as pétalas – negro, e aqui aqueles pozinhos, o pólen – vermelho inf.”*. Nesta resposta, não surge a referência mais habitual, a banalidade, que consagraria o reconhecimento, e a possibilidade de representar o relacional, já que se trata de um cartão bilateral onde a cor vermelha se impõe, onde o sujeito se coloca numa posição de distanciamento.

Apesar do Salvador conseguir nomear a mancha, aos 17 anos, verifica-se que estas questões da relação ainda lhe provocam algum inquietação, reflectindo-se na sua resposta.

Este cartão também foi escolhido, na prova de escolhas, como um dos quais menos gostou, como aconteceu aos 13 anos.

### Cartão III

Aos 13 anos:

*“Vai lá vai! Um monstro por exemplo. (O monstro por causa dos olhos – verm. Sup., o nariz – verm. Central, e a boca, parecia cortado, aqui pinças e os dentes muito afiados – Dbl com o negro em baixo)”*

*“Duas pessoas. Agora lembrei-me parecem duas pessoas a agarrarem qualquer coisa.  
É só.”*

Neste cartão estão presentes os mesmos componentes que no cartão anterior, com a diferença ao nível da distribuição espacial que apresenta um carácter mais aberto, ou seja, mais disperso. No entanto, pela distribuição que a mancha apresenta, são maioritariamente favorecidas as respostas de tipo relacional.

Como primeira resposta a este cartão, em G, o sujeito dá a seguinte resposta, *“Um monstro por exemplo.”*, afastando-se daquilo que é perceptivamente próximo de silhuetas humanas.

Este cartão é sentido pelo sujeito como algo assustador, nomeando uma personagem pertencente a um mundo irreal maléfico “*Um monstro*”, atribuindo uma resposta Fclob, que dá conta de uma tonalidade emocional disfórica, de mal estar, em relação a este cartão, que remete para a relação.

Perante este cartão, o Salvador ainda dá uma segunda resposta, percebendo corpos humanos, “*Duas pessoas Agora lembrei-me parecem duas pessoas a agarrarem qualquer coisa.*”, mas não lhe atribui identidade sexual. . De acordo com Marques (1993), relativamente aos pré-adolescentes rapazes, é frequente a insistência em imagens sexualmente indeterminadas. Nesta resposta, ele evoca duas pessoas, que fazem alguma coisa, podem estar numa relação ou não, mas existe um movimento.

Aos 17 anos:

*“Duas pessoas. Mais nada. ( As pessoas – negro, parece que estão a pegar em alguma coisa)”*.

O Salvador ao confrontar-se com este cartão neste segundo momento de avaliação, tem uma reacção mais descontraída do que no momento anterior, onde lhe é possível a representação de si face ao outro, apelando para a relação.

Neste cartão ele dá uma resposta banal evocando duas silhuetas humanas, “*Duas pessoas. Mais nada.*”, percebendo personagens indeterminadas em termos da sua identidade sexual, o que é frequente nas respostas dos adolescência. É de salientar que na prova de escolhas consegue atribuir identidade sexual às personagens percebidas, “*Parecem duas mulheres.*”, elegendo este cartão, como sendo um dos que gostou mais.

Em relação aos Ds vermelhos, verifica-se que o sujeito os escotomiza, até mesmo no inquérito de limites, o que dá conta da existência de um evitamento do pulsional, em oposição ao cartão anterior em que foi abordado e tratado.

Cartão IV

Aos 13 anos:

*“Uma planta. Uma folha destrozada rasgada. (A folha virada ao contrário – Dd sup., esta parte parece um pau – D inf. Central, esta parte parece que estava rasgada – D lat.”.*

*“Um animal com asas, esquisito. (O animal é assim, ↓ a cabeça – D sup., as asas – D lat., os pés – D lat., e o rabo e a cauda – D inf. Central)”.*

Perante este cartão que reenvia para a autoridade e para a potência, o Salvador dá inicialmente a seguinte resposta, *“Uma planta. Uma folha destrozada rasgada.”*, fazendo uma apreensão global da mancha, contendo uma estompagem como determinante associado, o que revela a sensibilidade do sujeito às diferentes tonalidades que o cartão apresenta. Uma folha rasgada de uma planta não é propriamente uma imagem de potência, pelo contrário é uma imagem conotada por uma certa fragilidade.

Em seguida o sujeito dá uma nova resposta, *“Um animal com asas, esquisito.”* apreendendo também a mancha em G, o que não é muito frequente nos protocolos dos rapazes de acordo com Marques (1990). Nesta resposta denota-se uma certa necessidade de se defender da dimensão sexual do cartão, atribuindo uma percepção animal em oposição a uma possível representação humana que de certa forma é manifesta neste cartão, ou seja, ocorre quase um movimento regressivo onde a representação ansiogénica da potência fálica vai ser transformada.

É de salientar que existe uma relação entre a evocação de imagens de potência e a representação corporal do próprio sujeito e neste caso verifica-se que o sujeito não evocou nenhuma imagem que possua uma conotação de potência, levando-nos a pensar, que poderá existir algumas fragilidades em termos da sua própria representação corporal.

Aos 17 anos:

*“Um morcego. (Aqui as asas – D inf. Central, aqui as patas – D sup. Lat., e a cabeça – D inf. Central)”.*

Neste segundo momento de avaliação, perante este cartão o Salvador dá a seguinte resposta “*Um morcego.*”. Trata-se de uma resposta com uma apreensão da mancha em G, com uma boa forma, mas desprovida de movimento e de potência.

Este cartão mobiliza para além de uma projecção de corpo íntegro, as valências de força, virilidade e actividade, existindo uma relação entre nomeação de imagens de potência e a representação corporal do sujeito.

De acordo com a resposta atribuída pelo Salvador, não encontramos indícios de potência na sua resposta, denotando algumas sensibilidades ao nível da definição da sua representação corporal que se encontra em transformação.

### Cartão V

“*Um morcego. Uma borboleta.*”

Trata-se do cartão que reenvia para uma unidade corporal, sendo abordado com grande frequência com respostas globais, como é o caso da resposta dada pelo sujeito, “*Um morcego.*”, que constitui a resposta banal, que é bastante referenciada e que neste contexto, pode traduzir uma boa representação da imagem do corpo. Assistimos a uma transformação do que a mancha suscitou para uma representação íntegra e contentora, dos vários movimentos que teve de aceder e de que resulta uma resposta que comporta a relação do mundo interno com o externo.

Perante este cartão, o Salvador deu uma outra resposta “*Uma borboleta.*”. Apesar deste cartão apresentar uma tonalidade bastante escura e compacta, o sujeito evoca um animal, ainda que possa apresentar tons escuros, lembram o colorido, apresentando por vezes cores muito exuberantes, associadas a uma alegria intrínseca, em oposição à cor do cartão.

O cartão apresenta uma tonalidade escura e compacta, fazendo-nos pensar um pouco mais no morcego, um animal escuro que vive durante a noite, em oposição, a borboleta lembra, os lindos dias de sol no campo, voando sobre o colorido das flores. Encontramos assim dois animais que revelam aspectos que se complementam, tal como a noite e o dia se complementam entre si.

Aos 17 anos:

*“Uma espécie de ave.”*

Este cartão situa-se a meio da prova e devido ao seu carácter unitário, reenvia para um sentimento de integridade que se traduz, por vezes, em respostas banais, o que não foi o caso da resposta dada pelo Salvador, *“Uma espécie de ave.”*. Trata-se de uma resposta em que o sujeito apreende a mancha em G, com uma boa forma, mas apresenta algumas dificuldades em definir aquilo que percepcionou *“Uma espécie ...”*, talvez esta indecisão esteja associada à sua dificuldade em definir as suas próprias fronteiras corporais.

#### Cartão VI

Aos 13 anos:

*“Sei lá... um pau com uma coisa em baixo. (O pau – D sup. Central, aqui – parte inf.,  
alarga-se, afasta-se, por isso é que pensava que tinha alguma coisa.)”*

*“Uma pele de um animal aberta. (A pele, o focinho, as orelhas, o bigode, aqui  
as patas dianteiras e aqui as traseiras)”*.

Neste cartão bissexual, o simbolismo sexual está muito patente, onde a dimensão fálica é a mais utilizada. Perante este cartão o Salvador dá seguinte resposta em D, *“Sei lá... um pau com uma coisa em baixo.”* Esta resposta contém uma representação do simbolismo fálico que se pressupõe que este cartão contenha, mas antes desta evocação o sujeito denota alguma indecisão em relação aquilo que vai afirmar *“Sei lá...”*, como sentindo a necessidade de neutralizar o pulsional.

Ainda neste cartão, o Salvador dá uma segunda resposta, *“Uma pele de um animal aberta.”*, é a dita resposta banal, que dá conta do ressurgir do recalçamento (Rausch de Traubenberg, 1993). A pele é a barreira de contacto que existe entre o mundo interno e o mundo externo, é ela que delimita o eu do outro.

Aos 17 anos:

*“Não sei... não consigo imaginar nada.”*

Perante este cartão o sujeito faz uma recusa, *“Não sei... não consigo imaginar nada.”*. Existe uma incapacidade de nomear a mancha que agora lhe é apresentada e que expressa características mais marcantes do ponto de vista emocional do que o cartão anterior, existindo assim uma incapacidade por parte do sujeito de aceder a um significado que possa ser transmitido ao outro sob a forma de símbolo, no primeiro contacto com a prova e mesmo no inquérito. Este cartão na prova de escolhas, foi seleccionado, como um dos quais menos gostou.

#### Cartão VII

Aos 13 anos:

*“Duas pessoas ligadas uma à outra.”*

*“Parecem duas caras e o cabelo em pé. (Uma cara – 1º terço, aqui a trança um bocado defeituosa – 2º terço).”*

Este cartão, pela sua constituição, apresentando um carácter aberto sobre um fundo branco central, em torno do qual se recortam as figuras, reenvia o sujeito para uma imagem feminina. A configuração da mancha favorece a sua interpretação com uma particular incidência em detalhes.

O sujeito ao confrontar-se com a mancha faz uma apreensão em D e dá a seguinte resposta *“Duas pessoas ligadas uma à outra.”*. Trata-se de uma resposta, onde o sujeito evoca a presença de duas pessoas, não diferenciando o seu sexo, em que a resposta traduz uma relação narcísica, uma vez se tratar de duas pessoas que estão ligadas uma à outra, o que pode estar relacionado com a reactivação de uma problemática de fusão.

Em seguida o Salvador dá a seguinte resposta, *“Parecem duas caras e o cabelo em pé.”*. Trata-se de uma resposta apreendida em D, precedida por uma precaução

verbal “*Parece*”, o que não é habitual em todo o protocolo. Nesta resposta ele evoca o rosto de duas figuras humanas, não diferenciando o seu sexo, como fez na resposta anterior, que se encontram frente a frente, onde podemos encontrar alguns indícios ainda que subtis, de uma relação mais narcisica, como aconteceu na resposta anterior.

Aos 17 anos:

*“Duas pessoas. Mais nada. (Aqui a cara com o cabelo – 1/3, aqui os ombros – 2/3)”*

Este cartão reenvia o sujeito para a imagem feminina ou materna, em função da relação primitiva com a mãe.

Perante a mancha o sujeito dá uma resposta em D, “*Duas pessoas. Mais nada.*”. Trata-se de uma resposta onde o sujeito evoca duas figuras humanas, que se encontram frente a frente, mas não se encontram em relação. Parece que a interacção é de tal forma dolorosa que obriga o sujeito a encontrar conteúdos protectores para travar uma vivência estranha face às novas exigências relacionais, o que é frequente nos adolescentes de acordo com Marques (1993).

Tendo em atenção as respostas dadas a este cartão, no momento de avaliação anterior (13 anos), verifica-se que para o Salvador na pré-adolescência, estar em relação com o feminino ou materno é estar ligado, quase fundido com o outro. Talvez para evitar este excesso de proximidade, na resposta dada ao mesmo cartão aos 17 anos, ele coloque estas figuras humanas numa posição a-relacional, para evitar lidar com estas questões da delimitação entre o Eu e o Outro.

### Cartão VIII

Aos 13 anos:

*“Dois lagartos a subirem um objecto qualquer.”*

Existe a introdução de um novo elemento, os tons pastel, salientando-se neste cartão os D rosas laterais, que são os elementos interpretados na resposta dada pelo sujeito, “*Dois lagartos a subirem um objecto qualquer.*”.

A mancha introduz algumas mudanças, nomeadamente pelo aparecimento das cores, o aparecimento da evocação de dois animais, trata-se de uma resposta banal, que pode estar associada à necessidade que o sujeito teve, de procurar sustentação perante a desorganização que a mudança do estímulo pode ter originado dentro de si.

Aos 17 anos:

“*Dois répteis a subir uma árvore.*”

Este cartão provoca uma mudança na atitude do sujeito devido ao facto de surgirem diferentes tons de pastel, inseridos numa construção equilibrada sobre o eixo, de onde se destacam os D rosas laterais. Neste segundo momento de avaliação, o sujeito dá uma resposta em D, muito parecida com a resposta que ele deu aos 13 anos, “*Dois répteis a subir uma árvore.*”.

É interessante analisar o movimento de evocação da mancha e da capacidade de simbolização da mesma, nos dois momentos de avaliação.

Aos 13 anos, o sujeito ao atribuir uma resposta, parte dos D rosas laterais, para o interior, “*Dois lagartos a subirem um objecto qualquer.*”, ou seja centra-se nos D rosas, atribuindo um símbolo, “*Dois lagartos ...*”, diminuindo a sua capacidade de simbolização no interior da mancha, percebendo um objecto qualquer, sem formas bem definidas. Esta focalização no exterior da mancha, pode estar associada ao esforço que os pré-adolescentes fazem, para se concentrarem na superfície corporal, como se estivessem a interrogar-se sobre a qualidade desse envelope unificador.

No segundo momento de avaliação, aos 17 anos, o movimento de evocação da mancha é contrário, evoca com mais facilidade o interior “*...uma árvore.*” do que o exterior, “*Dois répteis...*”, talvez estas questões associadas à superfície corporal, já estejam melhor resolvidas e sentidas de uma outra maneira pelo adolescente.

### Cartão IX

Aos 13 anos:

*“Desenho colorido. Mais nada. (Pelas cores.)”*

Pelas diferentes tonalidades que possui e pela perspectiva de profundidade, este cartão muitas vezes reenvia o sujeito a uma regressão.

Perante este cartão o sujeito dá uma resposta apreendendo a mancha em G, *“Desenhos coloridos. Mais nada.”* Esta resposta possui uma forma imprecisa, uma vez que se trata de um desenho que não possui uma forma delimitada e precisa, traduzindo mecanismos da ordem da dúvida.

Existe também uma sensibilidade à cor do cartão por parte do sujeito, sendo esse impacto predominante sobre a imagem, existindo uma procura no sentido de minimizar o impacto provocado pelas qualidades do material. É importante salientar que este cartão, foi escolhido, como sendo um dos quais o sujeito menos gostou, por causa das cores e da forma.

Aos 17 anos:

*“Um tronco. (Todo.)”*

Neste segundo momento de avaliação, o sujeito ao confrontar-se com o cartão, dá uma resposta apreendendo a mancha em G *“Um tronco.”*. Trata-se de uma resposta de má forma, em que o sujeito tenta englobar toda a mancha numa resposta unitária, em que o processo de pensar desorganiza-se de certa forma, uma vez que poderá ter ocorrido uma invasão do mundo interno.

Cartão X

Aos 13 anos:

*“Uma árvore colorida com várias cores, ramos com folhas. (Faz-me lembrar uns ramos – rosa e azul lat., e as folhas – verde sup., amarelo sup. E laranja).”*

*“Com insectos com cores diferentes. (Os insectos – amarelo inf.)”*

Trata-se do último cartão presente na prova e também o que apresenta características mais dispersas, que se fazem acompanhar por um grande colorido.

A primeira resposta que o sujeito dá, faz uma apreensão da mancha em D bl, *“Uma árvore colorida com várias cores, ramos com folhas.”* Perante a dispersão o sujeito tenta unir e circunscrever, uma parte dos elementos constituintes do cartão, fazendo também uma integração do branco, o que revela uma fragilidade, por um lado, mas onde existe também uma possibilidade de integração e de transformação desse sentimento. O Salvador é capaz de transformar aquilo que inicialmente pode ter sentido como inquietante, suscitado por toda a dispersão apresentada por este cartão, ocorrendo uma ligação entre o seu mundo interno e o externo, mas ligados e recriados.

Ainda neste cartão, o sujeito dá mais uma resposta, apreendendo a mancha em D, *“Com insectos com cores diferentes.”*. Os insectos são animais de pequeno porte, vulneráveis, um pouco como o sujeito que depois da prova se pode sentir vulnerável, exposto ao conhecimento a que o outro teve acesso.

A adolescência está no início do seu curso, e o adolescente ainda terá de realizar todo um trabalho de integração e de ligação entre aquilo que agora surge de novo e de desconhecido no que já é conhecido e já faz parte do sujeito.

Aos 17 anos:

*“A copa de uma árvore com folhas. (A copa da árvore – entre o rosa e o verde, e o restante são as folhas).”*

Neste segundo momento de avaliação, o Salvador ao confrontar-se com o cartão dá apenas uma resposta integrando o branco, *“A copa de uma árvore com folhas.”*

Por ser o último cartão, parece que toda esta situação de resposta foi vivida como um desvendar de algo que era desconhecido para o sujeito e que agora se revela, torna-se conhecido e revelável ao outro através da resposta, isto é, da capacidade de simbolização do sujeito.

Nesta resposta o Salvador tenta circunscrever a dispersão que a imagem lhe provoca, evocando um continente onde tenta entregar alguns dos elementos que constituem o cartão, *“A copa de uma árvore...”*, fazendo a integração do branco, o que revela uma fragilidade, por um lado, mas onde existe também uma possibilidade de integração e de transformação desse sentimento, o mesmo se passou no momento de avaliação anterior.

No sujeito houve um movimento de procura virado para o desconhecido com um investimento constante, cartão a cartão, resposta a resposta, mas que se expressa no fim pela dificuldade existente no sujeito de ligar todos estes elementos dentro de si.

Todos os movimentos a que o sujeito teve de aceder, para poder responder às diferentes solicitações presentes nos diferentes cartões de Rorschach, podem agrupar-se de acordo com as características que são mais evidentes nas manchas, o seu carácter compacto, a possibilidade de ser evocada a relação e os tons coloridos.

**No primeiro momento de avaliação, aos 13 anos**, nos cartões compactos (I, IV, V e VI), que possuem ligação directa à imagem do corpo, onde se espera que o sujeito aceda a uma representação íntegra de si. Neste protocolo, encontramos respostas de boa qualidade formal, algumas delas tratam-se de banalidades, que atestam a possibilidade de o sujeito circunscrever aquilo a que acedeu na actividade de nomeação da mancha. As suas respostas dão conta de um movimento entre o mundo interno e o externo, mas ligado e recriado, isto é, dotado de um novo significado.

Na expressão aos cartões I e V que mobilizam a expressão de um corpo que veicula uma identidade, as respostas que foram dadas dão conta de respostas banais, que demonstram que o sujeito tem uma boa capacidade de contenção do que a mancha lhe

solicita, apesar de no cartão I, dar uma resposta em Gbl, denotando alguma fragilidade ao nível da integridade corporal, o que é frequente nos pré-adolescentes de acordo com Marques (1993).

Ainda em relação aos cartões compactos, nas respostas aos cartões IV e VI, verifica-se que o sujeito não reconhece as manchas como imagens de força e de potência e dá uma respostas de má qualidade formal. É de salientar que existe uma relação entre a evocação de imagens de potência e a representação corporal do sujeito, o que nos leva a pensar que poderá existir alguma fragilidade em termos da representação corporal do sujeito, o que é normal na pré-adolescência, uma vez que o corpo do sujeito se encontra em transformação.

Nos cartões bilaterais (II, III e VII) onde se espera que o sujeito mobilize directamente o investimento na representação de si face ao outro, numa lógica de complementaridade, encontramos neste protocolo respostas onde não existe relação, onde no cartão II, o sujeito faz mesmo uma recusa, talvez, devido à reactivação dos afectos mais primitivos que não foram suficientemente elaborados e integrados na relação.

No cartão III, o sujeito não atribui uma identidade sexual às imagens, denotando algumas fragilidades ao nível da projecção da sua própria identidade sexual, apesar de ser frequente nos pré-adolescentes rapazes, a evocação de imagens sexualmente indeterminadas, de acordo com Marques (1993).

Em relação ao cartão VII, o sujeito evoca a relação, mas com características narcísicas, uma vez se tratar de duas pessoas que estão ligadas uma à outra, o que pode estar relacionado com a reactivação de uma problemática de fusão.

A introdução do estímulo pastel, nos últimos cartões, é contida e transformada de uma forma adequada, revelando-se ao outro através de uma simbolização, a qual contém os movimentos de transformação realizados pelo sujeito, numa procura de sentido para os sentimentos que as cores podem despertar.

No **psicograma** encontramos reunidos os movimentos a que o sujeito acedeu durante a passagem da prova que foram transcritos para a cotação, que nos revela a transformação realizada pelo sujeito entre o conhecido e o desconhecido presente em cada um dos cartões.

Dos traços presentes no psicograma aquilo que se destaca logo à partida é o baixo número de respostas dentro das quais encontramos ainda a participação das

banalidades com um número elevado, se tivermos em conta o baixo número de respostas.

Em relação aos modos de apreensão, neste protocolo, verifica-se que o sujeito tem um G% elevado, que contrasta com uma percentagem baixa do D%, dando-nos conta da existência de uma menor concentração nos detalhes, o que revela, por parte do sujeito, um desinteresse pelo concreto.

As respostas G colocam em evidência uma atitude defensiva onde o sujeito procura não se envolver numa atitude mais pessoal e mais profunda. Neste sentido, pode surgir uma falta de curiosidade pela mancha, o que pode estar relacionado com a falta de curiosidade que o sujeito possui relativamente ao seu mundo interno, ou com o não ter vontade de revelar ao outro o que de mais íntimo existe em si. O G% elevado dá conta de uma procura de domínio do material na sua externalidade, o que corresponde a um esforço de controlo dos desejos por parte do sujeito.

O F% apresenta um valor dentro da média, apesar de ser próximo do seu limite inferior, o que nos indica que existe uma razoável adaptação, por parte do sujeito, à realidade, ao mundo que o rodeia.

É de salientar que o H% apresenta valores elevados, o que traduz a capacidade do sujeito em identificar-se a uma figura humana, fazendo um reconhecimento da sua própria identidade. Em relação ao A%, apresenta valores dentro da média, o que revela uma boa capacidade por parte do sujeito em adaptar-se à realidade de uma forma socializada.

O T.R.I. é coartativo, o que dá conta da existência de uma insuficiente expressão, do mundo imaginário e do mundo afectivo.

O RC% é baixo, e sendo ele revelador da afectividade que o sujeito exprime face aos cartões pastel, o afecto é neste caso, expresso com algum receio, existindo uma diminuição do número das respostas.

**No segundo momento de avaliação, aos 17 anos**, nos cartões compactos (I, IV, V e VI), que possuem uma ligação à imagem corporal, o Salvador, evoca respostas de boa qualidade formal, que dão conta de uma boa simbolização.

No cartão I e V encontramos a expressão do corpo que veicula a identidade. Nas respostas dadas pelo sujeito aparecem animais, um insecto e uma ave, que embora sejam animais, são boas formas e dão conta de uma boa simbolização por parte do sujeito, para aquela que é a expressão da sua própria identidade. Encontram-se algumas transformações, por parte do sujeito no que se refere ao seu corpo, em comparação ao

momento de avaliação anterior (13 anos), apesar da vivência corporal, estar ainda mal compreendida e assimilada.

Ainda em relação aos cartões compactos, verifica-se que o sujeito faz uma recusa ao cartão VI, em que o sujeito não consegue circunscrever a angustia que este cartão lhe suscitou, não conseguindo aceder a uma simbolização.

Nos cartões bilaterais (II, III e VII), onde existe uma confrontação da representação de si, face ao outro, numa lógica de complementaridade, encontramos neste protocolo respostas onde não existe relação, onde no cartão II, o sujeito atribui uma resposta de má qualidade formal, o que pode estar associado à reactivação dos afectos mais primitivos que não foram suficientemente elaborados e integrados na relação.

No cartão III, o sujeito não atribui uma identidade sexual às imagens, o que é frequente de encontrar nos protocolos de adolescentes, de acordo com Marques (1993).

Perante os cartões bilaterais, verifica-se que o Salvador tem dificuldade em evocar a relação nas suas respostas, em que a interacção é de tal forma dolorosa que o obriga a encontrar conteúdos protectores para travar uma vivência estranha face às novas qualidades relacionais, o que acaba por ser normal na adolescência, de acordo com Marques (1993).

A entrada nos cartões pastel é feita com agrado em relação às cores, em que há uma procura de ligação entre o mundo interno e o externo, onde ocorrem transformações que são simbolizadas e transmitidas ao outro.

No **psicograma** agrupam-se os constituintes do protocolo, e no do Salvador aquilo que se destaca logo à partida é o baixo número de respostas.

O G aparece com uma percentagem bastante elevada, o que indica uma procura de sustentação para o que emergiu de desestruturado na actividade de nomeação da mancha, para toda a ansiedade que surge na situação de resposta, no ter de dar sentido a algo que à partida não tem e que, pelo seu carácter disforme, pode suscitar uma grande angústia ao sujeito.

Em relação ao D%, verifica-se que tem valores abaixo da média, dando-nos conta da existência de uma menor centração nos detalhes, transmitindo algum desinteresse pelo concreto.

Em relação aos conteúdos, encontramos no protocolo uma elevada percentagem de conteúdos humanos, o que traduz a capacidade do sujeito em identificar-se a uma figura humana, fazendo um reconhecimento da sua própria identidade. Em relação ao

A%, apresenta valores dentro da média, o que revela uma boa capacidade por parte do sujeito em adaptar-se à realidade de uma forma socializada.

É também importante realçar o facto do F+% ser baixo, o que dá conta de uma má qualidade da ancoragem na realidade objectiva. Existe um funcionamento na base da percepção pura, encontrando-se os valores de F% acima da média.

O T.R.I. é coartativo, o que dá conta da existência de uma insuficiente expressão, do mundo imaginário e do mundo afectivo.

## 7.2 – Protocolo da Leonor

### Cartão I

Aos 13 anos:

*“Um morcego. (Parece que tem aqui umas asas – D lat., e o corpo aqui no meio)”*

Trata-se do cartão que reenvia para uma unidade corporal, sendo abordado com grande frequência com respostas globais, como é o caso da resposta atribuída pela Leonor, *“Um morcego.”*, que constitui a resposta banal, que é bastante referenciada e que, neste contexto, pode traduzir uma boa representação da imagem do corpo. Assistimos a uma transformação do que a mancha suscitou para uma representação íntegra e contentora, dos vários movimentos a que teve de aceder, e de que resulta uma resposta que comporta a relação do mundo interno com o externo.

No inquérito, surge a necessidade de se assegurar da representação a que acedeu, *“Parece que tem aqui as asas e o corpo aqui no meio.”*, a descrição que é feita remete-nos para uma expressão das diversas partes que estruturam o corpo e que lhe concedem movimento, ou seja, uma vida própria.

A integridade corporal que se revela através de uma forma bem definida traduz uma boa estruturação interna, ainda que o movimento de ligação com o externo surja pela evocação da representação de um animal com algumas características particulares, de entre as quais se destaca o facto de ser um animal nocturno, que descansa de pernas para o ar, o que pode traduzir em parte a vivência deste momento da vida da Leonor, característico da pré-adolescência.

É importante salientar que este cartão foi escolhido na prova de escolhas, como sendo um dos quais menos gostou.

Aos 17 anos:

*“Um morcego. (As asas – D lat., e porque é preto-).”*

No primeiro contacto com a prova, de um modo quase impulsivo, tendo em consideração o tempo de latência, o sujeito dá a seguinte resposta, *“Um morcego”*. Trata-se do cartão que reenvia para uma unidade corporal, sendo abordado com grande frequência com respostas globais, como é o caso da resposta dada pela Leonor, que constitui a resposta banal, que é bastante referenciada, neste contexto, o que pode traduzir uma boa representação da imagem do corpo.

Assistimos a uma transformação do que a mancha suscitou para uma representação íntegra e contentora, dos vários movimentos que teve de aceder e de que resulta uma resposta que comporta a relação do mundo interno com o externo.

## Cartão II

Aos 13 anos:

*“Não sei... Parece uma cara. (Parece que tem dois olhos – verm. Sup., o nariz – Dd no negro sup. Central, a boca – Dbl central).”*

Perante este cartão a Leonor teve de se confrontar com uma nova realidade, uma vez que há a introdução de uma nova cor, o vermelho, a existência de uma lacuna intra-molecular e a própria exposição das manchas, apresentando um carácter bilateral, propenso para a relação.

A resposta que o sujeito atribui, faz uma apreensão da mancha em Gbl (inclusão da lacuna intra-molecular), *“Não sei... Parece uma cara.”*. O sujeito nesta resposta tenta englobar todos os elementos que constituem o cartão, mas acaba por se desorganizar e atribuir uma resposta de má qualidade formal, não surgindo a referência mais habitual, a banalidade, que consagraria o reconhecimento, o investimento e a possibilidade de representar o relacional, já que se trata de um cartão bilateral onde a cor vermelha se impõe, onde o sujeito se coloca numa posição de distanciamento. É

importante salientar, que este cartão foi escolhido na prova de escolhas, como sendo um dos quais menos gostou.

Aos 17 anos:

*“Ai que esquisito ! Parece uma cara. Aqui os dois olhos, o nariz e a boca aberta. (Os olhos – verm. Sup., o nariz – Dd negro central, a boca – Dbl , parece que está a gritar. Parece que tiraram uma fotografia de baixo para cima).”*

A primeira reacção ao cartão é a de choque com um comentário que atesta isso mesmo, “*Ai que esquisito!*”, seguindo-se a resposta, “ *Parece uma cara. Aqui os dois olhos, o nariz e a boca aberta.*” A reacção choque é mais frequente nas raparigas do que nos rapazes e possui um carácter predominantemente fóbico.

Perante este cartão, o sujeito faz uma apreensão da mancha em Gbl (inclusão da lacuna intra-molecular), onde nomeia todos os elementos que constituem o cartão, incluindo também os detalhes vermelhos, que representam o mundo pulsional. A evocação da lacuna intra-molecular na adolescência, está mais associada como suporte da representação no total, do que como um espaço vazio (Rausch de Traubenberg, 1993).

A resposta que o sujeito atribui não lhe permite representar o relacional, já que se trata de um cartão bilateral onde a cor vermelha se impõe, onde o sujeito se coloca numa posição de distanciamento. É importante salientar, que este cartão foi escolhido na prova de escolhas, como sendo um dos quais menos gostou.

### Cartão III

Aos 13 anos:

*“Parecem dois seres não definidos. (Parece que eles estão a agarrar qualquer coisa – D inf. Central. Tem corpo – negro, mas não é humano, não parece).”*

Os constituintes deste cartão são os mesmos do cartão anterior, com a diferença ao nível da distribuição espacial que apresenta um carácter mais aberto, ou seja, mais disperso. Face a isto surge a primeira resposta *“Parecem dois seres não definidos.”*. Perante a mancha o sujeito percebe dois seres, mas não consegue definir que seres são esses, relativamente à sua espécie, ou à sua identidade sexual. Talvez a indecisão que a Leonor sentiu ao nomear as silhuetas humanas existentes no cartão, espelhe as suas próprias indecisões relativamente a representação de si face ao outro, característico da pré-adolescência, onde tudo é novo e em transformação.

É importante também referir que a resposta que o sujeito dá, contém uma cinestesia, que dá conta da existência de movimento entre os personagens.

Em relação aos Ds vermelhos, verifica-se que o sujeito os escotomiza, até mesmo no inquérito de limites, o que dá conta da existência de um evitamento do pulsional, em oposição ao cartão anterior em que foi abordado e tratado.

Aos 17 anos:

*“Parecem duas pessoas a tocarem em alguma coisa que tem em comum. (As cabeças, o corpo e as pernas e como isto parecem os braços parece que estão a agarrar alguma coisa).”*

Neste segundo momento de avaliação, o sujeito atribui uma resposta banal evocando duas silhuetas humanas em movimento, precedida da já habitual precaução verbal, *“Parecem duas pessoas a tocarem em alguma coisa que tem em comum.”*. Perante a mancha o sujeito percebe corpos humanos, mas não lhes atribui uma identidade sexual, nem se prende em detalhes narcísicos ou sexuais, o que é frequente nos protocolos das raparigas.

Através do inquérito verifica-se que o sujeito sente a necessidade de justificar o todo, através da evocação das partes, *“(As cabeças, o corpo e as pernas e como isto parecem os braços...)”*, de modo a unir aquilo que possivelmente é sentido como disperso e fragmentado.

Neste cartão o sujeito não integra o vermelho na sua resposta, nem mesmo no inquérito, evitando o confronto com o pulsional.

#### Cartão IV

Aos 13 anos:

*“Um gigante qualquer. (Eu vi de baixo para cima. As botas –D lat., a cabeça, os ombros e os braços – D lat. Sup.)”*

A mancha evoca uma imagem de força e de autoridade pelo seu carácter massivo, suscitando na Leonor uma reacção fóbica, *“Um gigante qualquer.”*. A resposta de um gigante vai ao encontro do carácter compacto do cartão, mas é também uma representação que evoca uma angústia muito intensa, que o sujeito consegue conter, o que significa que ele possui um continente onde podem permanecer os elementos mais perturbadores.

O gigante é uma figura irreal que faz parte de um universo infantil, que na pré-adolescência ainda está relativamente próximo e que dá conta da capacidade que o sujeito possui em lidar com o mundo fantasmático, que se traduz desta forma por possuir uma grande riqueza, uma vez que o sujeito é capaz de transmitir numa resposta o que é da ordem do interno face ao que é externo, isto é, revela-nos a sua riqueza interior através da actividade de nomeação de uma mancha que lhe é exterior e desprovida de qualquer significado à partida.

Aos 17 anos:

*“Isto parece-me um gigante, isto são as botas dele, os braços e a cabeça. (Aqui estão as pernas – D lat. Inf., aqui estão os braços – D lat. Sup., e aqui a cabeça – D sup. Central, parece que tem um gorro. Ele está virado de costas para mim.)”*

A mancha suscita na sua maioria respostas em G, o mesmo se passou com a Leonor, *“Isto parece-me um gigante, isto são as botas dele, os braços e a cabeça.”*

Nesta resposta o sujeito sente a necessidade de justificar o todo, através da evocação das partes, o que é frequente nas suas respostas, *“..., isto são as botas dele, os braços e a cabeça)”*, de modo a unir aquilo que possivelmente é sentido como disperso e fragmentado.

O determinante que constitui a resposta é um Fclob, o que significa que a angústia que é evocada é controlada, ou seja, existe a possibilidade de evocar um continente que seja suficientemente para a angústia que o primeiro contacto com a mancha lhe suscitou.

### Cartão V

Aos 13 anos:

*“Um morcego. (Por causa das asa e porque é pequenito e preto.)”*

Este cartão reenvia para uma unidade corporal, sendo abordado com grande frequência com respostas globais, como é o caso da resposta dada pela Leonor, *“Um morcego.”*, que constitui a resposta banal, que é bastante referenciada e que, neste contexto, pode traduzir uma boa representação da imagem do corpo. Assistimos a uma transformação do que a mancha suscitou para uma representação íntegra e contentora, dos vários movimentos que teve de aceder e de que resulta uma resposta que comporta a relação do mundo interno com o externo.

Aos 17 anos:

*“Parece-me um morcego. (As asas, as pernas e a cabeça dele aqui – D Sup. Central)”*

Neste segundo momento de avaliação, a Leonor dá uma resposta muito parecida com a resposta que deu no momento de avaliação anterior, com a diferença de ser precedida com uma precaução verbal, *“Parece-me um morcego.”*. Trata-se de uma resposta em G, com uma boa apreensão da mancha, constituindo a resposta banal, o que traduz uma boa representação da imagem corporal.

## Cartão VI

Aos 13 anos:

*“Um gato. (Parece que está com o focinho para cima, com os bigodes e as orelhas.)”*

Neste cartão bissexual, o simbolismo sexual está muito patente, onde a dimensão fálica é a mais utilizada, o que não se verificou na resposta atribuída pela Leonor. Perante este cartão o sujeito dá a seguinte resposta em G, *“Um gato.”*. Trata-se de uma resposta com uma boa qualidade formal, onde o sujeito no inquérito tenta justificar a resposta, através da evocação de pequenos detalhes, *“Parece que está com o focinho para cima, com os bigodes e as orelhas.”*.

A resposta que a Leonor evoca, não há uma expressão fálica, o que é frequente encontrar nos protocolos, pelo contrário tem uma posição passiva, que poderá estar associada a um sentimento de ameaça, que o cartão lhe faça sentir.

Aos 17 anos:

*“Parece-me um gato esticado. Estão aqui os bigodes e as orelhas. (Parece que ele tem aqui as patas inferiores, aqui são as superiores – D Inf., parece que está esticado. Aqui são os bigodes – D sup.)”*

Neste segundo momento de avaliação, a Leonor dá a seguinte resposta em D, *“Parece-me um gato esticado. Estão aqui os bigodes e as orelhas.”*. Trata-se de uma resposta com uma boa qualidade formal, onde o sujeito se centra no detalhe superior, *“...Os bigodes e as orelhas.”*, que remete para uma problemática de castração.

É interessante observar o modo como a Leonor percebe este gato, como se ele estivesse esticado, vocalizando a sua atenção em relação ao corpo, talvez ela também se sinta como este gato na sua adolescência, onde o seu corpo também está a esticar, porque se está a desenvolver e a transformar-se.

## Cartão VII

Aos 13 anos:

*“Parecem duas pessoas, de frente uma para a outra. (Aqui – 1º terço, parece que tem a forma da cara, aqui – 2º terço, o corpo, parece que tem o corpo de algum animal)”*

Este cartão reenvia o sujeito para a imagem feminina ou materna, em função da relação primitiva com a mãe.

Perante a mancha a Leonor atribui a seguinte resposta em D, *“Parecem duas pessoas, de frente uma para a outra.”*. Esta resposta demonstra alguma dificuldade em evocar o relacional, uma vez não existir qualquer tipo de relação entre as pessoas evocadas, nem identidade sexual. Através da imagem que o sujeito cria, verifica-se que não ocorreu um movimento identificatório tendo em consideração o seu sexo, o que é frequente nas respostas atribuídas pelas raparigas, o que poderá estar relacionado com a reactivação de uma problemática de fusão.

Talvez a indecisão que a Leonor sentiu ao nomear a resposta, não lhe atribuindo identidade sexual, espelhe as suas próprias indecisões relativamente à representação de si face ao outro, em que no inquérito expressa a existência de fragilidades identitárias *“Aqui – 1º terço, parece que tem a forma da cara, aqui – 2º terço, o corpo, parece que tem o corpo de algum animal.”*, como reconhece-se apenas uma parte de si, o que é frequente na pré-adolescência, tendo em atenção que a puberdade passou a muito pouco tempo.

Aos 17 anos:

*“Parecem-me dois duendes virados um para o outro. (Isto fez-me lembrar o Peter Pan por causa do chapéu – Dd do 1º terço, e o recorte fez-me lembrar a cara deles de perfil).”*

Este cartão, pela sua constituição, apresentando um carácter aberto sobre um fundo branco central em torno do qual se recorta figuras, reenvia o sujeito para uma imagem feminina.

A configuração da mancha favorece a sua interpretação com uma particular incidência nos detalhes.

A resposta que o sujeito atribui, diz respeito à interpretação de uma parte da mancha, “*Parecem-me dois duendes virados um para o outro*”. Trata-se de uma resposta onde são evocados dois seres irreais que não se encontram em relação. A evocação de dois duendes, possui um colorido pueril, em que o sujeito evoca esta imagem, de modo a evitar o confronto com uma representação humana, que poderia trazer ao de cima, outro tipo de relação entre eles.

É frequente na adolescência o jovem sentir a interacção com o outro de uma forma tão dolorosa que o obriga a encontrar conteúdos protectores para travar uma vivência estranha face às novas qualidades relacionais, parece que se passa o mesmo com a Leonor.

### Cartão VIII

Aos 13 anos:

“← *Aqui só consigo ver, mais ou menos, dois animais, um género de felino. (Animais – rosa lat., as patas e o focinho)*”.

Neste cartão há uma mudança perceptiva, devido ao aparecimento das cores pastel. Perante o cartão o sujeito atribui uma resposta em D, em posição lateral (←), precedida de algumas indecisões verbais, “*Aqui só consigo ver, mais ou menos, dois animais, um género de felinos*”. Trata-se de uma resposta banal, em que o cartão é colocado numa posição, que atribui de certa forma alguma energia e movimento aos animais evocados, como que simbolizando a energia que ele teve de disponibilizar para poder transformar a mancha que lhe foi apresentada.

Aos 17 anos:

“ ← *Isto são dois animais, dois lobos. (Os lobos – rosa lat., estão a andar). Isto são árvores de uma floresta. (Árvores – verde e o cinzento). Isto parece-me uma rocha. (Rocha – rosa inf.)*”

Este cartão provoca uma mudança na atitude do sujeito devido ao facto de surgirem diferentes tons de pastel, inseridos numa construção equilibrada sobre o eixo, de onde se destacam os D rosas laterais, que são os primeiros elementos interpretados na resposta dada pelo sujeito, “*Dois animais, dois lobos*”. Os lobos são animais potentes e agressivos, esta representação traduz força, tal como a força que o sujeito necessita, para poder fazer face à emergência do seu lado emocional, que foi despertado pelas características perceptivas deste cartão.

A procura de imagens, com alguma potência e com capacidade de sustentação continua na resposta seguinte, “*Isto são árvores de uma floresta*”. A floresta pode também ter uma simbolização maternal, possuindo capacidade de sustentação.

### Cartão IX

Aos 13 anos:

“*Água... (Água, porque aqui parecia uma cascata – Dbl central). Género de uma floresta. (O resto a floresta – mancha)*”

Pelas diferentes tonalidades que possui e pela perspectiva de profundidade, solicita ao sujeito uma regressão, convite a que a Leonor acedeu através da resposta, “*Água.*” A água é a fonte originária da vida, e é ela que permite a continuação da vida, é um dos elementos básicos para a constituição do ser humano e do que o rodeia.

Na segunda resposta, existe como que o florescer da vida, “*Género de uma floresta.*”, é a água que permite que a floresta viva, a água é a fonte da vida, através destas respostas parece existir uma abordagem de uma temática associada ao nascimento, a origem das coisas, ainda que de uma forma subtil.

Perante este cartão verifica-se que a Leonor consegue contactar com o mundo interno sem que, no entanto, ela se deixe invadir por ele, conseguindo desta forma aceder a uma representação satisfatória para a solicitação da mancha.

Este cartão foi escolhido na prova de escolhas, como sendo um dos preferidos, por causa das cores.

Aos 17 anos:

*“Isto parece-me água, uma cascata. (A cor clarinha – Dbl central, parece água que está a cair, fez-me lembrar uma cascata.). Aqui rochas (Rochas – rosa inf.). Aqui árvores. (As árvores – verde, troncos – laranja)”*

O apelo feito pela mancha é para uma regressão ao simbolismo materno pré-genital, associado aos fantasmas de nascimento, tendo sido este apelo aceite pela Leonor, *“Isto parece-me água, uma cascata.”*, referindo-se ao eixo central do cartão. Trata-se de uma resposta que se organiza tendo por base um detalhe da mancha e a integração do espaço em branco que o rodeia. A água é o elemento a partir do qual se gera a vida, trata-se do principio de todas as coisas. Desta forma, o convite feito à regressão foi aceite.

Se, por um lado, encontramos a expressão do convite à regressão, por outro, encontramos também uma expressão de carácter pulsional, que se traduz pelo movimento inerente à água, uma cascata, ou seja, água em movimento, com vida, com a força que caracteriza a adolescência.

A exploração da mancha prossegue e a Leonor dá a seguinte resposta em D, *“Aqui rochas.”*. Esta é uma resposta parcial, com uma qualidade formal indeterminada, o que dá conta da indecisão presente. Uma rocha é um mineral, em estado bruto que, depois de transformado, dá origem a lindas pedras preciosas. Temos assim uma resposta que revela todo um movimento não transformado, ainda em bruto, daquela que é a expressão do adolescente.

Por último, a Leonor dá a seguinte resposta, *“Aqui árvores.”*. É visível uma sensibilidade à cor da mancha, ao verde e laranja, sendo esse impacto predominante sobre a imagem.

Cartão X

Aos 13 anos:

*“Aqui faz-me lembrar o fundo do mar. (Mais por causa dos desenhos animados.) R.A.: O castelo – cinz. Sup.; Aqui algas – azul lat.; Um caranguejo – cinz.inf.; Duas sereias – amarelo inf.; Dois cavalos marinhos – rosa. “*

No último cartão, aquele que possui uma maior dispersão dos elementos que o constituem, a Leonor dá uma resposta que procura englobar todos os elementos, *“Aqui faz-me lembrar o fundo do mar.”*, embora permaneça alguma dispersão como pano de fundo, já que se trata de uma cena do fundo do mar.

Acentua-se um carácter regressivo, que já tinha sido abordado no cartão anterior, no inquérito o sujeito procura uma melhor sustentação perceptiva que é acompanhada por um maior comprometimento das imagens. São dadas imagens como a de um caranguejo e a de um cavalo marinho que são boas formas, ou seja, depois de um movimento disperso pelo qual é dada toda a resposta, existe uma procura de sustentação que é feita recorrendo a formas suficientemente estáveis.

Este cartão foi escolhido na prova de escolhas, como sendo um dos preferidos, porque lhe faz lembrar o fundo do mar.

Aos 17 anos:

*“Eu lembro-me deste! Aqui duas sereias. (Sereias – amarelo inf. Central); Duas algas. (Algas – azul. Lat.); Dois caranguejos. (Caranguejos – cinz. Inf.); Parece-me o fundo do mar. (Tudo)”*

Trata-se do último cartão presente na prova e também o que apresenta características mais dispersas, que se fazem acompanhar por um grande colorido.

A primeira resposta que a Leonor atribui é precedida por um comentário, *“Lembro-me deste!”* denotando alguma familiaridade com o cartão, o que lhe vai facilitar, a exploração dos elementos constitutivos do mesmo.

As características perceptivas deste cartão fazem com que o sujeito, seja sensível a dispersão, ou seja, perante a mancha o sujeito tenta interpretar isoladamente todos os elementos que constituem o cartão, tentando circunscrever a dispersão na sua última resposta, “*Parece-me o fundo do mar.*”

Neste cartão há um aumento significativo do numero de respostas, em que o sujeito atribui quatro respostas, três em D e uma em Gbl, sendo duas delas de forma F- e F±.

Esta dispersão que é apresentada nas primeiras respostas, acaba por ser contida na última resposta que o sujeito atribui, onde ela tenta englobar os elementos constitutivos do cartão. Talvez neste segundo momento de avaliação, adolescência, a Leonor tenha uma outra capacidade de lidar com a dispersão do cartão, podendo espelhar a forma como o sujeito vive a adolescência e na forma como encara a situação de teste.

No sujeito houve um movimento de procura virado para o desconhecido com um investimento constante, cartão a cartão, resposta a resposta, mas que se expressa no fim, pela capacidade existente no sujeito de ligar todos estes elementos dentro de si.

Todos os movimentos a que o sujeito teve de aceder, para poder responder às diferentes solicitações presentes nos diferentes cartões de Rorschach, podem agrupar-se de acordo com as características que são mais evidentes nas manchas, o seu carácter compacto, a possibilidade de ser evocada a relação e os tons coloridos.

**No primeiro momento de avaliação, aos 13 anos**, nos cartões compactos (I, IV, V e VI), que possuem ligação directa à imagem do corpo, onde se espera que o sujeito aceda a uma representação íntegra de si. Neste protocolo, encontramos respostas de boa qualidade formal, algumas delas tratam-se de banalidades, que atestam a possibilidade de o sujeito circunscrever aquilo a que acedeu na actividade de nomeação da mancha. As suas respostas dão conta de um movimento entre o mundo interno e o externo.

No cartão I e V encontramos a expressão do corpo que veicula a identidade. Nas respostas dadas pelo sujeito aparecem animais, um insecto e uma ave, que embora sejam animais, são boas formas e dão conta de uma boa simbolização por parte do sujeito, para aquela que é a expressão da sua própria identidade. Encontra-se alguma estabilidade por parte do sujeito no que se refere ao seu corpo, ainda que se encontre em transformação.

Ainda em relação aos cartões compactos, na resposta ao cartão IV, verifica-se que há o reconhecimento de uma imagem de força e de potência, mas há uma reacção choque. No cartão VI, o sujeito não reconhece as manchas como imagens de força e de potência. É de salientar que existe uma relação entre a evocação de imagens de potência e a representação corporal do sujeito, o que nos leva a pensar que poderá existir alguma fragilidade em termos da representação corporal do sujeito, o que é normal na pré-adolescência, uma vez que o corpo do sujeito se encontra em transformação.

Nos cartões bilaterais (II, III e VII) onde se espera que o sujeito mobilize directamente o investimento na representação de si face ao outro, numa lógica de complementaridade, a Leonor atribui respostas onde os personagens não se encontram em relação.

No cartão III, o sujeito não atribui uma identidade sexual às imagens, denotando algumas fragilidades ao nível da projecção da sua própria identidade sexual.

A introdução do estímulo pastel, nos últimos cartões, é contida e transformada de uma forma adequada, revelando-se ao outro através de uma boa simbolização, a qual contém os movimentos de transformação realizados pelo sujeito, numa procura de sentido para os sentimentos que as cores podem despertar.

No **psicograma** agrupam-se os constituintes do protocolo, e no da Leonor aquilo que se destaca logo à partida é o baixo número de respostas dentro das quais encontramos ainda a participação das banalidades com um número elevado, se tivermos em conta o baixo número de respostas.

O G aparece com uma percentagem bastante elevada, o que indica uma procura de sustentação para o que emergiu de desestruturado na actividade de nomeação da mancha, para toda a ansiedade que surge na situação de resposta, no ter de dar sentido a algo que à partida não tem e que, pelo seu carácter disforme, pode suscitar uma grande angústia ao sujeito.

Em relação ao D%, verifica-se que tem valores abaixo da média, dando-nos conta da existência de uma menor concentração nos detalhes, transmitindo algum desinteresse pelo concreto.

Neste protocolo encontramos uma percentagem de conteúdos animais, dentro da média no seu limite inferior, o que dá conta de uma razoável capacidade do sujeito em adaptar-se à realidade de uma forma socializada. Por outro lado, a elevada percentagem

dos conteúdos humanos traduz a sua capacidade em identificar-se a uma figura humana, fazendo um reconhecimento da sua própria identidade.

O T.R.I. é coartativo, o que indica uma limitação das tendências projectivas e emocionais assim como uma grande uniformidade nos determinantes que são utilizados.

**No segundo momento de avaliação, aos 17 anos** nos cartões compactos (I, IV, VeVI), que possuem uma ligação directa à imagem do corpo, onde se espera que o sujeito aceda a uma representação íntegra de si, vista como separada do outro, o que revela uma identidade estabelecida que pode ser pensada (Marques, 1993). No protocolo da Leonor, encontramos respostas de boa qualidade formal, algumas delas tratam-se de banalidades, que atestam a possibilidade de o sujeito circunscrever aquilo a que acedeu na actividade de nomeação.

Na expressão aos cartões I e V, que mobilizam a expressão de um corpo que veicula uma identidade, as respostas que foram dadas dão conta de respostas, ditas banais, que transmitem a capacidade de adaptação ao real mas também uma capacidade de contenção do que a mancha lhe solicitou, e que ela conseguiu transformar, de modo a transmitir ao outro pela palavra que origina a resposta. Encontramos alguma estabilidade por parte do sujeito no que se refere ao seu corpo, ainda que se encontre em transformação, pode ser simbolizado.

A projecção de um corpo na sua valência de força e de actividade é transmitida pelos cartões IV e VI, que no protocolo da Leonor, existe o reconhecimento de uma imagem de força, ainda que no cartão IV apareça uma reacção de carácter fóbico, mas em que a angústia que emerge é circunscrita.

Nos cartões bilaterais (II, III e VII) onde se espera que o sujeito mobilize directamente o investimento na representação de si face ao outro, numa lógica de complementaridade. No cartão II e VII, o sujeito não faz alusão ao relacional, evocando respostas que se encontram numa situação a-relacional, associado possivelmente a uma necessidade de evitamento do confronto com o pulsional.

A entrada nos cartões pastel é feita com agrado em relação às cores, em que há uma procura de ligação entre o mundo interno e o externo, onde ocorrem transformações que são simbolizadas e transmitidas ao outro.

No **psicograma** encontramos reunidos os movimentos a que o sujeito acedeu durante a passagem da prova, que foram transmitidos para a cotação, que nos revela a transformação realizada pelo sujeito entre o conhecido e o desconhecido presente em cada um dos cartões.

Dos traços presentes no psicograma, destacamos o baixo número de respostas dentro das quais encontramos ainda a participação das banalidades com um número elevado, se tivermos em conta o número de respostas.

O G% é relativamente elevado, indicando uma atitude defensiva onde o sujeito procura não se envolver numa atitude pessoal e mais profunda. Em relação ao D% encontra-se dentro da média, próximo do seu limite inferior.

O facto do F+% ser baixo dá conta de uma má qualidade da ancoragem à realidade objectiva. Existe um funcionamento na base da percepção pura, encontrando-se os valores de F% próximo do limite inferior da média.

Os valores do A%, encontram-se um pouco abaixo da média, o que dá conta da existência de uma ligeira falha ao nível da socialização. Em relação ao H%, verifica-se que os valores são superiores à média, demonstrando existir uma capacidade em identificar-se a uma figura humana, fazendo um reconhecimento da sua própria identidade.

O T.R.I., é extroversivo misto, o que dá conta de um predomínio do campo afectivo, sobre o mundo imaginário.

É importante também referir que a Forma complementar, varia em sentido inverso ao T.R.I., indicando um possível conflito intrapsíquico, o que é normal uma vez que a adolescência é um período de transformação, que cria instabilidade, para o adolescente poder aceder ao patamar seguinte, a idade adulta

## 8- Discussão

Gostaríamos de fazer referência aos elementos que encontramos nos protocolos que recolhemos e que procuramos estudar de uma forma mais pormenorizada, que possuem traços que vão ao encontro do que é mais frequente na adolescência e que se encontram descritos na literatura referente ao tema.

Queremos compreender como é que se processam e como é que se revelam os movimentos de transformação e de simbolização do corpo e das identificações dos adolescentes em crescimento, compreendidos de acordo com uma teoria do conhecimento, onde é necessário que se produza uma transformação para que este ocorra.

Este estudo que procura aprofundar o conhecimento da adolescência, reúne quatro protocolos, de um rapaz e de uma rapariga, em que ambos foram avaliados em dois momentos diferentes, aos 13 anos (pré-adolescência) e aos 17 anos (adolescência). É sobre os dados dos protocolos, que procuramos reflectir de forma a encontrar um sentido para os diferentes sentidos que se foram revelando em cada um dos adolescentes.

Partimos à descoberta de cada um dos adolescentes na sua individualidade e nos pontos em que se aproximam e se afastam, não deixando de lado a procura de um sentido para o processo de desenvolvimento da adolescência e para o que nela, se encontra em transformação, podendo ser pensado de acordo com esta perspectiva.

**A expressão do que lemos no protocolo do Salvador, recolhido aos 13 anos,** é o que caracteriza o início do processo de desenvolvimento da adolescência, sendo a descoberta do desconhecido vivida por um lado como intensa, por todo o despertar de novas emoções, e por outro, como assustador, tal como tudo o que é desconhecido, pelo medo que desperta a cada movimento que se denuncia.

Ao longo de todo o protocolo do Salvador, assistimos a um constante movimento, que procura ser transformador, e busca um novo sentido para aquilo que cada imagem lhe vai permitindo descobrir em si e na relação com o outro, numa combinação contínua dos movimentos que ligam o que é da ordem do interno e o que é externo, permitindo-lhe um avanço na sua descoberta.

O sujeito, face às modificações que se encontram em curso, opera um movimento de transformação no sentido de procurar um meio suficientemente protector, que seja um continente para toda a turbulência que sente e que o proteja daquilo que ele pode sentir como sendo mais ameaçador. Isto reflecte-se na própria situação catastrófica, face à qual o sujeito tem de mobilizar ideias novas, numa procura de sentido, cartão a cartão, onde o interno e o externo se ligam.

No primeiro contacto com a prova, cartão I, revela sensibilidade ao branco, o que pode ser um indicador de um corpo que não se encontra suficientemente íntegro. O terror que a situação de teste lhe suscitou, leva-o a projectar na mancha, numa relação continente-conteúdo, um elemento não pensado (elemento  $\beta$ ) mas que, através da capacidade de transformação, permite ao sujeito dar sentido às emoções, recorrendo ao pensamento, podendo dar um significado à mancha, revelando ao outro aquilo que de terrível, lhe suscitou mas que agora surge recriado na resposta.

É o cartão I que mais favorece a expressão de falhas ao nível da integridade da imagem corporal, pela participação do branco, o que é mais evidente nos protocolos dos rapazes pré-adolescentes (Marques, 1993).

Ainda em relação aos cartões compactos, nas respostas aos cartões IV e VI, verifica-se que o sujeito não reconhece as manchas como imagens de força e de potência e dá uma resposta de má qualidade formal. É de salientar que existe uma relação entre a evocação de imagens de potência e a representação corporal do sujeito, o que nos leva a pensar que poderá existir alguma fragilidade em termos da imagem corporal, o que é normal na pré-adolescência, uma vez, o corpo do jovem se encontrar em transformação e é sentido como novo, tendo em atenção que a infância passou à pouco tempo.

No cartão II existe o confronto com o pulsional pela introdução do vermelho, juntamente com a característica da bilateralidade que coloca o sujeito face ao relacional. O Salvador sente-se confrontado com algo que lhe é desconhecido, e faz uma recusa neste cartão, o que pode estar relacionado com a possibilidade que o sujeito tem de aceder à imagem de um corpo íntegro, ou não, e onde a possibilidade de uma identificação bissexual está presente.

Nas respostas dadas pelo Salvador ao cartão III, verifica-se que ele não atribui uma identidade sexual às imagens, denotando algumas fragilidades ao nível da projecção da sua própria identidade sexual, apesar de ser frequente nos pré-adolescentes

rapazes, a evocação de imagens sexualmente indeterminadas, de acordo com Marques (1993).

Em relação ao cartão VII, o sujeito evoca a relação, mas com características narcísicas, uma vez se tratar de duas pessoas que estão ligadas uma à outra, o que pode estar relacionado com a reactivação de uma problemática de fusão.

O aparecimento dos cartões pastel introduz uma nova característica perceptiva que tem de ser transformada, é sobre o pulsional que as cores suscitam que o sujeito tem de operar toda uma transformação, de modo a lidar com a situação que, de novo, é sentida como catastrófica.

Na resposta ao cartão VIII, só uma parte da mancha é que é interpretada, ou seja, o sujeito só conseguiu transformar e integrar dentro de si parte do desconhecido, a outra parte da mancha permaneceu, sob a forma de um elemento  $\beta$ , ou seja, não sofreu a transformação da função  $\alpha$ .

O cartão IX é aquele que convida a uma regressão, em que o Salvador consegue transformar aquilo que percepcionou, fazendo uma ligação entre aquilo que é da ordem do interno face ao externo, revelando uma transformação adequada do que mais desestruturado a mancha lhe suscitou.

Perante o cartão X o Salvador procura uma apreensão em D da mancha, com a integração do branco, em que o sujeito tenta conter parte da dispersão dos elementos constituintes do cartão. A contenção opera-se, deste modo, na relação face ao pulsional, ou seja, às cores, mas também ao que de frágil está presente no sujeito e que se liga ao branco, à falta.

As respostas que ele atribui no cartão X, para fazer face à dispersão, dão conta da dispersão que é sentida internamente pelo sujeito, que se traduz na resposta que é comunicada ao outro. É importante realçar que o Salvador está a iniciar a sua caminhada pela adolescência, é normal, ser sentida com alguma inquietação e dispersão.

**No protocolo do Salvador recolhido aos 17 anos, (adolescência),** nas suas respostas, expressa o desejo de revelar ao outro o que existe de mais íntimo, mas por outro, existe toda uma oscilação no que em si é conhecido e o que é desconhecido, e por isso, não é transmitido na relação com o outro, reflectindo-se no protocolo, ao nível do reduzido número de respostas evocadas, o mesmo se passou, no protocolo recolhido aos 13 anos. Trata-se de um movimento que pode ser compreendido com recurso à barreira de contacto, a qual permite que exista uma passagem selectiva do que no sujeito é

inconsciente para o seu consciente, num movimento que procura ser de integração do desconhecido no que é conhecido.

Neste protocolo, encontramos respostas de boa qualidade, algumas delas tratam-se de banalidades, que atestam a possibilidade de o sujeito circunscrever aquilo que acedeu na actividade de nomeação da mancha.

Na expressão aos cartões I e V que mobilizam a expressão de um corpo que veicula uma identidade, as respostas que foram dadas são de boa forma, transmitindo a existência de uma capacidade de contenção do que a mancha lhe solicitou, e que ele conseguiu transformar. Encontra-se alguma estabilidade por parte do sujeito no que se refere ao seu corpo, ainda que se encontre em transformação.

Nos cartões IV e VI, onde o corpo surge normalmente associado à potência, verifica-se que o Salvador atribui respostas desprovidas de potência e de força, fazendo mesmo, uma recusa ao cartão VI, em que ele não consegue circunscrever a angustia que este lhe suscitou, não conseguindo aceder a uma simbolização, revelando alguma fragilidade quando temos em conta a conotação mais presente no cartão, esta ligada à potência.

Neste protocolo verifica-se, que o Salvador ainda denota, de uma forma bastante clara, como a vivência corporal, estão mal compreendidas e assimiladas.

Nos rapazes, a possibilidade de aceder a um corpo sexuado que seja íntegro, e face ao qual o sujeito se identifique, causa receios, que são vividos enquanto dúvidas, numa procura de equilíbrio face ao que lhe é desconhecido. O corpo, pelas transformações que apresenta, é vivido sob constante dúvida e inquietação.

O cartão II permite a expressão do relacional e do pulsional, devido ao seu carácter bilateral e ao aparecimento da cor vermelha. Perante este cartão, atribui uma resposta onde não há relação. Esta resposta possui uma certa conotação defensiva, em que ele ao confrontar-se com um cartão que remete para a relação, escotomiza uma parte da mancha, de modo a neutralizar o pulsional e o relacional

Apesar do Salvador conseguir nomear a mancha aos 17 anos, o que não lhe foi possível aos 13 anos, verifica-se que estas questões da relação ainda lhe provocam alguma inquietação reflectindo-se na sua resposta.

O sujeito ao confrontar-se com o cartão III, neste segundo momento de avaliação, tem uma reacção mais descontraída do que na pré-adolescência, onde lhe é possível a representação de si face ao outro, apelando para a relação.

Neste cartão ele dá uma resposta banal evocando duas silhuetas humanas, “*Duas pessoas. Mais nada.*”, percebendo personagens indeterminadas em termos da sua identidade sexual, o que é frequente nas respostas dos adolescentes de acordo com Marques (1993). É de salientar que na prova de escolhas consegue atribuir identidade sexual às personagens percebidas, “*Parecem duas mulheres.*”, elegendo este cartão, como sendo um dos que gostou mais.

Em relação aos Ds vermelhos, verifica-se que o sujeito os escotomiza, até mesmo no inquérito de limites, o que dá conta da existência de um evitamento do pulsional.

No protocolo do Salvador, a resposta ao cartão VII, não traduz relação. Trata-se de uma resposta onde o sujeito evoca duas figuras humanas, que se encontram frente a frente, mas não se encontram em relação. Parece que a interação é de tal forma dolorosa que obriga o sujeito a encontrar conteúdos protectores para travar uma vivência estranha face às novas exigências relacionais, o que é frequente nos adolescentes de acordo com Marques (1993).

Tendo em atenção as respostas dadas ao cartão VII, no momento de avaliação anterior (13 anos), verifica-se que para o Salvador na pré-adolescência, estar em relação com o feminino ou materno é estar ligado, quase fundido com o outro. Talvez para evitar este excesso de proximidade, aos 17 anos, ele coloca estas figuras humanas numa posição a-relacional, para evitar lidar com estas questões da delimitação entre o Eu e o Outro.

Para o sujeito, a introdução dos novos estímulos presentes nos cartões pastel, leva ao aparecimento de um continente, para que se processe uma ligação entre o que é da ordem do interno e o que a mancha lhe suscita. Na resposta ao cartão VIII, só uma parte da mancha é que é interpretada, ou seja, o sujeito só conseguiu transformar e integrar dentro de si parte do desconhecido, uma parte da mancha permaneceu sob a forma de um elemento  $\beta$ , ou seja, não sofreu a transformação por parte da função  $\alpha$ .

O cartão IX, pelo facto de apresentar limites que são difusos, convida a uma expressão de alguma fragilidade narcísica. Perante este cartão o Salvador atribui uma resposta, em que tenta englobar toda a mancha “*Um tronco.*”, procurando encontrar um continente narcisicamente protector. Trata-se de uma resposta de má forma, em que o sujeito tenta englobar toda a mancha numa resposta unitária, em que o processo de pensar desorganiza-se de certa forma, uma vez que poderá ter ocorrido uma invasão do mundo interno. Nesta resposta o convite à regressão é aceite, surgindo um continente

que procura suster o que de desconhecido a mancha lhe suscita, revelando-se agora numa comunicação ao outro.

Nos protocolos de adolescentes, a regressão, o retraimento e a passividade, são características frequentes de se encontrarem (Marques, 1990).

O aparecimento do último cartão, sendo aquele que mais convida à fragmentação, é simbolizado pelo Salvador com o recurso a uma apreensão em D da mancha, com inclusão de um pormenor branco, em que o sujeito tenta conter a dispersão dos elementos que constituem o cartão, mas acaba por não conseguir realizar uma contenção global de todos os elementos. A contenção opera-se, deste modo, na relação face ao pulsional, ou seja, em relação às cores, mas também ao que de frágil está presente no sujeito e que se liga ao branco, à falta.

Procuramos também realizar uma integração dos dados que se destacam mais ao nível dos **Psicogramas, dos dois protocolos do Salvador, aos 13 e aos 17 anos**, onde procuramos fazer uma análise mais cuidada dos protocolos, realizando uma comparação entre eles.

Em relação ao número de respostas atribuídas em ambos protocolos, verifica-se que o número de respostas encontram-se abaixo da média, principalmente no protocolo recolhido aos 17 anos, em que atribui apenas 9 respostas, o que pode indicar algum retraimento.

Tendo em atenção o número de respostas atribuídas pelo sujeito em ambos os protocolos, verifica-se que a percentagem de banalidades, encontram-se acima da média, principalmente no protocolo recolhido aos 13 anos, (pré-adolescência).

O jovem ao confrontar-se com os cartões, em ambos os protocolos, tende a dar significado à mancha na sua globalidade e não a partir dos detalhes, tendo um G% acima da média e um D% abaixo da média. Podemos dizer que ele teve a necessidade de criar um continente que seja sustinente para os movimentos de transformação que estão a decorrer, o corpo que se transforma, as figuras identificatórias que se alteram.

Ao pensarmos na possibilidade que existe da situação de teste ser vivida pelo sujeito como uma “situação catastrófica”, na qual o sujeito tem de organizar aquilo que de desconhecido a mancha lhe suscitou, tendo de lhe dar um significado possível de ser representado. Uma apreensão de tipo mais global, em G, permite a contenção de tudo o que emergiu face à mancha, da “situação catastrófica” que se gerou e que agora tem de ser transformada para poder ser comunicada ao outro. Já uma apreensão em D, dá conta de um movimento de procura e de exploração de algumas partes da mancha.

Em relação ao F%, verifica-se que o sujeito apresenta valores médios, aos 13 anos (pré-adolescência), o que significa que existe um recurso a elementos da realidade objectiva, o que dá conta de uma boa ligação ao real. No protocolo recolhido aos 17 anos (adolescência), o F% é elevado. Esta insistência no aspecto formal, na objectividade, atesta uma conduta activa para figurar os objectos num enquadramento preciso onde se joga claramente a diferenciação sujeito/objecto. O investimento na realidade perceptiva vai restringir o subjectivo, o exterior é usado como apaziguador/organizador do interno, (Marques, 1990).

Em ambos os protocolos, encontramos uma percentagem de conteúdos animais, A%, dentro da média, o que dá conta de uma razoável capacidade do sujeito em adaptar-se à realidade de uma forma socializada. Por outro lado, a elevada percentagem dos conteúdos humanos, H%, principalmente no protocolo recolhido aos 13 anos, traduz a forte necessidade de projecção directa do Eu, sem que seja contudo possível chegar a uma verdadeira representação do Eu sexuado, inerente às funções do próprio sexo.

De acordo com Marques (1993), é frequente os protocolos dos pré-adolescentes, terem um H%, superior aos protocolos dos adolescentes.

Em relação ao Tipo de Ressonância Íntima (TRI), em ambos os protocolos, é coartativo, o que dá conta da existência de uma insuficiente expressão, do mundo imaginário e do mundo afectivo.

Os dois protocolos do Salvador não revelam uma grande sensibilidade afectiva, uma vez que as percentagens do RC%, encontram-se dentro da média, (aos 17 anos) e um pouco abaixo da média, (aos 13 anos).

Apesar das semelhanças e das diferenças existentes nos protocolos do Salvador, ambos transmitem uma mensagem, de extrema importância, e que se relaciona com o facto de serem diferentes e de existir uma infinidade de possibilidades de expressão, para aquela que é a transformação que tem lugar a cada momento do desenvolvimento e que permite o crescimento.

**No protocolo recolhido aos 13 anos, ( pré-adolescência), a Leonor** expressa a sua capacidade de simbolizar a transformação que ocorre neste momento do seu desenvolvimento.

Neste protocolo, encontramos respostas de boa qualidade, algumas delas tratam-se de banalidades, que atestam a possibilidade de o sujeito circunscrever aquilo que aceso na actividade de nomeação da mancha.

Na expressão aos cartões I e V que mobilizam a expressão de um corpo que veicula uma identidade, as duas respostas que foram atribuídas, são de uma boa qualidade formal, sendo consideradas respostas banais, que espelha a capacidade de contenção do que a mancha lhe solicitou, e que ela conseguiu transformar. Perante estes cartões, verifica-se que as respostas da Leonor procuram uma objectividade externa, talvez para anular a expressão do que vem do seu interior, de acordo com Marques (1993), é frequente encontrar-se estas características nos protocolos das raparigas pré-adolescentes.

No cartão IV assistimos, a uma procura de superar uma significativa fragilidade narcísica, ocasionada pelo confronto com o simbolismo sexual masculino que o cartão apresenta. A inquietude suscitada pelo cartão é evidente no protocolo da Leonor pela reacção choque (Fclob). No entanto, a sua capacidade de transformação permite-lhe fazer uma apreensão global da mancha, numa procura de significados para o que de interno o cartão suscitou e que agora surge sob a forma de um símbolo, na comunicação que é feita ao outro.

O cartão II permite uma dupla expressão: do relacional e do pulsional. Trata-se de um dos cartões face ao qual podemos compreender de que modo é que o sujeito realizou a transformação que lhe permitiu aceder a uma identificação, de que modo é que ela se realizou internamente no sujeito e como é que agora é comunicada ao outro em palavras. Perante este cartão, o sujeito apresenta dificuldades em lidar com o relacional, o que gera uma dor mental pela incapacidade que apresenta de ligação entre o interno e o externo, por surgirem pressões do mundo interno que não se encontram suficientemente transformadas para fazerem parte do mundo externo, podendo ser partilhadas com o outro numa relação de comunicação.

Na resposta atribuída pela Leonor ao cartão III, verifica-se que ela percepção dois seres, mas não consegue definir que seres são esses, relativamente à sua espécie, ou à sua identidade sexual. Talvez a indecisão que a Leonor sentiu ao nomear as silhuetas humanas existentes no cartão, espelhe as suas próprias indecisões relativamente à representação de si face ao outro, característico da pré-adolescência, onde tudo é novo e em transformação.

Em relação aos Ds vermelhos, existentes neste cartão, verifica-se que o sujeito os escotomiza, até mesmo no inquérito de limites, o que dá conta da existência de um evitamento do pulsional, em oposição ao cartão anterior em que foi abordado e tratado.

A resposta que a Leonor atribui no cartão VII, vêm no seguimento das respostas atribuídas, nos cartões bilaterais anteriores, ou seja, demonstra alguma dificuldade em evocar o relacional, uma vez não existir qualquer tipo de relação entre as pessoas evocadas, nem identidade sexual. Através da imagem que o sujeito cria, verifica-se que não ocorreu um movimento identificatório tendo em consideração o seu sexo, o que é frequente nas respostas atribuídas pelas raparigas, o que poderá estar relacionado com a reactivação de uma problemática de fusão.

Existe uma tentativa, por parte da Leonor, de neutralizar o impacto emocional que a cor dos cartões pastel lhe suscitam. No cartão VIII é dada uma resposta banal, apesar da resposta atribuída, só se referir à interpretação de detalhes facilmente isoláveis.

O cartão IX apela para uma regressão à simbolização materno pré-genital, associado aos fantasmas de nascimento, tendo sido este apelo aceite por ela. Há como que o retorno ao primário, ao que deu origem a tudo, a uma relação com a mãe, com quem se sente próxima, à qual se identifica, mas de quem é necessário separar-se para poder crescer.

O aparecimento do ultimo cartão, que é o que mais convida à fragmentação, é simbolizado pelo sujeito com o recurso a uma apreensão global da mancha com integração do branco. Existe a capacidade de evocar um continente, que protege o sujeito da dispersão que é percebida na mancha, mas que é sentida internamente e que por isso é transformada na comunicação que é feita ao outro, embora permaneça alguma dispersão como pano de fundo, já que a resposta atribuída, evoca uma cena do fundo do mar.

**No protocolo da Leonor recolhido aos 17 anos (adolescência),** verifica-se que ela tem uma maior necessidade de explorar os cartões, do que no protocolo recolhido aos 13 anos, reflectindo-se num maior numero de respostas.

É notório neste protocolo a existência de uma menor focalização e confusão com o objecto externo, para anular o objecto interno, como acontecia na pré-adolescência. Nesta fase do desenvolvimento da Leonor, há um menosprezo da realidade que ela investiu anteriormente, de acordo com Marques (1993), na passagem da pré-adolescência para a adolescência, é normal este tipo de transformações nas raparigas.

O sujeito realiza uma apreensão dos cartões de uma forma mais detalhada, centrando-se nas particularidades que constituem o todo, em oposição ao protocolo

recolhido aos 13 anos, onde realizava uma apreensão do cartões de uma forma mais global.

Na expressão aos cartões I e V que mobilizam a expressão de um corpo que veicula uma identidade, a Leonor atribui respostas em que apreende a mancha de um modo global, o que atesta a projecção de uma imagem de corpo integrada, reflectindo também, a sua capacidade de contenção do que a mancha lhe solicitou e que ela conseguiu transformar e dar-lhe um sentido.

Ainda em relação aos cartões compactos, mas na resposta ao cartão IV, tal como aconteceu no momento de avaliação anterior, aos 13 anos, verifica-se que a Leonor, procura superar uma fragilidade narcísica, ocasionada pelo confronto com o simbolismo sexual masculino que o cartão apresenta. A instabilidade provocada pelo cartão é evidente pela reacção choque (Fclob). Apesar desta inquietude, a Leonor consegue fazer uma apreensão global da mancha, procurando atribuir um significado para o que de interno o cartão lhe suscitou.

O cartão VI, pelo simbolismo sexual que apresenta, provoca nos adolescentes algum desconforto, ainda que não seja sentido de uma forma tão intensa como no cartão IV. De acordo com Marques (1990), apesar do impacto do cartão, as adolescentes e as pré-adolescentes conseguem, apesar de tudo, uma conduta adaptativa.

Apesar das transformações que ocorrem da passagem da pré-adolescência para a adolescência, ao nível da vivência corporal, verifica-se que ainda estão mal compreendidas e assimiladas.

O cartão II permite a expressão do relacional e do pulsional, devido ao seu carácter bilateral e ao aparecimento da cor vermelha. Perante este cartão, a primeira reacção ao cartão é a de choque com um comentário que atesta isso mesmo, “*Ai que esquisito!*”. A reacção choque é mais frequente nas raparigas do que nos rapazes e possui um carácter predominantemente fóbico.

Perante este cartão, o sujeito faz uma apreensão da mancha em Gbl (inclusão da lacuna intra-molecular), onde nomeia todos os elementos que constituem o cartão, incluindo também os detalhes vermelhos, que representam o mundo pulsional. A evocação da lacuna intra-molecular na adolescência, está mais associada como suporte da representação no total, do que como um espaço vazio (Rausch de Traubenberg, 1993).

A resposta que o sujeito atribui não lhe permite representar o relacional, já que se trata de um cartão bilateral onde a cor vermelha se impõe, onde o sujeito se coloca numa posição de distanciamento.

Em relação ao cartão III a Leonor atribui uma resposta banal evocando duas silhuetas humanas em movimento. Perante a mancha ela percepçiona corpos humanos, mas não lhes atribui uma identidade sexual, nem se prende em detalhes narcísicos ou sexuais, o que é frequente nos protocolos das raparigas. É importante salientar que aos 13 anos, a Leonor ao confrontar-se com este cartão não conseguiu percepçionar figuras humanas, denotando transformações ao nível da necessidade da representação de si e do outro, apelando para o modo relacional

Neste protocolo torna-se visível aquilo a que se refere Rausch de Traubenberg (1993), relativamente ao carácter desestabilizador do cartão II e III, onde as raparigas se desorganizam no cartão II, procedendo a uma posterior reorganização no cartão III.

No cartão VII, a resposta que a Leonor atribui evoca dois seres irreais que não se encontram em relação. A evocação de dois duendes, possui um colorido pueril, em que o sujeito evoca esta imagem, de modo a evitar o confronto com uma representação humana, que poderia trazer ao de cima, outro tipo de relação entre eles.

É frequente na adolescência o jovem sentir a interacção com o outro de uma forma tão dolorosa que o obriga a encontrar conteúdos protectores para travar uma vivência estranha face às novas qualidades relacionais, parece que se passa o mesmo com a Leonor.

O aparecimento dos cartões pastel introduz uma nova característica perceptiva que tem de ser transformada, é sobre o pulsional que as cores suscitam que o sujeito tem de operar toda uma transformação, de modo a lidar com a situação, que de novo é sentida como catastrófica.

No confronto com o cartão VIII, a Leonor tenta explorar os vários elementos constituintes do cartão, atribuindo algumas respostas em D, sendo algumas delas respostas banais. No momento de avaliação anterior, aos 13 anos, a Leonor não apresentou a mesma capacidade de exploração e de nomeação do cartão. De acordo com Marques (1993), é frequente nas raparigas adolescentes, ocorrer uma maior participação em detrimento da expressão em D.

No cartão IX encontramos presente na Leonor um movimento semelhante ao que está presente no protocolo recolhido aos 13 anos, dado que existem novas características que surgem e que se revelam ao sujeito, as quais vão ser transformadas de modo a serem comunicadas ao outro, numa actividade de ligação, dando a resposta conta de uma fragilidade narcísica que se exprime de uma forma muito regressiva. Há como que

o retorno ao primário, à relação com a mãe, à qual se identifica, mas de quem é necessário autonomizar-se.

As características perceptivas do cartão X, fazem com que o sujeito, seja sensível a dispersão, ou seja, perante a mancha o sujeito tenta interpretar isoladamente todos os elementos que constituem o cartão, tentando circunscrever a dispersão na sua última resposta, "*Parece-me o fundo do mar.*"

Talvez neste segundo momento de avaliação, adolescência, a Leonor tenha uma outra capacidade de lidar com a dispersão do cartão, podendo espelhar a forma como o sujeito vive a adolescência e na forma como encara a situação de teste.

Procuramos também realizar uma integração dos dados que se destacam mais ao nível dos **Psicogramas, dos dois protocolos da Leonor, aos 13 e aos 17 anos**, onde procuramos fazer uma análise mais cuidada dos protocolos, realizando uma comparação entre eles.

Em relação ao número de respostas atribuídas pela Leonor, em ambos protocolos, verifica-se que o número de respostas encontram-se abaixo da média, principalmente no protocolo recolhido aos 13 anos, em que atribui apenas 11 respostas, o que pode indicar algum retraimento.

Em oposição, a percentagem de banalidades, em ambos os protocolos, encontram-se acima da média, tendo em atenção o número de respostas atribuídas.

A Leonor ao confrontar-se com os cartões, aos 13 anos, tende a dar significado à mancha na sua globalidade e não a partir dos detalhes, tendo um G% acima da média, e um D% abaixo da média. Podemos dizer que ela teve a necessidade de criar um continente que seja sustinente para os movimentos de transformação que estão a decorrer, o corpo que se transforma, as figuras identificatórias que se alteram, traduzem-se na necessidade de assegurar que determinados elementos, ainda que transformados, continuem presentes, fazendo parte da estrutura do sujeito.

No protocolo recolhido aos 17 anos, o D% encontra-se dentro da média e o G% encontra-se ligeiramente acima da média. Neste segundo momento de avaliação, a Leonor teve outra capacidade de explorar a mancha, centrando-se mais nos detalhes do que no todo, reflectindo outra capacidade de lidar com o mundo externo e com o mundo interno.

Em relação ao F%, verifica-se que, em ambos os protocolos, apresenta valores ligeiramente abaixo da média, o que significa que não existe uma insistência maciça sobre a objectividade, o que lhe permite uma não restrição e limitação do subjectivo.

Em ambos os protocolos, encontramos uma percentagem de conteúdos animais, A%, dentro da média, no seu limite inferior aos 13 anos e um pouco abaixo da média aos 17 anos, o que dá conta de uma razoável capacidade do sujeito em adaptar-se à realidade de uma forma socializada. Por outro lado, a elevada percentagem dos conteúdos humanos, H%, principalmente no protocolo recolhido aos 13 anos, traduz a forte necessidade de projecção directa do Eu, sem que seja contudo possível chegar a uma verdadeira representação do Eu sexuado, inerente às funções do próprio sexo.

De acordo com Marques (1993), é frequente nos protocolos dos pré-adolescentes, terem um H%, superior aos protocolos dos adolescentes.

Em relação ao Tipo de Ressonância Íntima (TRI), aos 13 anos é coartativo, o que dá conta da existência de uma insuficiente expressão, do mundo imaginário e do mundo afectivo. Aos 17 anos o T.R.I. é extroversivo misto, dando conta da capacidade em expandir aquilo que em si existe de desconhecido e de mais íntimo, demonstrando ter outra capacidade de lidar com o seu mundo interno e de o transmitir ao outro.

Os dois protocolos da Leonor revelam uma grande sensibilidade afectiva, uma vez que as percentagens do RC%, encontram-se dentro da média, (aos 13 anos) e um pouco acima da média, (aos 17 anos). Convém precisar, que este aumento da reactividade aos 17 anos, se deve ao número de respostas atribuídas no cartão X, onde ocorreu um investimento na realidade objectiva.

Apesar das semelhanças e das diferenças existentes nos protocolos da Leonor, verifica-se que, em ambos os protocolos existe uma infinidade de possibilidades de expressão para aquela que é a transformação que tem lugar a cada momento do desenvolvimento da adolescência.

A adolescência caracteriza-se particularmente por uma turbulência que, sendo sentida internamente, pode ser revelada no exterior, elaborada de modo a poder ser transmitida ao outro. Neste trabalho, também nós procuramos um sentido, entre os possíveis, para a adolescência como um período de desenvolvimento muito rico em significados, nos quais procuramos desvendar um pouco aquilo que surge de desconhecido.

Neste estudo a utilização do Rorschach, permitiu-nos aceder ao que de desconhecido existe no processo de desenvolvimento adolescente. Procuramos uma compreensão que considera as transformações que estão a ocorrer, sendo desta forma possível aceder ao conhecimento do outro, através do processo de resposta Rorschach.

O Rorschach permite a elaboração de um processo de criação de sentido para o que à partida não o possui, uma vez que as manchas são desconhecidas pelo sujeito, face às quais ele tem de operar um trabalho de ligação entre o que em si é conhecido e o que é desconhecido, implicando-se numa tarefa de criação de sentidos e de significados para o que se encontra sem um à partida.

De acordo com Salgueiro (1990), o conceito de mudança catastrófica, na adolescência é uma expressão que traduz o que ocorre durante este período do desenvolvimento e que varia de sujeito para sujeito. Neste trabalho encontramos quatro protocolos, que nos revelam a expressão de dois sujeitos diferentes, ainda que possuam em comum o facto de serem adolescentes e de realizarem um movimento de transformação. É este movimento que decorre no sentido da integração e que permite um avanço no crescimento, um avanço para “O”, para o infinito, que no Rorschach se traduz por uma possibilidade de ligações infinitas entre o mundo interno e o externo do sujeito.

A actividade de ligação entre o mundo interno e o externo é possível pela existência de uma barreira de contacto, uma vez que é ela que permite o contacto entre aquilo que é consciente e aquilo que é inconsciente no sujeito, funcionando como uma membrana semi-permeável e transformadora.

A discussão da análise dos protocolos que utilizamos neste trabalho, tem como principal objectivo a compreensão da transformação que decorreu na eminência de dar uma resposta por parte dos sujeitos, em dois momentos diferentes do seu desenvolvimento, aos 13 anos (pré-adolescência) e aos 17 anos (adolescência). Procuramos dar sentido ao que de único surge no ter de dar um significado ao que à partida não possui, revelando ao outro o que de mais profundo existe no sujeito.

A transformação que encontramos presente traduz-se por uma procura de conhecimento, por parte do sujeito, do que em si existe de desconhecido. Decorre toda uma mudança que pode ser entendida como catastrófica, na medida em que as transformações que estão a decorrer, quer ao nível do corpo, quer ao nível das identificações, geram uma dor mental que tem de ser elaborada pelo sujeito.

Na eminência de nomear uma mancha que apresenta um carácter ambíguo e desprovido de significado à partida, o sujeito tem de fazer face à dor mental, sendo mais difícil simbolizar o que ainda não foi pensado, ou seja, o que não foi transformado. Em algumas das respostas presentes nos protocolos encontramos esta característica, uma

dificuldade de encontrar um sentido, de expressar ao outro um significado que ainda não foi encontrado pelo próprio.

Nos cartões onde domina o simbolismo sexual masculino, observamos nos protocolos do Salvador, quer na pré-adolescência como na adolescência, dificuldades e incertezas na afirmação de um corpo masculino sexuado. O confronto com a representação de um corpo masculino provoca uma dor mental, face ao desconhecido das manchas e ao próprio corpo que está em transformação, em identificação, um corpo que sendo conhecido, mostra agora todo um desconhecido ao sujeito. Perante a confrontação com a potência fálica existe uma procura de integração desta, sendo o símbolo a que o sujeito acede um contendor sustinente para a transformação que necessita de ocorrer, no sentido da constituição de uma integridade corporal, onde está presente a potência, mas também a fragilidade sentida pelo que é desconhecido.

Perante a prova os sujeitos são confrontados com o simbólico dos cartões perante o qual realizam uma ligação entre o que é interno face ao externo que lhe é imposto, numa relação do tipo continente-conteúdo, a partir da qual o sujeito é capaz de pensar, transformando o seu pensamento em palavras através das quais comunica ao outro a ligação e a transformação que teve de realizar.

Na Leonor, o confronto com um simbolismo sexual de carácter masculino, tanto na pré-adolescência, como na adolescência, evidencia toda uma fragilidade narcísica, surgindo todo um desconhecido onde surgem interrogações na afirmação de si e do seu corpo. A tendência é para uma centração nos detalhes que apresentam um simbolismo sexual feminino, o que permite a criação de um continente que sustém a fragilidade narcísica da afirmação do que de feminino está presente.

Tal como diz Marques (1996b), é a feminilidade que permite a descoberta de uma nova identificação, levando a que se realize um movimento no sentido do sexo oposto, da descoberta da complementaridade, ou seja, do masculino.

A incerteza é uma constante na questão da afirmação da sexuação, do corpo do adolescente face ao outro, enquanto diferente, surgindo um retraimento narcísico que garante a integridade corporal do próprio.

É notório de uma forma muito clara, que tanto o Salvador como a Leonor, já mesmo na adolescência, a vivência corporal, está ainda mal compreendida e assimilada.

O evitar da interacção relacional, em particular nos cartões que mais o solicitam, reenvia para a dificuldade que a Leonor e o Salvador apresentam em manejar o pulsional, principalmente na pré-adolescência. As transformações presentes durante o

processo de desenvolvimento da adolescência, passam pela integração do pulsional num contexto relacional, mas na incapacidade de elaborar esta transformação o adolescente evita o relacional, evitando lidar com o pulsional que está presente em alguns dos cartões.

O encontro com o outro, que se apresenta como diferente, confronta os adolescentes com o estranho e com o familiar, ou seja, com o conhecido e com o desconhecido que, ao ser masculino ou feminino, possui novas qualidades que são fundamentais para que ocorra a transformação e para que esta se realize no sentido do crescimento e do conhecimento.

Com as transformações que ocorrem ao nível das identificações que o adolescente realiza, na passagem da pré-adolescência para adolescência, deixamos de ter uma fusão com o outro igual, podendo o sujeito operar um movimento de construção de si, no que lhe faz sentido face ao outro, numa lógica de complementaridade, do que existe de diferente e de igual, permitindo ao adolescente ser único.

Talvez possamos dizer, que na adolescência existe um trabalho mais consolidado ao nível da integração e da construção da identidade.

É a expressão do sentimento de autenticidade do sujeito, que se revela enquanto ser único, que procuramos no Rorschach, uma expressão que se revela numa actividade de ligação entre o interno e o externo, um sentimento que surge na resposta Rorschach enunciado sob a forma de uma imagem, que revela ao outro aquilo que de mais profundo existe no sujeito.

## 9 - Conclusão

Na fase final desta caminhada, rumo ao desconhecido, onde se tentou dar significado ao que de mais íntimo e pessoal existe em cada um dos adolescentes, que acederam a revelar e a partilhar este enigmático período do seu desenvolvimento, e que por nós foi dotado de novos significados, com a finalidade de conseguirmos um novo conhecimento.

A necessidade intrínseca de gerar novos significados por parte dos adolescentes conduz a uma transformação que tem como objectivo conquistar o desconhecido e integrá-lo, de modo a avançar para o patamar seguinte, que tanto anseia, a idade adulta. Este avanço pode ser entendido de acordo com a relação continente-conteúdo, através da qual é possível criar novos significados, os quais se revelam ao outro, através dos símbolos que são expressos nas respostas que são comunicadas. É através da comunicação que é possível analisar as transformações que o sujeito teve de realizar, espelhando a relação que existe no sujeito entre o mundo interno face ao externo.

A resposta Rorschach revela ao outro o movimento de ligação, exercido por parte do sujeito, entre o mundo interno e o mundo externo, surgindo desta forma a simbolização como um processo que permite a expressão do que surge de novo.

Através do Rorschach é possível aceder ao processo adolescente na sua dupla ligação, entre a realidade interna e a realidade externa, permitindo a nomeação das manchas que são desconhecidas e de certa forma ambíguas para o sujeito, tendo este de lhes conferir um significado. A actividade de atribuir sentido ao que a partida não o tem permite-nos entender de certa forma como é que o sujeito se organiza e como é que o mesmo tipo de movimento ocorre no seu próprio desenvolvimento, ou seja, durante o seu processo adolescente, como é que o sujeito se organiza face à turbulência que é sentida durante este período da sua vida.

As respostas dadas pelos adolescentes à prova, são também, a expressão da relação que o sujeito estabelece com o seu mundo interno, e com o que o rodeia, o que lhe é externo, a prova e quem a passa. São os movimentos de transformação e de ligação que permitem ao sujeito ir crescendo e que nos permitem tomar conhecimento da forma como se desenrola esse processo.

O Rorschach como instrumento de trabalho permitiu-nos aceder ao funcionamento mental do sujeito, bem como construir todo um saber sobre o mesmo, um conhecimento que para o Psicólogo impõe novos instrumentos de trabalho, no sentido de uma procura cada vez mais aperfeiçoada de conhecer o outro. É neste sentido que a resposta Rorschach nos permite ir compreendendo toda uma construção, onde está presente a actividade de simbolização por parte do sujeito.

Na concepção que procuramos ter do Rorschach, procuramos uma compreensão do funcionamento psíquico do sujeito, em vez de procedermos ao estabelecimento de um diagnóstico. Neste trabalho o nosso objectivo foi o de procurar novas formas de compreensão para os processos de desenvolvimento e de crescimento, processos estes que estão presentes no sujeito e que se expressam na actividade de resposta Rorschach.

Através deste valioso instrumento é possível aceder ao conhecimento do outro, ao modo como ele se relaciona, permitindo-nos também analisar o modo como o sujeito vivenciou o confronto com a prova.

A associação da situação de teste a uma “situação catastrófica” leva-nos a pensar na necessidade que existe, por parte do sujeito, em organizar-se mas também em empenhar-se numa actividade de ligação entre o seu mundo interno e o externo, de modo a conseguirem alguma estabilidade psíquica perante a turbulência, que apesar de ser sentida internamente, se revela ao outro no exterior, através da comunicação.

Perante o desconhecido, o sujeito procura a união, estabelecendo-se um trabalho de ligação entre o interno e o externo, sendo necessário uma transformação onde está em jogo o dentro e o fora, num movimento em que o sujeito procura um sentido para o que em si surge de desconhecido.

A resposta Rorschach pode ser compreendida de acordo com a oscilação apresentada por Bion da passagem de Ps para D, que permite ao sujeito crescer e desenvolver-se caminhando para o desejado “O”, para um infinito onde é possível encontrar um continente que contenha o que de mais desestruturado existe no sujeito e que é gerador de uma dor mental.

A dor mental pode ser compreendida de acordo com o modelo transformador de continente-conteúdo, que permite ao sujeito lidar com a frustração, que durante a adolescência se traduz, como podemos ver ao longo do trabalho, pela necessidade de fazer face a um corpo que agora se apresenta sexuado, dotado de novas características e de novos atributos, e da mudança que ocorre relativamente às figuras identificatórias, que agora se assumem como diferentes.

Na adolescência está presente todo um jogo de diferenças, que se operam ao nível da relação do sujeito face a si e face ao outro. É na relação com os outros que é possível compreender o que de diferente surge, como uma forma de se afirmar face a um desconhecido, que é muitas vezes sentido como ameaçador e perigoso para o sujeito, pelo que isso tem de ser transformado, isto é, dotado de novos significados que, quando expressos, revelam novos sentidos numa combinação que vai até ao infinito, tal como a expressão adolescente.

Na resposta que surge face à mancha, o que encontramos por parte do sujeito é um trabalho de ligação, entre os objectos que constituem o seu mundo interno e os que fazem parte do mundo externo, e que se revelam separados mas também ligados pela acção da barreira de contacto, que é como que uma pele psíquica constituída por elementos  $\alpha$ , ligados entre si, funcionando como um continente.

É a possibilidade de evocação de um continente suficientemente estável que permite ao sujeito fazer face à situação de teste, que é sentida como uma situação catastrófica, perante a qual entra em acção a barreira de contacto, que liga o que existe no interno ao que é apresentado no exterior ao sujeito, de modo a que surja um símbolo, que seja o resultado desta ligação, e a expressão ao que de mais íntimo ele acedeu, de que forma é que a transformação decorreu.

A transformação a que assistimos diz respeito à passagem dos elementos  $\beta$  a elementos  $\alpha$ , pela acção da função  $\alpha$ , que desempenha as suas funções num continente, onde também está presente a barreira de contacto que vai permitir a ligação entre o interno e o externo.

É esta a ligação que o sujeito realiza no momento em que as situações são vividas como catastróficas, como é o caso da situação de teste, que apresenta um carácter desconhecido, suscitando no sujeito novas formas de lidar com a turbulência que, ainda que sentida internamente, se revela ao outro, já que lhe é pedido que atribua um sentido a uma mancha que, para além do facto de ser desconhecida pelo sujeito, lhe desperta um sentimento de inquietação face ao que reenvia ao conteúdo que se apresenta de uma forma latente, e que agora tem que ser transformado pelo sujeito para poder comunicar uma resposta ao outro.

No processo de desenvolvimento adolescente decorrem muitas transformações. Neste trabalho procuramos pensar sobre as transformações que os adolescentes realizaram, ao nível do corpo e dos processos de identificação, numa procura de um

significado de acordo com um modelo de expressão do conhecimento, onde por limite temos o infinito.

É notório de uma forma muito clara, no nosso estudo, que ambos os jovens, já mesmo na adolescência, a vivência corporal, está ainda mal assimilada e compreendida.

O corpo do adolescente encontra-se em transformação apresentando novos significados para o próprio, que se reflectem ao nível da relação com o outro. Perante estas transformações, o jovem sente a grande necessidade de se conhecer a ele próprio, uma vez que a sua homeostasia interna está desregulada, existindo um desejo de ligar aquilo que em si é conhecido e o que é desconhecido, transformando-o de modo a poder ser compreensível e integrável.

Em relação às transformações que ocorrem ao nível das identificações que o adolescente realiza, na passagem da pré-adolescência, para a adolescência, deixamos de ter uma fusão com o outro igual, podendo o sujeito operar um movimento de construção de si, no que lhe faz sentido face ao outro, numa lógica de complementaridade, do que existe de diferente e de igual, permitindo ao adolescente a sua autenticidade. Estas transformações fazem com os adolescentes tenham um trabalho mais consolidado ao nível da integração e da construção da identidade.

Todas estas transformações que vão ocorrendo durante o processo de desenvolvimento da adolescência, quer ao nível do corpo e das identificações, vão provocando inquietação e turbulência dentro do próprio jovem, o mesmo se vai passar no confronto com o Rorschach.

Existe um impulso que move o sujeito para a compreensão da turbulência que é vivida e sentida internamente, com a qual é confrontado na situação de resposta, o ter de nomear uma mancha desprovida de sentido e de significado à partida, mas que lhe provoca todo um movimento interno de transformação que permite expressar as suas emoções e também aproximar-se do conhecimento mais exacto do seu Eu.

A actividade de criação de uma resposta Rorschach, onde está presente uma actividade de criação simbólica, realiza-se com base nos movimentos entre o dentro e o fora, entre a dispersão e a integração. É desta forma que surge o novo objecto, a resposta que o sujeito atribui, onde se opera uma ligação entre o interno e o externo, entre o passado e o presente, procurando sempre desbravar os caminhos do desconhecido, rumo ao crescimento e ao desenvolvimento.

No Rorschach e na adolescência, segundo Marques (1999), o externo deve ser investido, reconhecido, explorado e exercitado, em função do interno. É através deste

movimento de vaivém entre o externo e o interno e o interno e o externo, que ambos os mundos se enriquecem e transformam-se, adquirindo novas qualidades.

A adolescência é um período do desenvolvimento onde ocorrem múltiplas transformações, que afectam tanto o corpo como a relação consigo e com os outros, tanto os comportamentos mais aparentes como a personalidade profunda. Este desenvolvimento irreversível, foi sempre fonte de uma formidável potencialidade, mas também de uma verdadeira dificuldade, para aqueles que o atravessam como actores principais, como parceiros ou como espectadores.

O futuro do adolescente vai depender da capacidade de integrar essas transformações criando algo de novo e próprio através das suas decisões e das suas escolhas. A adolescência é a idade da criação de novos estilos de relação de objecto e da definição de objectivos é também um período da vida que obriga a renuncias.

Em suma podemos verificar , que a adolescência é um período de abertura e de mudanças, de descoberta e de conquista, mas é também o tempo da dúvida, do aborrecimento e de uma expectativa impaciente, o tempo da esperança e da ilusão.

## Referências Bibliográficas

- Aberastury, A. (1988). *Adolescência*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bion, W. R. (1991). *As transformações .A mudança do aprender para o crescer*. Rio de Janeiro: Imago Editora (Obra original publicada em 1965).
- Bléandonu, G. (1993). *Wilfred R. Bion. A vida e obra 1897-1979*. Rio de Janeiro: Imago Editora
- Blos,P. (1985). *Adolescência. Uma interpretação psicanalítica*. São Paulo: Martins Fontes editora.
- Braconnier, A (1985). Ruptures et séparations. *Adolescence*, 3,1. 5-19.
- Braconnier, A., Marcelli, D. (2000). *As mil faces da adolescência*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Bollas, C. (1989). L’objet Transformationnel. *Reviu Française de Psychanalyse LIII*, 1181-1199.
- Claes, M. (1990). *Os problemas da Adolescência*. Lisboa: Verbo.
- Dias, C., Vicente, T. (1984). *A Depressão no Adolescente*. Porto: Edições Afrontamento.
- Fleming,M. (1993). *A Adolescência e Autonomia*. Porto: Edições Afrontamento.
- Freud, S. (1989). *Textos essenciais de Psicanálise: A teoria da sexualidade* (2 vol). Lisboa: Publicações Europa–América. (Obra original publicada em 1905)

Grinberg, L.; Sor, D. & Bianchedi, E. (1991). *Nueva Introduccion a Las Ideas de Bion*. Madrid: Tecnipublicaciones.

Grinberg, L. (2001). *Teoria da Identificação*. Lisboa: Climepsi Editores.

Laufer, M.; Laufer, M. (1984). *Adolescence and Development Breakdown*. London: Yale University Press.

Malpique, C. (1986). Valor das "latências" na construção da identidade. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 4, 87-98.

Marques, M. E. (1990). A transcrição no Rorschach das expressões masculina e feminina da pré-adolescência e da adolescência. *Actas de Psicologia Clínica*

Marques, M. E. (1991). As Manifestações dos Mecanismos Adaptativos/Defensivos nos Rorschach de Adolescentes. *Análise Psicológica*, 2 (IX), 203-209.

Marques, M. E. (1993). L'Expression Féminine et Masculine de l'adolescence a travers le rorschach: le travail de transformation et de construction a l'adolescence. *Bulletin de la Société du Rorschach et des Méthodes Projectives de Langue Française*. 37, 41-55.

Marques, M. E. (1994a). Do desejo do Saber ao Saber do Desejo: Contributos para a caracterização da situação Projectiva. *Análise Psicológica*, 2 (XII), 431-439.

Marques, M. E. (1994b). A metodologia Projectiva e a Avaliação Psicológica na(s) Adolescência(s): O(s) sentido(s) do(s) sentido(s). *Análise Psicológica*, 4 (XII), 473-479.

Marques, M. E. (1996a). Feminino, fecundo e finito. Expressões nos rorschach de adolescentes. *Análise Psicológica*, 1 (XIV), 45-52.

Marques, M. E. (1996b). Comunicação, interpretação e simbolização no/para o rorschach. *Análise Psicológica*. 1 (XIV), 39-44.

Marques, M. E. (1999). *A Psicologia Clínica e o Rorschach*. Lisboa: Climepsi Editores.

Marques, M. E. & Aleixo, P. (1994). O Rorschach e a Revelação do Trabalho de Ligação e Transformação do Interno e do Externo. *Análise Psicológica*, 4 (XII) 459-462.

Matos, C. (1977). Psiquiatria no Adolescente. *António Coimbra de Matos*, 5, 83-84.

Matos, C. (1978 a). Crise da juventude e identidade. *António Coimbra de Matos*, 7, 37-40.

Matos, C. (1978 b). Identificação. *António Coimbra de Matos*, 6, 73-78.

Matos, C. (1978-79). Mudança de Objecto e Mudança de Objectivo na Adolescência. *António Coimbra de Matos*, 7, 15-19.

Matos, C. (1982-83a). O investimento da imagem corporal na adolescência. *António Coimbra de Matos*, 10, 94-96.

Matos, C. (1982-83b). Sobre a adolescência. *António Coimbra de Matos*, 10, 32-39.

Matos, C. (1982-83c). A adolescente: Príncipe Édipo e Rei Narciso. *António Coimbra de Matos*, 10, 48-57.

Matos, C. (1984). *Depressão; Estrutura e Funcionamento*. I Simpósio de Dinâmica da Depressão: Lisboa.

Matos, C. (1984-86). Notas sobre a adolescência. *António Coimbra de Matos*, 10, 76-88.

Matos, C. (2001). *Depressão*. Lisboa: Climepsi Editores.

Matos, C. (2002). *O Desespero*. Lisboa: Climepsi Editores.

Matos, C. (2007). *Vária. Existo Porque Fui Amado*. Lisboa: Climepsi Editores.

Meltzer, D. (1979). *Os Estados Sexuais da Mente*. Rio de Janeiro: Imago

Meltzer, D. (1990). O conflito Estético: o seu lugar no processo de desenvolvimento. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 8, 5-30.

Rausch de Traubenberg, N., Bloch-Lainé, F., Duplant, N., Martin, M. & Poggionovo, M. (1993). Le Rorschach a l'adolescence : La Clinique du Normal. *Bulletin de la Société du Rorschach et des Méthodes Projectives de Langue Française*. 37, 7-39.

Salgueiro, E. (1990). Breves Reflexões sobre o Narcisismo e o objecto Estético na Adolescência. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 8, 71-75.

Segal, H. (1975). Introdução à obra de Melain Klein. Imago Editora: Rio de Janeiro.

## Anexo

### Protocolo do Salvador aos 13 anos

#### I

6''

1 – *Um insecto.*

G F+ A

(O insecto, por esta forma – Dd inf. central, que me faz lembrar aquelas coisas que as abelhas tem, o vespão. E pelas asas – D lat.)

2 – *Uma máscara. Sei lá... mais nada.*

Gbl F+ Másc.

(Uma máscara, por causa dos olhos – Dbl, e aqui as orelhas – D lat.)

31''

#### II

Olha com muita atenção e afasta o cartão.

12''

*Sei lá... √ A mim não me diz nada.*

Recusa

24''

#### III

4''

*Vai lá vai!*3 – *Um monstro por exemplo.*

G FClob (H)

(O monstro por causa dos olhos – vermelho sup., o nariz – vermelho central, e a boca, parecia cortado, aqui pinças e os dentes muito afiados – Dbl com o negro em baixo).

4 – *Duas pessoas. Agora lembrei-me parecem duas pessoas a agarrarem qualquer coisa. É só.*

G K H Ban

(As pessoas – negro, a cabeça, o tronco, os braços, as pernas – aponta com o dedo, a agarrar – D inf. central).

43''

#### IV

5''

5 – *Uma planta. Uma folha destrocada rasgada.*

G EF Plt.

(A folha virada ao contrário – Dd sup., esta parte parece um pau- D inf. central, esta parte parece que estava rasgada – D lat.).

6 – *Um animal com asas, esquisito.*

G F+ A

(O animal é assim √, a cabeça – D sup., as asas – D lat., os pés – D lat., e o rabo e a cauda – D inf. central).

29''

---

|   |            |
|---|------------|
| <b>V</b>  |            |
| 2''   |            |
| 7 – <i>Um morcego.</i>  | G F+ A Ban |
| (Os pés – D inf. central, aqui as asas – D lat., a cabeça e as orelhas – D sup.). |            |
| 8 – <i>Uma borboleta. É só.</i>   | G F+ A     |
| (É todo).   |            |
| 11''  |            |

---

|  |            |
|--|------------|
| <b>VI</b>  |            |
| 5''  |            |
| 9 – <i>Sei lá...um pau com uma coisa em baixo.</i>   | D F– Obj.  |
| (O pau – D sup., central, aqui – parte inf., alarga-se, afasta-se, por isso é que pensava que tinha alguma coisa.) |            |
| 10 – <i>Uma pele de um animal aberta.</i>  | G F+ A Ban |
| (A pele, o focinho, as orelhas, o bigode, aqui as patas dianteiras e aqui as traseiras).                           |            |
| 24''   |            |

---

|   |                |
|---|----------------|
| <b>VII</b>  |                |
| 4''   |                |
| 11 – <i>Duas pessoas ligadas uma à outra.</i>                           | D K H          |
| (3.º terço)   | → Obs. Ligação |
| 12 – <i>Parecem duas caras e o cabelo em pé.</i>                        | D F+ Hd        |
| (Uma cara – 1.º terço, aqui a trança um bocado defeituosa – 2.º terço). |                |
| 25''  |                |

---

|  |        |
|--|--------|
| <b>VIII</b>  |        |
| 4''  |        |
| 13 – <i>Dois lagartos a subirem um objecto qualquer.</i> | D F+ A |
| (Lagartos – Rosa lat.).                                  |        |
| 28''   |        |

---

|  |            |
|--|------------|
| <b>IX</b>                                |            |
| 6''                                      |            |
| 14 – <i>Desenho colorido. Mais nada.</i> | G CF Abst. |
| (Pelas cores.)                           |            |
| 17''                                     |            |

---

**X**

7''

15 – *Uma árvore colorida com várias cores, ramos com folhas.* D bl CF Bot.

(Faz-me lembrar uns ramos – rosa e azul lat., e as folhas – verde sup., amarelo sup. e laranja).

16 – *Com insectos com cores diferentes.*

D CF A

(Os insectos – amarelo inf.)

30''

### Prova das Escolhas

- + I – *Gostei muito, por causa da forma e da textura.*  
 V – *Porque faz-me lembrar um animal que eu gosto muito.*
- II – *Não gosto da forma do desenho e da cor.*  
 IX – *Não gosto da cor e não gosto da forma.*

### Psicograma do Protocolo de Rorschach do Salvador aos 13 anos

|             |     |          |     |      |              |   |              |   |            |    |
|-------------|-----|----------|-----|------|--------------|---|--------------|---|------------|----|
| <b>R</b>    | 16  | <b>G</b> | 10  | 62 % | <b>F</b>     | 9 | <b>A</b>     | 7 | <b>F%</b>  | 56 |
|             |     | (Gbl)    | (1) |      |              |   |              |   | <b>F+%</b> | 89 |
| <b>T.T.</b> | 15' | <b>D</b> | 6   | 38 % | +            | 8 | <b>H</b>     | 2 | <b>A%</b>  | 44 |
|             |     | (D bl)   | (1) |      | -            | 1 | <b>Hd</b>    | 1 | <b>H%</b>  | 25 |
|             |     |          |     |      | <b>K</b>     | 2 | <b>(H)</b>   | 1 | <b>Ban</b> | 3  |
|             |     |          |     |      | <b>FClob</b> | 1 | <b>Masc</b>  | 1 |            |    |
|             |     |          |     |      | <b>EF</b>    | 1 | <b>Plt.</b>  | 1 |            |    |
|             |     |          |     |      | <b>CF</b>    | 2 | <b>Obj.</b>  | 1 |            |    |
|             |     |          |     |      |              |   | <b>Abst.</b> | 1 |            |    |
|             |     |          |     |      |              |   | <b>Bot.</b>  | 1 |            |    |

**TRI** 2 K : 2 Σ C

**FC** 0 Σ k : 1 Σ E

**RC%** 25

**IA%** 6

### Elementos Qualitativos

Recusa (II); Choque Clob (III); Obs. Ligação (VII).

## Protocolo de Rorschach do Salvador aos 17 anos

---

### I

3''

1 – *Um insecto.*

G F+ A

(As asas aqui – D sup. central, e as pinças – Dd sup. central).

13''

---

### II

9''

*Para ser sincero não sei... Não tou a imaginar nada....*2 – *Uma flor.*

D F– Bot.

(Aqui as pétalas – negro, e aqui aqueles pozinhos, o pólen – vermelho inf.)

30''

---

### III

10''

Risos.

3 – *Duas pessoas. Mais nada.*

G K H Ban

(As pessoas – negro, parece que estão a pegar em alguma coisa)

17''

---

### IV

5''

4 – *Um morcego.*

G F+ A

(Aqui as asas – D inf. central, aqui as patas – D sup. lat., e a cabeça – D inf. central).

10''

---

### V

7''

5 –  $\vee/\wedge$  *Uma espécie de ave.*

G F+ A

(Aqui as patas – D inf. central, aqui as asas – D lat., e aqui a cabeça – D sup.).

14''

---

### VI

15''

Risos e ar de espanto.

Recusa

*Não sei... não consigo imaginar nada.*

24''

---

**VII**

6''

6 – *Duas pessoas. Mais nada.*

D F+ Hd

(Aqui a cara com o cabelo – 1.º terço, aqui os ombros – 2.º terço.)

11''

---

**VIII**

6''

7 – *Dois répteis a subir uma árvore.*

D F+ A

(Tronco – o centro todo, e os répteis – rosa lat.).

19''

---

**IX**

8''

8 – *Um tronco.*

G F– Bot.

(Todo.)

13''

---

**X**

7''

9 – *A copa de uma árvore com folhas.*

D bl CF Bot.

(A copa da árvore – entre o rosa e o verde, e o restante são as folhas.).

18''

---

**Prova das Escolhas**+ III – *Parecem duas mulheres.*VIII – *Porque pareceu-me mesmo dois répteis a subir uma árvore.*- II e VI – *Porque não me chamou muito a atenção, não percebi muito bem o desenho.*

---

**Psicograma do Protocolo de Rorschach do Salvador aos 17 anos**

|                               |     |          |     |      |           |   |             |   |            |    |
|-------------------------------|-----|----------|-----|------|-----------|---|-------------|---|------------|----|
| <b>R</b>                      | 9   | <b>G</b> | 5   | 56 % | <b>F</b>  | 7 | <b>A</b>    | 4 | <b>F%</b>  | 78 |
| <b>T.T.</b>                   | 15' | <b>D</b> | 4   | 44 % | +         | 5 | <b>H</b>    | 1 | <b>F+%</b> | 71 |
|                               |     | (D bl)   | (1) |      | -         | 2 | <b>Hd</b>   | 1 | <b>A%</b>  | 44 |
|                               |     |          |     |      | <b>K</b>  | 1 | <b>Bot.</b> | 3 | <b>H%</b>  | 22 |
|                               |     |          |     |      | <b>CF</b> | 1 |             |   | <b>Ban</b> | 1  |
| <b>TRI</b> 1 K : 1 Σ C        |     |          |     |      |           |   |             |   |            |    |
| <b>FC</b> 0 Σ k : 0 Σ E       |     |          |     |      |           |   |             |   |            |    |
| <b>RC%</b> 33                 |     |          |     |      |           |   |             |   |            |    |
| <b>IA%</b> 11                 |     |          |     |      |           |   |             |   |            |    |
| <b>Elementos Qualitativos</b> |     |          |     |      |           |   |             |   |            |    |
| Recusa (VI).                  |     |          |     |      |           |   |             |   |            |    |

## Protocolo de Rorschach da Leonor aos 13 anos

---

### I

6''

1 – *Um morcego.*

(Parece que tem aqui umas asas – D lat., e o corpo aqui no meio).

G F+ A Ban

10'

---

### II

6''

2 – *Não sei... Parece uma cara.*

Gbl F– Hd

(Parece que tem dois olhos – vermelho sup., o nariz – Dd no negro sup. central, a boca – Dbl central).

(R.A.: Uma coisa de precipício, faz lembrar qualquer coisa que não tem fundo – G bl EF Nat.).

14''

---

### III

4''

3 – *Parecem dois seres não definidos.*

G K (H)

(Parece que eles estão a agarrar qualquer coisa – D inf. central. Tem corpo – negro, mas não é humano, não parece).

15''

---

### IV

7''

4 – *Um gigante qualquer.*

G FClob (H)

(Eu vi de baixo para cima. As botas – D lat., a cabeça, os ombros e os braços – D lat. sup.).

14''

---

### V

3''

5 – *Um morcego.*

G F+ A Ban

(Por causa das asas e porque é pequenino e preto).

7''

---

### VI

3''

6 – *Um gato.*

G F+ A

(Parece que está com o focinho para cima, com os bigodes e as orelhas.)

6''

---

**VII**

6''

7 – *Parecem duas pessoas, de frente uma para a outra.* D K H

(Aqui – 1.º terço, parece que tem a forma da cara, aqui – 2.º terço, o corpo, parece que tem o corpo de algum animal).

18''

---

**VIII**

7''

8 – *Aqui só consigo ver, mais ou menos, dois animais, um género de felino.* D F+ A Ban

(Animais – rosa lat., as patas e o focinho).

23''

---

**IX**

4''

9 – *Água ...* D kob Elem.

(Água, porque aqui parecia uma cascata – Dbl central)

10 – *Género de uma floresta.* D CF Nat.

(O resto a floresta – mancha).

17''

---

**X**

4''

11 – *Aqui faz-me lembrar o fundo do mar.* Gbl CF Nat.

(Mais por causa dos desenhos animados)

(R.A.: O castelo – cinz. sup. – D F– Obj.)

(R.A.: Aqui algas – azul lat., – D F± Bot.)

(R.A.: Um caranguejo – cinz. inf. – D F+ A)

(R.A.: Duas sereias – amarelo inf – D F– (H))

(R.A.: Dois cavalos marinhos – rosa – D F+ A)

16''

---

**Prova das Escolhas**+ IX – *Por causa das cores.*X – *Porque me faz lembrar o fundo do mar.*- I – *Porque me fazia lembrar um morcego.*II – *Porque parece que tem uma cara esquisita.*

---

**Psicograma do Protocolo de Rorschach da Leonor aos 13 anos**

|             |     |          |     |      |              |   |             |   |            |    |
|-------------|-----|----------|-----|------|--------------|---|-------------|---|------------|----|
| <b>R</b>    | 11  | <b>G</b> | 7   | 64 % | <b>F</b>     | 5 | <b>A</b>    | 4 | <b>F%</b>  | 45 |
|             |     | (Gbl)    | (2) |      |              |   |             |   | <b>F+%</b> | 80 |
| <b>T.T.</b> | 15' | <b>D</b> | 4   | 36 % | +            | 4 | <b>H</b>    | 1 | <b>A%</b>  | 36 |
|             |     |          |     |      | -            | 1 | <b>Hd</b>   | 1 | <b>H%</b>  | 36 |
|             |     |          |     |      |              |   | <b>(H)</b>  | 2 |            |    |
|             |     |          |     |      | <b>K</b>     | 2 | <b>Nat</b>  | 2 | <b>Ban</b> | 3  |
|             |     |          |     |      | <b>kob</b>   | 1 | <b>Elem</b> | 1 |            |    |
|             |     |          |     |      | <b>FClob</b> | 1 |             |   |            |    |
|             |     |          |     |      | <b>CF</b>    | 2 |             |   |            |    |

**TRI** 2 Σ K : 2 Σ C

**FC** 2 Σ k : 0 Σ E

**RC%** 36

**IA%** 9

**Elementos Qualitativos**

Choque Clob (IV).

## Protocolo de Rorschach da Leonor aos 17 anos

---

### I

1''

1 – *Um morcego.*

G F+ A Ban

(As asas – D lat., e porque é preto).

7''

---

### II

8''

*Ai que esquisito!*

Choque

2 – *Parece uma cara. Aqui os dois olhos, o nariz e a boca aberta.*

Gbl kp Hd

(Os olhos – vermelho sup., o nariz – Dd negro central, a boca – Dbl central, parece que está a gritar. Parece que tiraram uma fotografia de baixo para cima).

27''

---

### III

5''

3 – *Parecem duas pessoas a tocarem em alguma coisa que tem em comum.*

G K H Ban

(As cabeças, o corpo e as pernas e como isto parecem os braços parece que estão a agarrar alguma coisa).

26''

---

### IV

10''

4 – *Isto parece-me um gigante, isto são as botas dele, os braços e a cabeça.*

G FClob (H)

(Aqui estão as pernas grande – D lat. inf., aqui estão os braços – D lat. sup., e aqui a cabeça – D sup. central, parece que tem um gorro. Ele está virado de costas para mim).

35''

---

### V

2''

5 – *Parece-me um morcego.*

G F+ A Ban

(as asas, as pernas, e a cabeça dele aqui – D sup. central).

12''

---

**VI**

4''

6 – *Parece-me um gato esticado. Estão aqui os bigodes e as orelhas...* D F+ A

(Parece que ele tem aqui as patas inferiores, aqui são as superiores – D inf., parece que está esticado. Aqui são os bigodes – D sup.)

45''

---

**VII**

4''

7 – *Parecem-me dois duendes virados um para o outro.* D K (Hd)

(Isto fez-me lembrar o Peter Pan por causa do chapéu – Dd do 1.º terço, e o recorte fez-me lembrar a cara deles de perfil).

18''

---

**VIII**

7''

←

D Kan A Ban

8 – Isto são dois animais, dois lobos.  
(Os lobos – rosa lat., estão andar).

D CF Bot.

9 – *Isto são árvores de uma floresta.*  
(Árvores – verde e o cinzento).

D F± Nat.

10 – *Isto parece-me uma rocha.*  
(Rocha – rosa inf.)

30''

---

**IX**

11''

11 – *Isto parece-me água, uma cascata,* Dbl kob Elem.  
(A cor clarinha – Dbl central, parece água que está a cair, fez-me lembrar uma cascata.)

12 – *Aqui rochas*  
(Rochas – rosa inf.)

D F± Nat.

13 – *Aqui árvores.*  
(As árvores – verde, troncos – laranja)

D CF Nat.

34''

---

**X**

6''

*Eu lembro-me deste!*

14 – *Aqui duas sereias.*  
(Sereias – amarelo inf. central).

D F– (H)

---

|  |             |
|--|-------------|
| 15 – <i>Duas algas</i><br>(Algas – azul lat.)                  | D F± Bot.   |
| 17 – <i>Dois caranguejos.</i><br>(Caranguejos – cinzento inf.) | D F+ A      |
| 17 – <i>Parece-me o fundo do mar.</i><br>(Tudo).<br>40’’       | Gbl CF Nat. |

---

### Prova das Escolhas

- + VII – *Porque me faz lembrar duendes virados um para o outro e eu gosto de duendes.*  
X – *Porque tem muitas cores e parece-me o fundo do mar.*
- II – *Porque parece-me uma cara assustadora. É obscuro este para mim.*  
VI – *Porque me parece um gato atropelado coitadinho do animal.*
- 

### Psicograma do Protocolo de Rorschach da Leonor aos 17 anos

|                               |               |          |     |      |              |   |             |   |            |    |
|-------------------------------|---------------|----------|-----|------|--------------|---|-------------|---|------------|----|
| <b>R</b>                      | 17            | <b>G</b> | 6   | 35 % | <b>F</b>     | 8 | <b>A</b>    | 5 | <b>F%</b>  | 47 |
|                               |               | (Gbl)    | (2) |      |              |   |             |   | <b>F+%</b> | 69 |
| <b>T.T.</b>                   | 20’           | <b>D</b> | 11  | 65 % | +            | 4 | <b>H</b>    | 1 | <b>A%</b>  | 31 |
|                               |               | (Db1)    | (1) |      | -            | 1 | <b>(H)</b>  | 2 | <b>H%</b>  | 25 |
|                               |               |          |     |      | ±            | 3 | <b>(Hd)</b> | 1 | <b>Ban</b> | 4  |
|                               |               |          |     |      | <b>K</b>     | 2 | <b>Nat</b>  | 4 |            |    |
|                               |               |          |     |      | <b>kan</b>   | 1 | <b>Bot</b>  | 2 |            |    |
|                               |               |          |     |      | <b>kob</b>   | 1 | <b>Elem</b> | 1 |            |    |
|                               |               |          |     |      | <b>kp</b>    | 1 |             |   |            |    |
|                               |               |          |     |      | <b>FClob</b> | 1 |             |   |            |    |
|                               |               |          |     |      | <b>CF</b>    | 3 |             |   |            |    |
| <b>TRI</b>                    | 2 Σ K : 3 Σ C |          |     |      |              |   |             |   |            |    |
| <b>FC</b>                     | 2 Σ k : 0 Σ E |          |     |      |              |   |             |   |            |    |
| <b>RC%</b>                    | 58            |          |     |      |              |   |             |   |            |    |
| <b>Elementos Qualitativos</b> |               |          |     |      |              |   |             |   |            |    |
| Choque Clob (IV).             |               |          |     |      |              |   |             |   |            |    |

